

NA TRILHA
DO GRUPO DE JOVENS

Como dinamizar um grupo de jovens?

Organização:

Carmem Lucia Teixeira,
Elmira Vicente Inácio e
Jacira Pires Barbosa

3ª Edição
Brasília, 2013



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Como dinamizar um grupo de jovens? / organização
Carmem Lucia Teixeira, Elmira Vicente Inácio e
Jacira Pires Barbosa.-- 1. ed. -- São Paulo : CCJ
- Centro de Capacitação da Juventude, 2007. --
(Coleção na Trilha do Grupo de Jovens)

Vários Autores.
ISBN 978-85-86785-27-6

1. Igreja - Trabalho com Jovens 2. Teologia
pastoral I. Teixeira, Carmem Lucia. II. Inácio,
Elmira Vicente. III. Barbosa, Jacira Pires.
IV Série.

07-2947

CDD-253.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Pastoral da juventude : Cristianismo 253.7

Coleção **Na Trilha do Grupo de Jovens**

Subsídios elaborados no I Seminário Nacional de Elaboração de Material para Grupos de Adolescentes e Jovens de 02 a 09 de julho de 2006. Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude. Local: Centro Pastoral Dom Fernando, Goiânia-GO.

Elaboração dos textos

Oficina Emaús: Antônio Carlos Bezerra Camelo, Carlos Rangel Neves Otto, Carmem Lucia Teixeira, Crislan Viana de Moura, Dércio Ângelo Berti, Gisley Azevêdo Gomes, João Batista Pereira, Jorge Alexandre Oliveira Alves, Jorge Cláudio Ribeiro, Karlos Márcio Vieira Cabral, Lucas Martins Torgo, Lucinethe Pereira da Silva, Márcio Valério Mendonça Tomaz, Simone Costa Moreira, Solange dos Santos Rodrigues, Susana Maria Maia, Thiago Fernandes Gonçalves,

Revisão

Carmem Lucia Teixeira, Leonardo Venícius Parreira Proto, Elmira Vicente Inácio e Pe. Hilário Dick, SJ.

Equipe editorial

Carmem Lucia Teixeira, Elen Linth, Gisley Azevedo Gomes, Lourival Rodrigues da Silva, João Carlos e José Wilson

Projeto gráfico, diagramação e ilustrações

Engenho - Suporte em Comunicação

Copidesque

Divina Maria de Queiroz

Tiragem

Tiragem: 5.000 mil exemplares - 1ª Edição - Abril de 2007.

Tiragem: 5.000 mil exemplares - Edição comemorativa - Julho de 2013.

Copyright 2007

Editora

CCJ - Centro de Capacitação da Juventude

Edição publicada em comemoração aos 40 anos da Pastoral da Juventude no Brasil.

Apresentação

*“Jesus subiu a montanha e chamou os que ele quis; e foram a ele.
Ele constituiu então doze, para que ficassem com ele
e para que os enviasse a anunciar a Boa Nova,
com o poder de expulsar os demônios”
(Mc 3, 13-15).*

A Igreja do Brasil, numa proposta desafiadora, quis debruçar sobre a realidade da juventude. Ousou motivar pessoas, grupos e instituições diversas para fazer o mesmo. O tema “Evangelização da Juventude” foi abordado em seminários nacionais, regionais e locais por especialistas, pastoralistas e pessoas comprometidas com a causa da juventude.

A Rede Brasileira de Institutos de Juventude, em sintonia com a 44ª Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - que teve como tema central a Evangelização da Juventude - participou deste processo dando contribuição significativa. Em comunhão com a Igreja e respondendo ao clamor da juventude brasileira por subsídios atualizados, realizou o Seminário Nacional de produção de materiais para grupos de adolescentes e jovens. Frutos deste seminário, que contou com a participação de mais de uma centena de lideranças entre assessores, membros de institutos, congregações e pesquisadores engajados no mundo juvenil, começam agora a serem publicados.

Nossa alegria é imensa por apresentar esta ferramenta que cuida com carinho da vida grupal, tal como a mãe cuida de seus filhinhos! Este material era esperado pela juventude! Alegria maior ainda é poder corresponder à necessidade juvenil de material para seus encontros. Encontros que contribuem no processo de evangelização da juventude, além de ser proposta mais unificada de caminho para os grupos de jovens e adolescentes de nossas comunidades, das pastorais de juventude, da pastoral vocacional, dos movimentos eclesiais, das novas comunidades, das congregações, de preparação para a crisma, enfim, material que oferece possibilidade ampla, com linguagem bíblico-pastoral para a vida cotidiana de um grupo eclesial.

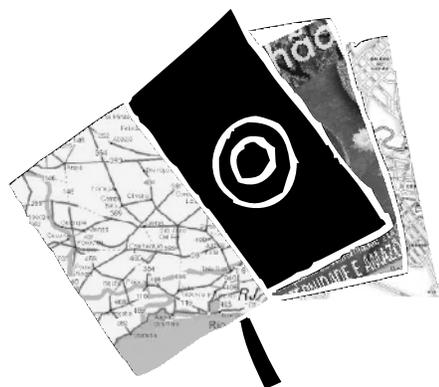
Alguns valores, já na preparação do material, orientavam as muitas mãos que se juntavam para produzir estes pontos de encontro. Valores que, no desenvolvimento do tema, são abordados com simbologia e linguagem próprias à juventude:

- partindo da atenção ao tema dos direitos,
- priorizando a vida da juventude por meio de alternativas grupais,
- passando pelo oferecimento de instrumentos para a construção do Projeto de vida,
- respondendo às necessidades apresentadas no “Estudo 93 da CNBB” de consideração das várias expressões juvenis,
- apontando um caminho fértil para o discipulado e missionariedade da juventude,
- sendo resposta de vida para a juventude se organizar e exercer sua missão na Igreja e no mundo.

Na trilha do grupo, desejamos que o coração da juventude possa sempre arder com a mesma intensidade que ardeu nos discípulos de Emaús ao caminhar, retomando a história, reconhecendo a presença de Jesus em seu meio, alimentando-se Dele e partindo para anunciar a Boa Notícia.

Campo Grande, 15 de fevereiro de 2007.

D. Eduardo Pinheiro da Silva, SDB
Bispo Auxiliar de Campo Grande, MS
Responsável pelo Setor Juventude da CNBB.





INTRODUÇÃO

Que caminho é esse?

Este material deseja ser um instrumento para o planejamento dos grupos de jovens, independente da fase em que estejam e quantos anos já caminharam. Ele propõe alguns pontos para a reflexão sobre a dinâmica de um grupo de jovens. O presente subsídio tem um maior acento na dimensão técnica e trabalha o processo de capacitação do grupo de jovens, ou seja, o papel da coordenação, do planejamento, entre outros.

Com estes pontos de reflexão o desejo é contribuir na formação de pessoas autônomas. Ou seja, protagonistas de sua história pessoal e de sua comunidade, com um projeto de vida claro. Considera a pessoa do/a jovem e suas relações de modo a levar ao crescimento da fé e sonha em que esse amadurecimento seja traduzido na participação, no engajamento e no apoio às ações que são desenvolvidas em vista da transformação da realidade, sinal da ressurreição vivida por Jesus. Com esse exercício, o grupo contribuirá na criação de um outro mundo possível, onde a cidadania, a ética, a solidariedade e os direitos sejam a base para que novas relações, em todos os níveis, de fato, aconteçam.

Por isso, embora a prioridade deste subsídio seja a dimensão da Capacitação Técnica, todos os demais processos propostos pela formação integral (Personalização, Integração, Evangelização e Conscientização) estarão presentes. Isso pode ser constatado na forma como os roteiros estão organizados e elaborados, com técnicas e dinâmicas, textos, músicas, orações e outros elementos.



É de suma importância considerar, no trabalho de formação e evangelização da juventude, a linguagem. A juventude é diversa e diversas são as formas de expressões e jeitos de se comunicar (símbolos, músicas, gestos, vestimentas...). Por isso, tentamos considerar elementos que estão presentes na linguagem da juventude.

De onde nasceu este material?

Ele nasce do esforço de muitas pessoas que participaram do seminário que aconteceu de 02 a 09 de julho de 2006 em Goiânia. Este seminário teve como tema A Evangelização da Juventude a partir dos grupos de jovens e como lema “Não ardia nosso coração no caminho?” Foi um espaço para discutir o contexto e os desafios da juventude. Esta idéia do seminário surgiu a partir da necessidade dos grupos de jovens em terem um material atualizado. Por isso, o seminário esteve atento à formação sistemática da fé a partir da integralidade da pessoa, despertando-a para assumir seu protagonismo no mundo. O seminário reuniu uma centena de lideranças, assessores/as, educadores/as e especialistas para uma tarefa de pensar caminhos e roteiros para a atualização do trabalho de evangelização das diversidades que temos de juventude.

O resultado final foi a produção de roteiros para grupos de adolescentes e jovens, considerando os grupos a partir da crisma e, ainda, sua localização ou ambiente e comunidades urbanas, rurais, cidades de médio e pequeno porte, escolas, universidades, meio popular. Ele está organizado na coleção “Na trilha do grupo”, com seis cadernos.

Linguagem bíblico-pastoral

O material tem como referência uma linguagem bíblico-pastoral, ou seja, a presença inspiradora do texto sagrado do livro dos Judeus e Cristãos (a Bíblia), memória da experiência histórica de fé que um povo faz com Deus e com Jesus. Em cada um dos cadernos somos convocados/as a visitar um lugar bíblico. Neste, o caminho de Emaús. É um convite a estarmos em comunhão com os discípulos/as no encontro amoroso com Jesus de Nazaré que caminha com os jovens e que indica os momentos fortes da vivência deste encontro na comunidade eclesial.

Este caderno reúne vários pontos de reflexão, no desejo provocar o grupo de jovens a fazer o caminho de Emaús. Seguir nas trilhas de Jesus e com Jesus. Nestas trilhas cheias de dúvidas, perguntas, angústias, tristezas, memórias das experiências vividas, alegria do reencontro, gratuidade na celebração... tudo o que a vida nos oferece no dia-a-dia: trabalho, estudo, lazer, ócio, prazer, cuidado... celebrado no caminho com Jesus.

experiências vividas, alegria do reencontro, gratuidade na celebração... tudo o que a vida nos oferece no dia-a-dia: trabalho, estudo, lazer, ócio, prazer, cuidado... celebrado no caminho com Jesus.

O mesmo Jesus que questiona e faz nascer pessoas novas, com memória, com capacidade de celebrar e de levar a vida adiante, voltar no caminho.

O grupo que fará este caminho precisa escolher um símbolo. Algo que seja forte.

Algo que entre para a história do grupo e que ajude os/as jovens do grupo a fazerem seus processos pessoais e comunitários no encontro pessoal e definitivo com Jesus expresso no modo de intervir na realidade da juventude para que todos/as creiam na vida prometida por Ele.

Como está organizado o caderno

O caderno está organizado em trilhas, com pontos de paradas para refletir. O grupo pode escolher e planejar o caminho que irá fazer partindo dos pontos mais frágeis ou de interesse dos/as jovens que estão vivendo no grupo. Atividades/ação concretas podem ser modos de trabalhar muitos dos conteúdos.

A que a coordenação terá que estar atenta?

É importante que os encontros sejam preparados com antecedência fazendo a leitura dos textos propostos e organizar os materiais indicados para serem usados durante a reunião. No início de cada ponto encontra-se a lista do material a ser utilizado.

É isso aí, meninos e meninas. Aproveitem o material, fruto de muitas reflexões e de um esforço de muitas mãos (de assessores/as jovens e adultos).

Esta coleção não tem a pretensão de ser uma receita que a gente toma à “risca” para resolver a questão. Ela se parece mais com um mapa que apenas serve para orientar o caminho. A experiência é sempre do grupo. Não existe um material adequado à realidade de cada grupo ou de cada região. Todo material somente nos auxilia nos planejamentos que fazemos para a vivência dos processos a partir dos jovens que participam dos grupos.

O grupo de jovens é um espaço de trabalhar valores, cultivar hábitos de cuidado com as pessoas, com a comunidade, com o país e com o planeta, a fim de concretizar um “outro mundo possível”.

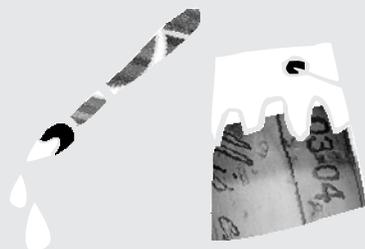
Ao realizar cada ponto proposto estamos sonhando que o grupo terá trabalhado os diversos tipos de líderes, os modos de coordenar uma reunião e de planejar pequenas atividades, experienciando a importância da organização de um grupo em redes mais amplas.

Quem é o responsável por este material?

A Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude, uma estrutura de serviço especializada em adolescência e juventude. Dedicam-se à preparação de lideranças, agentes, assessores/as e educadores/as que trabalham com adolescentes e jovens na perspectiva da formação, assessoria e da pesquisa. Estão organizados em equipes de leigos/as e religiosos/as que desenvolvem diversos projetos.

A Rede possui três grandes objetivos: 1 - Ser uma presença qualificada e profética junto ao serviço da evangelização da juventude; 2 - Atuar em rede para a formação, assessoria e pesquisa do mundo dos adolescentes e jovens do Brasil e da América Latina, escutando suas angústias, necessidades e demandas, pontuando respostas, oferecendo metodologia, formação e subsídios; 3 - Favorecer o intercâmbio de experiências de formação e materiais entre os Centros e Institutos, criando metodologias que fundamentem e integrem a caminhada, superem o isolamento, ampliem relações, sempre situadas no contexto das mudanças culturais da realidade da juventude empobrecida do Brasil e da América Latina.

Juntos, os Centros e Institutos desenvolvem centenas de atividades diferentes: Cursos em diferentes níveis para assessores/as e lideranças; Seminários, com os mais variados matizes; Oficinas de artes, também dos mais diferentes interesses; Publicações; Congressos; Pesquisa; Assistência Social a jovens; Escolas de Liturgia, Psicologia, Bíblia, Espiritualidade. Dentre outras ações da Rede existem a Revista Redemoinho e o Curso de Pós-Graduação sobre Adolescência e Juventude no Mundo Contemporâneo. Conheça melhor cada Centro e Instituto a partir dos endereços no final do material.



TRILHA 01

ser jovem

Esta primeira trilha convida a olhar a pessoa do/a jovem. A partir deste lugar, olhar para a juventude, para outras gerações de jovens e, também, pensar o futuro e o mundo que queremos construir para as próximas gerações de jovens.

Capacitar jovens para o diálogo supõe escuta, respeito ao diferente e ao diverso. Conhecer a realidade da juventude supõe pesquisa, estudo, valorização das memórias.

Capacitar jovens para o trabalho em equipe, desenvolver suas habilidades de coordenação, conversas, projetos e planos que envolvam todas as pessoas.

Capacitar implica trabalhar mentalidades reconhecendo o modo como cada grupo pensa e organiza sua ação e como cada pessoa se posiciona frente ao mundo. É desvendar os sistemas que organizam nossas idéias no mundo religioso, político, social, cultural...

Capacitar na perspectiva de valores que desejamos cultivar, pessoal e comunitariamente, para que a sociedade e as suas organizações sejam permeadas de ética, cuidado, solidariedade com as pessoas e, de modo especial, com a juventude.



1º PONTO

Abrindo nossos olhos:
**Ser jovem,
hoje e ontem**

OBJETIVO

refletir sobre o ser jovem e a sua condição juvenil, para compreender outras gerações, a si mesmo e a outros/as jovens a partir da experiência grupal.

MATERIAL

fotos de rostos de jovens, cópia dos textos em anexo, Bíblia.

AMBIENTAÇÃO

cadeiras em círculo. O ambiente pode estar preparado com várias fotos de jovens em todas as situações: alegres, tristes, em grupo, sozinhos, com os adultos, em manifestações, em escola, na zona rural...

1. Acolhida

receber as pessoas que chegam ao grupo pedindo para olhar uns/umas para os/as outros/as e reconhecer a juventude de cada um/a: as diferenças, a diversidade de gosto na forma de vestir, de usar enfeites. Reconhecer isto como uma riqueza. Que bom que somos diferentes! Se houver adultos presentes na reunião, acolher. Pode-se cantar ou ouvir a música: “Ninguém é igual ninguém” dos Engenheiros do Hawaii (anexo I).

2. Relembrando o ponto anterior

fazer memória do encontro, trazendo as decisões tomadas pelo grupo, o tema trabalhado, as pessoas que estavam presentes no encontro passado e que não estão presentes no dia de hoje. Recordar que cada pessoa é importante para o grupo e que o grupo é importante para a pessoa.

3. Olhando a nossa realidade

convidar as pessoas presentes a contemplarem os/as jovens das figuras expostas. Motivar para que falem de outras realidades de juventude que estão ausentes.



Técnica/exercício

ser jovem, hoje, não é a mesma coisa que em outras épocas. Para que se tome consciência dessa diversidade, serão convidados para a reunião alguns adultos da comunidade. Pessoas com vários itinerários de vida e, também, segundo a etnia, religião, profissão, gênero, portador de deficiência, etc.

Os/as jovens se organizam em dois grupos: GV-GE (grupo de verbalização e grupo de escuta), em dois círculos, um voltado para o outro e com momentos de escuta e fala.

1º Momento: os/as jovens na roda de fora, no primeiro momento, falam e os/as adultos/as escutam e anotam ou guardam.

Quais são as melhores coisas de ser jovem?

Quais são as piores coisas de ser jovem?

Em sua opinião, quando é que uma pessoa deixa de ser jovem?

2º Momento: os adultos falam sobre as mesmas questões respondendo como foram jovens e os jovens escutam, anotam.

3º Momento: todo o grupo começa partilhando os sentimentos. O que causou alegria, espanto, incômodo... e, no segundo momento, o que aprendeu com o exercício e com a escuta.



4º Momento: todas as pessoas falam sobre a condição juvenil na atualidade. Para ampliar mais o tema a coordenação motiva a leitura dos textos: “A condição Juvenil” e “Que juventude é essa?” (anexos 3 e 4). Finalizando este momento de partilha, o que aprendeu com o exercício e com a escuta e a leitura do texto?

4. Iluminando com a Palavra

Jesus discute no Templo com os doutores e sábios (Lc 2, 41-52). O jovem Jesus apresenta, sem medo, suas idéias e suas perguntas, ouve o que as autoridades religiosas têm a dizer, enquanto escutam, admiradas, suas palavras. Nesse momento, Ele assume sua autonomia perante a família, embora permaneça ligado a ela. Conversar em que esta atitude de Jesus nos ilumina na relação com os jovens, colegas, filhos/as, turma... Alguém sabe como era ser jovem no tempo de Jesus, na sua cultura?

5. Compromisso de vida

diante da condição em que vivem os jovens, o que percebemos nesta reunião? Diante do que conversamos sobre Jesus, que gesto podemos assumir no dia-a-dia, até domingo? Que valores vamos cultivar? Que leituras temos de fazer?

6. Celebrando a vida

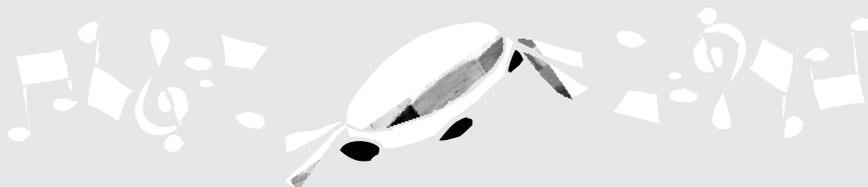
ouvir a música “O mesmo rosto” de Jorge Trevisol (anexo 2), recordando os rostos de todos os jovens que encontramos ou vamos encontrar em nossas vidas. Convidar o grupo a fazer preces espontâneas em prol da juventude. Rezar o Pai-Nosso.

7. Avaliação

o objetivo deste ponto foi refletir sobre a condição juvenil. O que descobrimos que foi novo? Que outros pontos podem ser discutidos em outros encontros sobre a realidade da juventude? Como foi a metodologia (dinâmica, forma de conduzir...)? Em que contribuiu para maior compreensão do tema? Pode-se encerrar com o canto (anexo 4).

8. Preparação do próximo ponto

recortar notícias de revistas ou jornais envolvendo jovens; trazer poesias e músicas que abordem as questões das diferenças juvenis.





ANEXOS



Anexo I

Música: “Ninguém é igual ninguém”

Engenheiros do Hawaii

Compositor: Gessinger

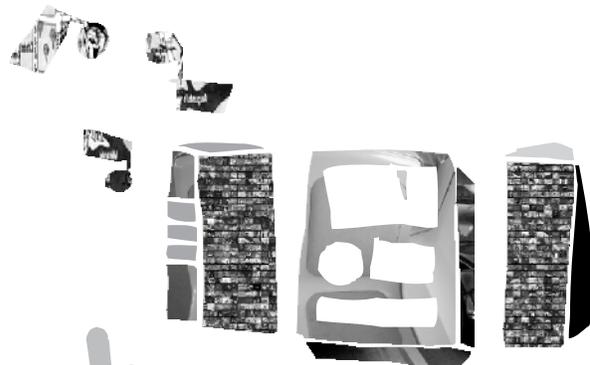
Há tantos quadros na parede
há tantas formas de se ver o mesmo quadro
há tanta gente pelas ruas
há tantas ruas e nenhuma é igual a outra
(ninguém = ninguém)
me encanta que tanta gente sinta
(se é que sente) a mesma indiferença

há tantos quadros na parede
há tantas formas de se ver o mesmo quadro
há palavras que nunca são ditas
há muitas vozes repetindo a mesma frase:
(ninguém = ninguém)
me espanta que tanta gente minta
(descaradamente) a mesma mentira

são todos iguais e tão desiguais
uns mais iguais que os outros

há pouca água e muita sede
uma represa, um apartheid
(a vida seca, os olhos úmidos)
entre duas pessoas
entre quatro paredes
tudo fica claro
ninguém fica indiferente
(ninguém = ninguém)
me assusta que justamente agora
todo mundo (tanta gente) tenha ido embora

são todos iguais e tão desiguais
uns mais iguais que os outros



Anexo 2

Música: “O mesmo rosto”

Jorge Trevisol

Dizem que o sol deixou de brilhar,
Que as flores mais belas não perfumam mais.
Que os jovens teriam deixado de amar,
De crer na esperança de poder mudar.
Que as lutas e os sonhos, o vento espalhou.
E que envelheceram as forças do amor.

Se fosse assim, me digam vocês.
De quem é o rosto que ainda sorri.
De quem é o grito que nos faz tremer,
Defendendo a vida e um modo de ser?
De quem são os passos marcados no chão
E o lindo compasso de um só coração?

Enquanto existir um raio de luz
E uma esperança que a todos conduz
Persiste a certeza plantada no chão.
Ternura e beleza não acabarão.
Pois a juventude que sabe guardar
Do amor e da vida não vai descuidar.

O rosto de Deus é jovem também
E o sonho mais lindo é ele quem tem.
Deus não envelhece, tampouco morreu.
Continua vivo no povo que é seu.
Se a juventude viesse a faltar
O rosto de Deus iria mudar.



Anexo 3

A condição juvenil

Para este estudo há vários textos e pesquisas. O grupo que deseja aprofundar pode buscar vários textos via internet. Há, também, um recurso audiovisual “Geração da Paz” onde o primeiro roteiro trata do tema. Maiores informações: correio eletrônico: raioeduc@uol.com.br ou www.raio.org.br.

Concepções de juventude¹

Algumas idéias que ajudam a ampliar e a superar algumas de nossas reflexões sobre o tema:

1. Falta de identidade social;
2. Não se concebe os/as jovens como atores/as com identidade própria (crianças e juventude);
3. Não se leva em conta a diversidade entre as várias juventudes (classe, raça, gênero);
4. Considera-se a juventude a partir de uma visão “dualista” e “maniqueísta” (responsável-irresponsável, esperança-medo, futuro, irreverente) que corre o risco de ficar somente em questões morais;
5. Criminaliza-se a figura do jovem. Os/as jovens passam a ser os responsáveis por todas as coisas ruins do mundo atual.

Juventude

O termo “juventude” refere-se ao período da vida em que as pessoas passam da infância à condição de adultos, durante o qual se produzem mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais em condições diferenciadas, segundo as sociedades, as culturas, as etnias-raça, as classes sociais e o gênero, bem como outras referências objetiva e subjetivamente relevantes para os que a vivenciam.

No Brasil a violência está intimamente ligada à condição de vulnerabilidade social de certos extratos populacionais como, por exemplo, os jovens. Atualmente, esses/as atores/as sofrem riscos de exclusão social sem precedentes devido a um conjunto de desequilíbrios provenientes do mercado, Estado e sociedade que

¹O texto foi construído a partir das idéias apresentadas por Miriam Abromovay no Seminário Nacional de Elaboração de Subsídios/2006.

tendem a concentrar a pobreza entre os membros deste grupo e distanciá-los do “curso central” do sistema social (Vignoli, 2001).

As estruturas socioeconômicas tornam vulneráveis as condições de vida de muitos/as jovens. Não são os/as jovens que são vulneráveis. Não se pode pensar somente com este viés porque eles/elas possuem certos recursos para fazer frente aos obstáculos e riscos, como capital humano, social e simbólico. A tarefa da organização em redes de grupos é justamente a de alterar as estruturas que provocam a morte.

Alternativa de combate à vulnerabilidade das estruturas

Conjunto de instituições formais e informais que possibilitam a formação de redes entre os indivíduos de uma determinada comunidade, facilitando a cooperação.

- É o conjunto de relações formais e informais que condicionam a qualidade e a quantidade de interações sociais: confiança, compreensão, compartilhamento de valores e comportamento.
- Os jovens sofrem influências multiculturais e vivem problemas em comum como a globalização, a tecnologia de informação, a globalização do crime ligada ao narcotráfico e à violência.
- Segundo Castells (1997), nas últimas décadas organizações criminosas têm levado a cabo operações em escala internacional, aproveitando a globalização econômica e as novas tecnologias de informação. Em torno do narcotráfico foi-se organizando uma poderosa rede de crimes como o tráfico de armas, tráfico de imigrantes, prostituição internacional, contrabando, etc. Todas as transações se baseiam na coesão mediante uma violência extraordinária.
- Estar atento/a sobre o que dizem os Meios de Comunicação Social para perceber quais imagens estão construindo dos/as adolescentes e jovens. Que notícias são veiculadas através dos diversos tipos de programas de TV, filmes, revistas e jornais.



Anexo 4

Que juventude é essa?

Que juventude é essa?...

É aquela que se reúne em busca de novos caminhos...
Que anseia a construção do Reino sem fugir da realidade...

Que juventude é essa?...

É aquela que, assumindo a sua identidade, acolhe o diferente...
Que é agente de mudança ao enfrentar com garra os desafios...

Que juventude é essa?...

É aquela que canta, dança e celebra a memória do seu povo...
Que ri e chora e assim compõe uma nova história...

Que juventude é essa?...

É aquela que se abre aos apelos da sociedade...
Que se compadece com a dor do outro e não deixa calar a voz do oprimido...

Que juventude é essa?...

É aquela que vive de forma radical a sua opção...
Que assume sua fé como força transformadora, acreditando no Cristo como
divindade encarnada na história da humanidade...

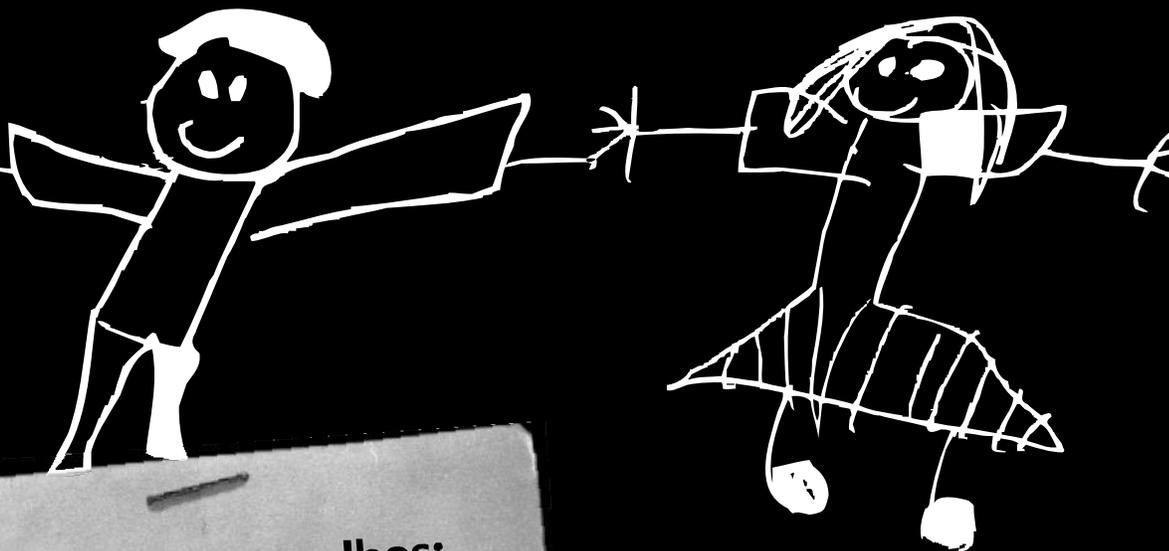
Que juventude é essa?...

É aquela que ama e deseja e nesse desejo se lança na busca de justiça...
Que é homem e mulher, de todas as raças, tribos e nações.

É ESSA A NOSSA JUVENTUDE!



2º PONTO



Abrindo nossos olhos:
**Igualdade e
diversidade**



OBJETIVO

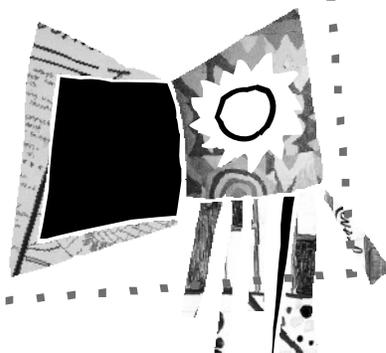
identificar e compreender as diversas manifestações do ser jovem.

MATERIAL

fita colorida (diversas cores), Bíblia.

AMBIENTAÇÃO

cadeiras em círculo.



1. Acolhida

cada participante recebe na entrada, uma fita colorida (são oferecidas diversas cores). No início, o/a coordenador/a convida os/as integrantes a amarrá-la no pulso do companheiro ao lado. Pronuncia-se a seguinte frase: “Somos iguais e diferentes”.

2. Relembrando o ponto anterior

a coordenação recorda os compromissos e como foram vividos durante a semana. Recorda as dificuldades em assumir compromissos. Acolhe as pessoas que estão vindo na reunião pela primeira vez, dizendo quais os temas que o grupo tem discutido e, de modo especial, recorda o último ponto.

3. Olhando a nossa realidade



Técnica/exercício

“O diferente faz a diferença”.

As pessoas são convidadas a se organizarem em grupos menores. Quem está coordenando o exercício distribui uma pergunta para cada grupo. Este responde a questão e apresenta as conclusões numa forma criativa.

- Que tipos de grupos de jovens vocês conhecem? (na sociedade, na Igreja, na escola, no campo, na rua...)
- Que características se destacam nos grupos que conhecem?
- Qual o lugar do jovem na família, na Igreja, na política, na escola?
- Como é apresentado o jovem na mídia?
- Conte exemplos de pessoas que fazem e fizeram a diferença.
- Como são os jovens do ambiente em que você vive?

A partir do material solicitado no encontro anterior, os grupos podem apresentar as respostas de forma criativa:

cartaz com as fotos e os recortes trazidos
telejornal com as notícias recortadas
encenação teatral
poesia ou música.



4. Iluminando com a Palavra

veja como o Espírito de Deus aparece na experiência das primeiras comunidades. A Palavra convida a respeitar as diferenças, a diversidade, acolhendo tudo como fruto da ação de Deus. Pentecostes (At 2, 1-6) é um momento em que a mensagem da salvação foi proferida e entendida em ambiente de diversidade. Como o nosso grupo acolhe e respeita a diversidade? Há situações de discriminação entre nós? Há racismos? Preconceitos contra grupos porque são diferentes do nosso jeito de organizar e viver?

5. Compromisso de vida

olhando nossa realidade dos jovens em grupos, onde precisamos avançar? Que compromissos assumimos para exercitar nesta semana? Em que a Palavra de Deus, a partir do livro dos Atos dos Apóstolos, nos convida a sermos melhores em nossas práticas, nossos valores?

6. Celebrando a vida

rezar, a partir da devoção popular, uma dezena do terço, contemplando o mistério e a beleza da diversidade de povos na terra com suas diversas línguas e costumes. Encerrar com a música “Não é Sério”, de Charlie Brown Jr (anexo I).

7. Avaliação

neste ponto conversamos sobre as diversas formas de ser jovem. Quais as descobertas e valores percebidos? Quais os medos e as resistências que experimentamos e que não conseguimos mudar?

8. Preparação do próximo ponto

trazer algum objeto significativo para você.





Anexo I

Música: “**Não é Sério**”

Charlie Brown Jr.

Composição: Negra Lee

**Eu vejo na TV: o que eles falam sobre
o jovem não é sério
O jovem no Brasil nunca é levado a sério
(3x)**

Sempre quis falar
Nunca tive chance
Tudo que eu queria
Estava fora do meu alcance
Sim, já
Já faz um tempo
Mas eu gosto de lembrar
Cada um, cada um
Cada lugar, um lugar
Eu sei como é difícil
Eu sei como é difícil acreditar
Mas essa porra um dia vai mudar
Se não mudar, pra onde vou...
Não cansado de tentar de novo
Passa a bola, eu jogo o jogo

**Eu vejo na TV: o que eles falam sobre
o jovem não é sério
O jovem no Brasil nunca é levado a sério
(3x)**

A polícia diz que já causei muito distúrbio
O repórter quer saber porque eu me drogo
O que é que eu uso
Eu também senti a dor
E disso tudo eu fiz a rima
Agora tô por conta
Pode crer que eu tô no clima
Eu tô no clima.... segue a rima



Revolução na sua mente você pode você faz
Quem sabe mesmo é quem sabe mais
Revolução na sua vida você pode você faz
Quem sabe mesmo é quem sabe mais
Revolução na sua mente você pode você faz
Quem sabe mesmo é quem sabe mais
Também sou rimador, também sou da banca
Aperta muito forte que fica tudo a pampa
Eu tô no clima! Eu tô no clima ! Eu tô no clima
Segue a rima!

(repete tudo)
Sempre quis falar....

"O que eu consigo ver
é só um terço do problema
É o Sistema que tem que mudar
Não se pode parar de lutar
Se não não muda
A Juventude tem que estar a fim
Tem que se unir
O abuso do trabalho infantil, a ignorância
Só faz destruir a esperança
Na TV: o que eles falam sobre
o jovem não é sério
Deixa ele viver. É o que Liga"

3º PONTO



Abrindo nossos olhos



OBJETIVO

refletir sobre as diversas formas de expressão simbólica e afetiva da juventude e sua importância na integração da identidade grupal e individual.

MATERIAL

espelhos, Bíblia, objetos simbólicos de cada participante, comida típica da região.

AMBIENTAÇÃO

garantir que todo o ambiente da reunião seja decorado com espelhos.

1. Acolhida

a coordenação acolhe cada pessoa com uma palavra que destaca a qualidade da mesma. Convida as pessoas que estão chegando para conferir no espelho e reconhecer a novidade: Olhando diretamente para seu rosto, o que você consegue ver? Motivar o grupo para perceber que o/a outro/a é nosso espelho e que nos ajuda a enxergar melhor.

2. Relembrando o ponto anterior

a coordenação retoma os compromissos assumidos pessoalmente ou em grupo. Apresenta, para as pessoas que estão vindo pela primeira vez no encontro, os temas que já foram discutidos pelo grupo.

3. Olhando a nossa realidade

convidar os/as jovens a olharem para a juventude do seu ambiente ou local de moradia e perceber como eles se vestem, do que eles e elas gostam de se enfeitar, como gostam de falar, o que gostam de ouvir. Primeiro em silêncio e, depois, se algumas pessoas puderem, contar.



Técnica/exercício Objetos simbólicos

1º Momento: a coordenação motiva todas as pessoas presentes a escolherem um símbolo (aqueles/as que tiverem trazido de casa ou escolher na hora). Explicar ao grupo que cada um de nós carrega consigo pequenos objetos que espelham experiências marcantes de nossa vida: são os símbolos pessoais.

2º Momento: cada integrante apresenta aos demais o seu símbolo.

3º Momento: organizam grupos menores para esta partilha pessoal do significado do símbolo escolhido e o que ele traduz da sua pessoa. Em seguida, conversam sobre os símbolos dos/as jovens, tentando compreender o que eles expressam. O que eles traduzem da realidade mais ampla?

4º Momento: em plenária, os grupos apresentam as conversas, identificam os elementos comuns aos diversos tipos de símbolos. E conversam sobre o que estes traduzem da realidade da juventude hoje. Não olhar só para os jovens. Situar os jovens dentro de um contexto mais amplo de trabalho, escola, universidade, oportunidades, tecnologias, ecologia...





Anexo I

Música: “Comida”

Titãs

Composição: Arnaldo Antunes / Marcelo Fromer / Sérgio Britto

Bebida é água.
Comida é pasto.
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comida,
A gente quer comida, diversão e arte.
A gente não quer só comida,
A gente quer saída para qualquer parte.
A gente não quer só comida,
A gente quer bebida, diversão, balé.
A gente não quer só comida,
A gente quer a vida como a vida quer.



Bebida é água.
Comida é pasto.
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comer,
A gente quer comer e quer fazer amor.
A gente não quer só comer,
A gente quer prazer pra aliviar a dor.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer dinheiro e felicidade.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer inteiro e não pela metade.



TRILHA DE

a vida no grupo

Esta segunda trilha nos convida a olhar para o grupo. Os pontos nos convocam para a organização e a coordenação de um grupo de jovens.

O grupo é o lugar da partilha, da vivência concreta na comunidade eclesial.

Capacita os/as jovens para o exercício da liderança a partir de suas qualidades pessoais.

Capacita para a comunicação interpessoal e grupal.

Capacita para a coordenação.

Se o grupo é o lugar da vivência e o lugar do convívio, é também da experiência da partilha, da ceia do Senhor, do sinal da presença de Jesus entre nós.

Na vida em grupo somos convocados/as à ajuda mútua, respeito à diferença, co-responsabilidade, participação, escuta.

Neste espaço do grupo fazer a experiência dos discípulos de Emaús. Caminhar com o ressuscitado rumo a uma vida nova, marcada pela comunhão e pelo encontro profundo entre pessoas.

É nossa tarefa buscar e fortalecer os grupos já existentes na comunidade e, também, convocar jovens para criar novos grupos a partir de seus interesses (teatro, dança, música, esporte, etc.).



1º PONTO

Somos todos/as
autores/as do
nosso grupo

OBJETIVO

possibilitar que os/as jovens conheçam os passos de um encontro na vivência grupal.

MATERIAL

papel branco e canetas para todos/as, Bíblia.

AMBIENTAÇÃO

cadeiras em círculo, no centro da sala: vela, imagens de jovens em grupos.

1. Acolhida

a coordenação dá as boas-vindas e acolhe a cada um/a dizendo “Sejam bem-vindos/as. Sua presença é importante para nós. Que tenhamos um bom encontro!” Acolher as pessoas que vieram pela primeira vez e expor o objetivo e o tema do ponto.

Fazer a leitura do texto abaixo: “Ator/atriz”²

Ator ou atriz não é um papel de imitador/a, de fingimentos ou de máscaras individuais, sociais ou culturais.

Ser ator ou atriz é tomar consciência sempre mais clara de nossas vidas e agir com coerência e coragem.

Ser ator ou atriz é agir, é interagir e é reagir.

Ser ator ou atriz é ser vivo/a num mundo que procura nos anestesiar, nos envolver e nos manipular.

Ser ator ou atriz é gostar de nós mesmos e deste mundo tão maravilhoso e desafiante.

Ser ator ou atriz é viver a vida em profundidade.

2. Relembrando o ponto anterior

a coordenação motiva os participantes a lembrarem o tema, objetivo e o que ficou mais forte na memória. Enfatizar a necessidade de fazer memória, trazendo para os que estão participando pela primeira vez a percepção de que o grupo tem uma caminhada.

3. Olhando a nossa realidade

a coordenação expõe aos participantes dizendo que todos/as somos parte importante para concretização do grupo. Devemos participar efetivamente e afetivamente de todos os momentos vivenciados nas reuniões. Escreveu um dos nossos grandes teatrólogos, Augusto Boal: “*todo mundo pode ser ator, até mesmo um ator*”³. Ser ator ou atriz é, antes de tudo, um assumir as dimensões humanas, sociais, culturais e políticas de cada um/a perante o mundo em que se vive. Assim, somos todos/as atores e atrizes de nossa história, capazes de partilhar, aprender e preparar cada passo de nosso grupo.



Técnica/exercício

A coordenação organiza subgrupos de três ou quatro pessoas. Distribui uma folha e caneta para cada grupo e orienta para que estes escrevam:

²Recurso Áudio visual Sair do Papel, 1997, pág. 119.

³Recurso Áudio visual Sair do Papel, 1997, pág. 119.





- a. Como é a reunião do grupo, relatando todo o processo que eles/as percebem;
- b. Como se sente nas mesmas e o que atraem eles/as;
- c. Quais os temas que chamam atenção?
- d. Dar sugestões de como poderia ser a reunião.

Obs.: neste momento a coordenação simplesmente observa, sem interferir nos grupos.

Na plenária, os grupos, a partir do que foi escrito, partilham os relatos com os demais.

A coordenação expõe que o encontro é um momento importante e fundamental na vida do grupo. Apresenta a proposta de um modelo para o encontro de um grupo utilizado pela Pastoral da Juventude (anexo I), ressaltando que o roteiro é uma, entre tantas outras formas, de contribuir objetivamente na caminhada do grupo. Observar que nem sempre ficamos satisfeitos/as com alguns ritos que estabelecemos em nossas reuniões, mas que a participação no processo de elaboração do encontro é uma forma de crescimento pessoal e grupal. O que aprendemos com este exercício? Como nos sentimos?

Encerrar com o canto: “*Momento novo*”

4. Iluminando com a Palavra

Leitura bíblica: Romanos 12,3-8.

Todas as pessoas têm um modo de ser, assim como Deus nos concedeu, mas para a vida comunitária cristã há uma tomada de postura que exige da pessoa abandonar a pretensão de ser o maior e o mais importante para colocar-se, com simplicidade, a serviço dos outros/as.

Em duplas, por proximidade, partilhar;

- Olhando para a comunidade de Roma, Paulo apresenta o projeto de Deus que se realizou em Jesus Cristo. Ressalta que formamos um só corpo em Cristo. Diante da realidade atual o que nos revela esta leitura, considerando a imposição de uma sociedade de consumo que faz com que as pessoas pensem mais no “ter” do que no “ser”, colocando-se cada vez menos a serviço dos/as mais empobrecidos/as?

- Em seguida, espontaneamente, os/as jovens, motivados/as pela Palavra que ilumina a nossa vida, podem fazer suas preces a Deus que se faz presente em nosso meio.
- Após cada prece todos/as repetem: “Bendito Senhor, nosso Deus”.
- Preces espontâneas...
- Pai-Nosso.

5. Compromisso de vida

que podemos fazer nesta semana para concretizar a atuação do grupo?

Sugestões:

- Visitar outros grupos (PJ's, crisma, catequese, RCC, Vicentinos... etc.) e perceber como são as reuniões destes, fazendo um relatório para partilhar no próximo ponto.
- Organizar, durante o mês, dois ou três jovens que desejarem preparar o próximo encontro do grupo.

6. Celebrando a vida

em círculo, abraçados/as, fazer preces espontâneas e terminar com o Pai-Nosso.

Oração:

“Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, nosso Salvador! Liberta-nos de todo ressentimento, de todo preconceito e de tudo o que entrava nossa união! E assim como existe um só corpo e um só Espírito, uma só esperança, uma só fé, um só batismo, um só Senhor, um só Deus e Pai de todos/as, sejamos um só coração, unidos pelos laços de fé e do amor, em Jesus Cristo, Nosso Senhor!”⁴

Bênção:

A paz de Deus que supera toda compreensão guarde nossos corações e nossos pensamentos no Cristo Jesus. Amém.⁵

7. Avaliação

com o objetivo de conhecer os passos de um encontro, como o grupo avalia o caminho feito pela coordenação: acolhida, técnica, oração e partilha do grupo? Quais foram as descobertas e o que aprenderam?

8. Preparação do próximo ponto

organizar pequenas tarefas no grupo para cuidar da ambientação, leitura bíblica, acolher os/as jovens, trazer pão ou biscoitos para partilhar no próximo encontro. Fazer uma pesquisa sobre os/as mártires ou lideranças de nossa comunidade ou de outros espaços que doaram suas vidas em prol do projeto de Deus e que se tornaram agentes ativos de salvação dentro da nossa história.

⁴ “Ofício Divino da Juventude”, 2ª edição. 2006. pág. 26.

⁵ Idem.



Anexo I **Modelo para o encontro do grupo⁶**

O ponto

O ponto é um momento importante e fundamental na vida do grupo. É no processo de reflexão que o grupo nasce, cresce e amadurece, a exemplo da pessoa. Por isso, no início, é importante que seja semanal ou, segundo a escolha do grupo, conforme sua situação concreta. O ponto é como o “miolo” da fruta, na formação integral do/a jovem que entra no processo.

Apresentamos alguns pilares que sustentam a reunião neste período da nucleação: a palavra vem de núcleo, a parte mais densa da célula. Também o pequeno grupo é a parte mais densa da ação evangelizadora junto à juventude, a base, o funcionamento.

1. Acolhida

É o ponto de partida. Que o/a animador/a dê atenção especial a este momento de acolhida dos/as participantes do grupo (cumprimentando cada um/a se possível), a fim de criar um clima de amizade e intimidade.

O local de encontro deve ser preparado antes, de modo a favorecer a comunicação, a convivência com o/a outro/a; evitando a dispersão ou a distração. Pode-se começar com uma saudação ou canto alegre apropriado para o assunto do encontro.

O/a animador/a, no início, deve dizer algumas palavras que sintetizem o objetivo do encontro para que todos/as estejam “por dentro” do conteúdo.

2. Relembrando o ponto anterior

É o momento de fazer a memória do grupo. Lembrar os elementos mais importantes que foram falados, as decisões tomadas, e cobrar as atividades que foram distribuídas para serem realizadas pelos/as participantes do grupo.

⁶ Roteiros para grupos de jovens “Como Iniciar um Grupo de Jovens”. 1992. pág. 10-13.

3. Olhando a nossa realidade

Considerando que o ponto sempre precisa partir da vida concreta dos/as jovens, situados/as no bairro onde moram, estudam, trabalham... com suas dificuldades e alegrias, a coordenação deve estar atenta para ir, aos poucos, trabalhando esse aspecto com os/as participantes do grupo, “tirando a trave dos olhos” para que eles/elas tomem consciência de sua própria realidade.

a) Técnica/ exercício

O objetivo da técnica/exercício é passar um conteúdo, uma idéia. Para isso, a coordenação do encontro deve ter claro, durante o desenvolvimento da técnica, o conhecimento, a preparação, para uma eficaz execução e a aplicação ao tema proposto.

b) Avaliação da técnica/ exercício

O seu resultado depende da avaliação do que foi feito, quando o grupo entende o conteúdo trabalhado e partilha os sentimentos vividos. Três elementos são importantes nesta avaliação:

Como foi trabalhado? (todos/as se envolveram?)

Como se sentiram?

O que aprendemos, com o grupo, da técnica aplicada?

Neste momento, é importante a coordenação anotar todas as respostas do grupo, para apresentar uma síntese e ajudar a concluir esta parte, ligando com a seguinte.

4. Iluminando com a Palavra

A comparação bíblica, neste momento, ajuda o grupo a descobrir atitudes de Jesus diante da situação, semelhante à vivida pelo/a jovem, e introduz a oração que segue no final da reunião.

A iluminação bíblica é necessária para que os jovens possam assumir os valores evangélicos, comparando a sua vida com a de Jesus.

Nem sempre é fácil fazer a aplicação da Bíblia, uma vez que os/as jovens têm dela pouco conhecimento. É necessário ir pensando, com o grupo, como estudá-la mais para não fazer da Palavra instrumento de dominação.

5. Assumindo pequenas atividades (compromisso de vida)

No início do grupo, os/as jovens dificilmente assumem grandes ações. É necessário um treinamento de atitudes e atividades a serem cultivadas com intensidade durante a semana seguinte.

Trata-se de ver a realidade, confrontá-la com o apelo de Jesus e assumir na sua vida de jovem, uma atitude nova, cristã. Trata-se de assumir valores em suas vidas. E mais, de alterar a vida dos/as jovens que participam dos grupos e dos que estão na comunidade em geral.

6. Celebrando a vida - Oração

O que foi descoberto ou experienciado torna-se oração. Este é um momento de reflexão e contemplação. Precisa-se evitar o vício de recitar mecanicamente o Pai-Nosso e a Ave-Maria. Despertar os/as jovens para a oração pessoal e comunitária.

Para isso, usar salmos, oração espontânea... Onde for possível, usar o Ofício Divino da Juventude. Para despertar o gosto pela oração nos/as jovens, para que (ela) não seja pesada ou longa, ela precisa ser preparada, com criatividade.

7. Avaliação - rever o ponto

Avaliar tudo o que foi feito durante o encontro. Esta avaliação ajuda os jovens a despertarem o senso crítico e a participarem com mais entusiasmo. A avaliação está vinculada com o objetivo do ponto. Identificar o que foi realizado e, também, se a técnica e os outros temas estão ligados com o objetivo. (Nunca fazer avaliação com “positivo e negativo” ou “luzes e sombras”, ou ainda “que bom, que pena e que tal”. Esse tipo de avaliação não ajuda o grupo a avançar).

8. Preparação para o próximo ponto

Combinar com o grupo o próximo ponto. O tema, as pequenas tarefas que eles/as já são capazes de realizar, lembrando que, no início do grupo, os jovens assumem bem pouco. Não cobrar muito, pois há o risco de eles/as fugirem do grupo. Avisos e despedidas.

Obs.: Além desses elementos, o grupo pode acrescentar outros como, por exemplo, a recreação, isto é, brincadeiras no final da reunião.

A coordenação deve estar preocupada durante todo o tempo com a formação integral do/a jovem. Por isto, é importante despertá-lo/a para falar, falar de si, participar do encontro, avaliar, perceber a sua realidade, assumir pequenas tarefas, rezar... É fundamental para o crescimento no grupo que os/as jovens desenvolvam pequenas tarefas porque é o local privilegiado da formação. É assim que se dá a formação na ação.



Anexo 2

Música: “**Momento Novo**”

Composição: Ernesto B. Cardoso

Deus chama a gente pra um momento novo
De caminhar junto com seu povo.
É hora de transformar o que não dá mais;
Sozinho, isolado, ninguém é capaz.

Por isso vem,
Entra na roda com a gente
Também!
Você é muito importante. (bis)

Não é possível crer que tudo é fácil,
Há muita força que produz a morte.
Gerando dor, tristeza e desolação.
É necessário unir o cordão!

Na força que hoje faz brotar a vida,
Atua em nós pela sua graça.
É Deus quem nos convida pra trabalhar:
O amor repartir e a força juntar.



2º PONTO

Um por todos e todos por um

OBJETIVO

compreender o papel da liderança e quais são as funções de todos/as no grupo.

MATERIAL

pedaço de papel para cada participante com o nº 01, Bíblia, (pão, biscoito, balas, uma fruta, o que for acessível ao grupo ser combinado no ponto anterior).

AMBIENTAÇÃO

colocar em cada cadeira uma figura de alguma liderança engajada na história de seu povo, ex.: Gandhi, Dom Hélder Câmara, Paulo Freire, Betinho, Teresa de Calcutá, Ir. Dorothy Stang, Margarida Alves, Dorcelina Folador, Chico Mendes etc. (pode ser regional, nacional ou da humanidade, e dependendo do lugar, pode ser um desenho ou o nome desse líder escrito numa folha de papel). Ter duas ou três imagens da mesma liderança. No centro do salão ter um tecido com o rosto de Jesus, a Bíblia e algo para ser partilhado no final do encontro.

Obs.: a coordenação, ao escolher os líderes, ter previamente uma biografia dos mesmos para ampliar as descobertas e reflexões do grupo.

1. Acolhida

a coordenação acolhe as pessoas distribuindo um papel com número para cada participante. Orientar para que, a partir daquele momento, todos/as deverão se chamar número 01. Os participantes só deverão ser chamados pelo número, sendo que somente quando a coordenação liberar é que deverá chamar a pessoa pelo nome. Aqueles/as que forem chamados/as pelo nome deverão fazer uma tarefa escolhida pelo grupo no final da reunião. Nesse clima de “número 1”, cantar a música “*Enquanto houver sol*”, Titãs ou “*Somos quem podemos ser*”, dos Engenheiros do Hawaii (anexos 1 e 2) ou outra que ressalte o papel do jovem na sociedade.

2. Relembrando o ponto anterior

pedir para cada participante fazer um desenho ou uma frase que expresse o encontro passado, explanando sobre o que a memória amou. Após uma breve partilha, guardar o material para a ambientação da sala de reunião do grupo.

3. Olhando a nossa realidade

a coordenação distribui o texto: “Mitos e preconceitos sobre a liderança” (anexo 3).



Técnica/exercício

Organizar os grupos de acordo com a liderança que cada um/a recebeu; em grupo, as pessoas devem fazer a leitura do texto e, a partir deste, responder às seguintes questões:

- a) Quem é essa liderança? O que você sabe sobre ele/a?
- b) Quem são as lideranças que você conhece: na escola, na comunidade, na Igreja?
- c) Como eles/elas exercem sua liderança?

Cada grupo deverá escolher um redator e registrar as suas conclusões e deverá apresentar, de forma dinâmica, as descobertas feitas sobre esta liderança e sobre o texto.



4. Iluminando com a Palavra

Leitura bíblica: Marcos 9,33-37

Jesus questiona seus discípulos/as sobre o que discutem. Percebemos que Jesus não deseja que o grupo se torne fechado e que tenha uma pessoa mais importante que a outra. Reconhece que ao acolhermos os pequeninos, é a Ele que acolhemos e assim nos ensina que todos e todas são de essencial importância para a missão.

Por proximidade, partilhar:

- a) Qual é o comportamento de Jesus diante da postura dos/as discípulos/as?
- b) Como devem ser as relações de liderança entre as pessoas no grupo?
- c) Por que todos/as somos o número um?
- d) Partilha das duplas intercaladas com um refrão.

Obs.: a coordenação orientará, após a partilha das questões, que todos/as voltem a se chamar pelo nome, porque cada pessoa é uma liderança!

5. Compromisso de vida

de acordo com o texto sagrado, somos provocados/as a assumirmos atitudes novas na vida pessoal e no grupo. Somos convidados/as a alimentar nosso projeto pessoal de vida de acordo com a Palavra de Deus e com o Projeto de Jesus: Que atitudes devemos tomar?

Sugestões:

- O grupo visitar as antigas lideranças da comunidade e conversar sobre os desafios de ser liderança e qual era o serviço prestado na comunidade;
- Convidar as lideranças da comunidade para uma celebração, reconhecendo os dons e serviços prestados de cada um/a;
- Fazer, no próximo encontro do grupo, uma partilha destas experiências do compromisso assumido pelo grupo.

6. Celebrando a vida

a coordenação motiva o grupo para agradecer a Deus pelas descobertas do encontro (pode-se solicitar ao grupo para lembrar as descobertas do dia). Em círculo, todos e todas são convidados/as a estender as mãos para abençoar o alimento trazido pelo grupo como sinal de comunhão dos dons recebidos.

Bênção da partilha:

*Ó Deus, ao partirmos o pão mais uma vez
antes de nos separarmos, olhamos para Ti e
confessamos nossos desejos.*

*Acompanha-nos em nossas atividades,
e protege-nos em nossas necessidades,
Mais do que isso:*

Ensina-nos a partilhar nossos bens, nossos dons;

Ensina-nos a relativizar as leis

e as tradições que oprimem;

*Dá-nos coragem para romper com tudo
o que nos separa de Ti.*

Teu é o Reino,

Teu é o Verdadeiro Poder e

Tua é a Glória para sempre.

Amém.⁷

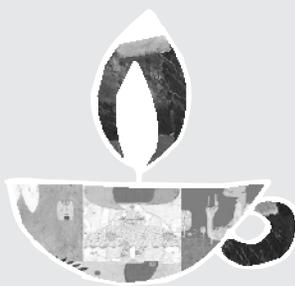
Finalizar com a oração do Pai-Nosso

7. Avaliação

com o objetivo de aprendermos sobre o papel de cada um/a no grupo no caminho percorrido, o ponto desencadeou algum processo novo para o grupo? Como avaliam a metodologia: acolhida, oração, olhando a realidade e os momentos de integração?

8. Preparação do próximo ponto

organizar pequenas tarefas: equipe de celebração, ambientação, animação. Ter outras pessoas para ajudar a preparar o próximo encontro.



⁷Inês de França Bento, *Culto Arte Celebrando a Vida*. Organizador Rubem Alves

ANEXOS

Anexo I

Música: "Enquanto houver sol"

Titãs

Compositor: Sérgio Britto

Quando não houver saída
Quando não houver mais solução
Ainda há de haver saída
Nenhuma idéia vale uma vida

Quando não houver esperança
Quando não restar nem ilusão
Ainda há de haver esperança
Em cada um de nós, algo de uma criança

Enquanto houver sol, enquanto houver sol
Ainda haverá
Enquanto houver sol, enquanto houver sol

Quando não houver caminho
Mesmo sem amor, sem direção
A sós ninguém está sozinho
É caminhando que se faz o caminho

Quando não houver desejo
Quando não restar nem mesmo dor
Ainda há de haver desejo
Em cada um de nós, aonde Deus colocou

Enquanto houver sol, enquanto houver sol
Ainda haverá
Enquanto houver sol, enquanto houver sol

Enquanto houver sol, enquanto houver sol
Ainda haverá
Enquanto houver sol, enquanto houver sol

Enquanto houver sol, enquanto houver sol
Ainda haverá

Anexo 2

Música: "Somos quem podemos ser"
Jorge Trevisol
Engenheiros do Hawaii.

Um dia me disseram
Que as nuvens não eram de algodão.
Um dia me disseram
Que os ventos às vezes erram a direção
E tudo ficou tão claro
Um intervalo na escuridão
Uma estrela de brilho raro
Um disparo para um coração

A vida imita o vídeo
Garotos inventam um novo inglês
Vivendo num país sedento
Um momento de embriaguez

Somos quem podemos ser
Sonhos que podemos ter

Um dia me disseram
Quem eram os donos da situação
Sem querer eles me deram
As chaves que abrem esta prisão
E tudo ficou tão claro
O que era raro ficou comum
Como um dia depois do outro
Como um dia, um dia comum

A vida imita o vídeo
Garotos inventam um novo inglês
Vivendo num país sedento
Um momento de embriaguez

Somos quem podemos ser
Sonhos que podemos ter

Um dia me disseram
Que as nuvens não eram de algodão
Sem querer eles me deram
As chaves que abrem esta prisão

Quem ocupa o trono tem culpa
Quem oculta o crime também
Quem duvida da vida tem culpa
Quem evita a dúvida também tem



Anexo 3

Mitos e preconceitos sobre a liderança

A liderança é “o capa”, “o cara”, “o/a iluminado/a”. Isso gera medo por parte dos membros, pois terão dificuldade de chegar naquele que sabe tudo, que está mais para ET do que para gente, jovem de carne e osso. A visão de que a liderança não comete erros é muito prejudicial.

1) Exclusividade - É o mito de apenas um/a ou poucos membros do grupo terem condições de exercer a liderança. Há diferentes necessidades, atividades e momentos na vida de um grupo. Para aspectos diversos, pode haver maneira diversa de exercer a liderança; esta pode ser exercida, simultaneamente, ou em rodízio, por diversos/as jovens.

2) O líder “nasce” líder - A capacidade para liderança seria inata nas pessoas. E não adianta tentar desenvolver capacidades para liderança. Este preconceito pode dar origem a situações de dinâmica autocrática, de dominação-dependência, com a presença e promoção de “caciques” supremos e únicos, que impedem o crescimento dos demais. Todas as pessoas trazem dentro de si uma série de potencialidades que podem ser desenvolvidas.

3) Liderança não se adquire - Este preconceito mata, antes ainda que se revelem possibilidades imensas de indivíduos e grupos.

4) As “panelinhas” - Há dois extremos opostos a evitar:

a) organizar atividades grupais apenas a partir da formação natural, espontânea dos grupos. Isto não favorece interação e a integração;

b) outro extremo consiste em “desmanchar as panelinhas”, vendo os subgrupos como elementos negativos. É um erro que traz consigo vários inconvenientes. Em primeiro lugar, quem “desmanchava” grupos era a ditadura. Tal atitude somente terá efeitos negativos. Em segundo lugar, é preciso reconhecer que os subgrupos naturais são elementos positivos dentro de um grupo.

3º PONTO



Ninguém está só
no mundo:
a importância
da comunicação
interpessoal



OBJETIVO

despertar no grupo a importância da comunicação interpessoal, valorizando o diálogo, a troca de informações e o conhecimento pessoal e coletivo.

MATERIAL

envelope de carta, jornal, revista, imagens de pessoas conversando/ computadores/ rádio, som portátil, toca CD, violão, Bíblia, cópia dos anexos, a letra e CD da música "Parabolicamará", de Gilberto Gil.

AMBIENTAÇÃO

na sala ter um cartaz com a frase "Estar com os outros significa necessariamente respeitar, nos outros, o direito de dizer sua palavra" (Paulo Freire). Organizar as cadeiras em círculo e as imagens no centro do salão.

1. Acolhida

a coordenação acolhe a todos e todas com a leitura da frase de Paulo Freire e solicita para que se sentem nas cadeiras. Acolher os/as jovens que estão vindo ao grupo pela primeira vez.

Técnica/aquecimento: “Telefone sem fio”.

Uma pessoa da coordenação diz uma frase no ouvido de um/a dos/as participantes. A frase escolhida deve ter relação com o tema do encontro sobre a importância da comunicação. Ela será dita no ouvido de um/a dos/as jovens, sendo que este será responsável por passar a frase adiante no ouvido do próximo e assim sucessivamente. A última pessoa diz a frase que chegou ao seu ouvido em voz alta para todos/as. Fazer a comparação entre a frase dita inicialmente com a frase final. Neste caminho de comunicação, o que aconteceu? Como a frase chegou até vocês? A partir da conversa sobre esta breve dinâmica, introduzir o objetivo e o tema do encontro.

2. Lembrando o ponto anterior

retomar as discussões e aprendizagens feitas no encontro anterior. Refletir sobre as ressonâncias do ponto passado em nossa vida cotidiana.

3. Olhando a nossa realidade

a comunicação interpessoal é um método de comunicação que promove a troca de informações entre duas ou mais pessoas. Cada pessoa que passamos a considerar, portanto, interlocutor, troca informações baseadas em seu repertório cultural, sua formação educacional, vivências, emoções, toda a "bagagem" que traz consigo. O processo de comunicação prevê, obrigatoriamente, a existência mínima de um/a emissor/a e de um/a receptor/a. Cada qual tem seu repertório cultural exclusivo e, portanto, transmitirá a informação segundo seu conjunto de particularidades e o receptor/a agirá da mesma maneira, segundo o seu próprio filtro cultural. A fim de minimizar esses choques culturais, convencionou-se ferramentas e meios de múltiplas utilizações que passam a ser usados pelas pessoas na comunicação interpessoal. Como exemplo de ferramenta, podemos considerar a fala, a mímica, os computadores, a escrita, a língua, os telefones e o rádio. A escolha dos meios de comunicação e a utilização das ferramentas disponíveis devem ser observadas de modo a facilitar todo o processo com o menor índice de ruídos possível. Uma vez transmitida a informação, o/a receptor/a a processa e, segundo seus objetivos, transforma-a em conhecimento. O importante na comunicação interpessoal é o cuidado e a preocupação em transmitir as nossas idéias, sentimentos e emoções com mais clareza e determinação.



Técnica/exercício

A coordenação solicita que, em duplas ou trios, o grupo responda às duas perguntas abaixo, e apresente o resultado de forma criativa (teatro, música, fato da vida, mímica).

a) Quando ocorre a comunicação?

b) Quando a comunicação não existe ou é conflitante?

Situações de comunicação:

Grupo 1 - entre duas pessoas de lugares diferentes do país;

Grupo 2 - entre duas torcidas de times de clubes esportivos;

Grupo 3 - entre pessoas que estão distantes geograficamente;

Grupo 4 - entre políticos/as e povo;

Grupo 5 - entre professor/a e estudante;

Grupo 6 - entre pais/mães e filhos/as;

Grupo 7 - entre os/as participantes do grupo;

Grupo 8 - situação de comunicação pessoal (como alguém do próprio grupo se comunica).

c) Após a apresentação dos grupos, conversar:

→ O que mais nos chamou a atenção nas apresentações dos grupos?

→ Para nos comunicarmos com alguém ou algum grupo, quais são os cuidados que devemos ter?

→ A comunicação se dá apenas com palavras? Quais as diferentes formas de comunicar?

→ Em nosso grupo temos problemas na comunicação?

d) Distribuir a letra da música “Parabolicamará”, de Gilberto Gil (anexo I). Fazer uma breve leitura e, logo após, colocar a música para ser ouvida. Num primeiro momento, convidar todos/as a circularem em silêncio pela sala, observando as imagens no centro do círculo.

e) Em duplas, por proximidade, partilhar o que estes objetos nos fazem pensar sobre a comunicação? Quais as formas de comunicação são abordadas na música?



4. Iluminando com a Palavra

Leitura bíblica: Marcos 4,30-34.

Jesus tinha uma forma especial de comunicar a Boa Nova ao povo e aos discípulos. Vejamos a partir de uma passagem bíblica as atitudes de Jesus

Nesta leitura, qual é a atitude de Jesus?

- Como Ele se comunica? Fala para quem?
- O que fala é importante para quem está com Ele?
- O que esta passagem bíblica faz pensar sobre nossa capacidade de comunicação?

5. Compromisso de vida

a partir da reflexão feita, quais as ações necessárias para cultivarmos relações de diálogo e troca de experiências entre nós e com outros grupos que têm os mesmos interesses que os nossos?

6. Celebrando a vida

em duplas, partilhar as descobertas, as questões que mais nos tocaram neste encontro e apresentar aos demais do grupo e a Deus em forma de oração. Intercalando com refrãos meditativos.

7. Avaliação

revendo o ponto a partir do objetivo de provocar novas atitudes no grupo valorizando o diálogo, elencar quais as questões que este assunto suscitou em nós, que novas atitudes podemos assumir diante do tema abordado? Qual a importância da comunicação para a caminhada do nosso grupo?

Canto: “*Coração Livre*”, Jorge Trevisol (anexo 2).

8. Preparação do próximo ponto

organizar o grupo para trazer no próximo ponto uma breve pesquisa sobre as instituições e organizações governamentais ou não-governamentais que realizam trabalho com a juventude (ver imagens, cartazes, folders, etc.).





ANEXOS



Anexo 1

Música: “Parabolicamará”
Gilberto Gil

Antes mundo era pequeno porque Terra era grande
Hoje mundo é muito grande porque Terra é pequena
Do tamanho da antena parabolicamará
É volta do mundo camará, é mundo da volta camará
Antes longe era distante perto só quando dava
Quando muito ali defronte e o horizonte acabava
Hoje lá trás dos montes dendê em casa camará
É volta do mundo camará, ê é mundo da volta camará
De jangada leva uma eternidade, de saveiro leva uma encarnação
De jangada leva uma eternidade, de saveiro leva uma encarnação
Pela onda luminosa, leva o tempo de um raio
Tempo que levava rosa pra aprumar o balaio
Quando sentia que o balaio ia escorregar
É volta do mundo, camará, ê é mundo da volta camará
Esse tempo nunca passa não é de ontem nem de hoje
Mora no som da cabaça, nem tá preso nem foge
No instante que tange o berimbau, meu camará
É volta do mundo, camará, ê é mundo da volta camará
uma eternidade, de saveiro leva uma encarnação
De jangada leva uma eternidade, de saveiro leva uma encarnação (bis)
De avião o tempo de uma saudade
Esse tempo não tem rédea vem nas asas do vento
O momento da tragédia, Chico, Ferreira e Bento
Só souberam na hora do destino apresentar
É volta do mundo camará, ê é mundo da volta camará



Anexo 2

Música: “Coração Livre”
Jorge Trevisol

Eu vejo que a juventude tem muito amor.
Carrega esperança viva no seu cantar.
Conhece caminhos novos não tem segredo.
Anseia pela justiça deseja a paz.

Mas vejo também a dor da insegurança.
Que dói quando é hora certa de decidir.
Tem medo de deixar tudo e não se cansa.
Diz não ao caminho certo e não é feliz.

Hei juventude - rosto do mundo.
Teu dinamismo logo encanta quem te vê.
Na liberdade aposta tudo, não perde nada
Na certeza de vencer. (bis)

Vai, vende tudo que tens.
Dá a quem precisa mais.
Vem e segue-me depois.
Vem comigo espalhar a paz.

Jesus convida conta comigo.
Mas é preciso ter coragem de morrer.
Coração livre, comprometido,
Partilha tudo sem ter medo de perder. (bis)

TRILHA 03

Interagindo nos espaços sociais e eclesiais

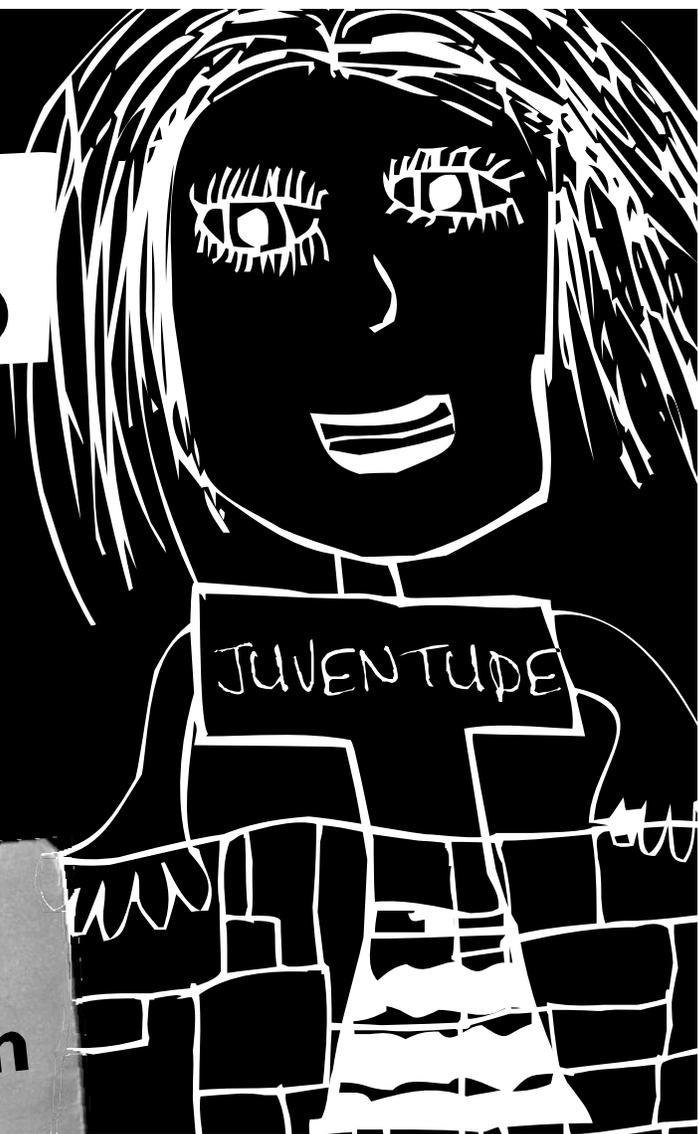
Ao fazer a memória do caminho do grupo os/as jovens vão se alegrando com os passos dados. Esta trilha é para refletir sobre a interação nos espaços sociais e eclesiais. Os pontos são convites para perceber os diversos caminhos a serem feitos para um maior compromisso tanto na comunidade eclesial como na sociedade.

Abrir as portas para outros espaços para além do grupo é interagir e perceber a história do povo de Deus, na experiência de Jesus Ressuscitado que faz arder o nosso coração. Capacita para as relações mais amplas, para o diálogo e para nossa intervenção na história.



1º PONTO

Tecendo redes nos trabalhos com a Juventude



→ OBJETIVO

promover uma reflexão no grupo a partir das experiências de trabalho em redes juvenis que existem na realidade local.

MATERIAL

Bíblia, fitas de pano, pedaços de retalhos coloridos cortados em quadrado, tesoura, agulhas, linha de costura, pincéis atômicos, som para CD, CDs diversos; pesquisa sobre outras instituições que trabalham com a juventude.

AMBIENTAÇÃO

no centro da sala colocar a Bíblia, bandeiras, fotos ou objetos que mostrem trabalhos de outras instituições e organizações que são realizados com a juventude.

I. Acolhida

a coordenação acolhe a todos/as.



Técnica/exercício

rede da diversidade

Distribuir pedaços de fita colorida para todos/as.

Orientar para que, inicialmente, andem pelo salão com a tira: depois, ao som de uma música animada, dançar com a fita.

Formar trios e partilhar seu nome e qual comida preferida: após, amarrar as fitas e sair dançando juntos pelo salão, encontrar com outro trio e falar o seu nome e qual o seu lazer preferido e amarrar as fitas. Continuar a técnica até todos e todas formarem uma grande rede.

Na grande roda a coordenação motiva para todos e todas falarem seus nomes e, logo após as apresentações, falar do objetivo e o tema do encontro.

Continuar segurando a rede e a coordenação questionar o grupo sobre o que eles/elas entendem sobre a palavra “rede” e porque devemos trabalhar em rede?

Fazer uma breve partilha.

2. Relembrando o ponto anterior

recordar as decisões do encontro anterior. Pedir aos/às jovens que participaram para fazer a memória, relatando tema, objetivo e quais os compromissos assumidos pelo grupo.

3. Olhando a nossa realidade

em nossa comunidade percebemos vários trabalhos desenvolvidos para e com a juventude. Sabemos quais os serviços prestados e como se organizam estas entidades juvenis em nossa cidade? Quando ouvimos a palavra “trabalho em rede”, percebemos qual a articulação social que estas desenvolvem junto à sociedade e, principalmente, com os grupos juvenis? Partindo destes questionamentos faremos, neste ponto, uma reflexão sobre o que são redes de projetos juvenis.



- A coordenação organizará pequenos grupos para a leitura do texto: “Trabalho em Redes?” (anexo I). No grupo, partilhar que questionamentos e destaques fazem deste texto. O grupo escolherá um/a redator/a para partilhar as descobertas na plenária.
- A coordenação motiva o grupo a partilhar os trabalhos com a juventude que eles/elas pesquisaram durante a semana ou conheceram. Proporcionar para que jovens do grupo que prestam serviço em outras organizações juvenis (escola, bairro, projetos sociais) partilhem suas experiências.
- Cada grupo deverá, após a leitura do texto, escrever num quadrado de retalho colorido o nome das organizações juvenis que conheceram ou conhecem e qual o serviço que prestam à juventude.
- Após a partilha dos grupos, costurar os retalhos de maneira a formar uma colcha, que represente uma rede (ver uma forma de envolver o grupo na “costura”).

4. Iluminando com a Palavra

Leitura bíblica: Mateus 10, 5-20.

Jesus envia os apóstolos a diversas partes com o mesmo objetivo: “anunciar o reino dos céus”. Motivação: hoje a juventude é abraçada em várias instâncias eclesiais (como nosso grupo) e sociais (grupos de dança, teatro, esporte, projetos sociais e casas de acolhida). Esses trabalhos e pessoas que os desenvolvem assumem o papel dos/as apóstolos/as, pela mesma causa: a juventude.

O grupo partilha por proximidade:

- No tempo de Jesus, como Ele desenvolveu sua missão? E hoje, para o desenvolvimento de todas as dimensões da vida humana, qual o nosso papel na sociedade?

5. Compromisso de vida

propor ao grupo visitar outros projetos sociais ou grupos que desenvolvem trabalhos com jovens (futebol, capoeira, hip-hop, teatro). Promover trabalhos conjuntos com essas iniciativas. O grupo pode participar de redes de juventude em sua cidade.

6. Celebrando a vida

utilizar a rede de fitas e a colcha de retalhos como símbolo de cooperação e de uma articulação solidária com outras organizações juvenis como sendo uma forma de construir, no processo de caminhada do grupo, um meio eficaz de realizar transformações sociais.

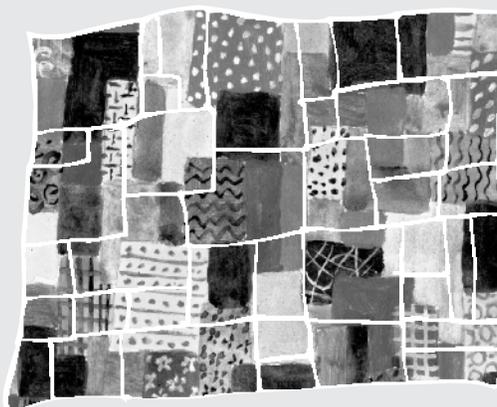
Música: “O profeta” (*Antes que te formasses*) - Jeremias I (anexo 2).

7. Avaliação

- A partir do tema “Redes”, que iniciativas o nosso grupo poderá desenvolver com outras redes de juventude?
- Qual a relevância individual e para o grupo em fazer uma reflexão sobre a colaboração participativa como um meio eficaz de realizar transformações sociais?
- O caminho desenvolvido pela coordenação (acolhida, oração, desenvolvimento do tema) colaborou no entendimento e ampliação do tema?
- Que cuidados devemos ter?

8. Preparação do próximo ponto

organizar pessoas para prepararem a acolhida, oração e a ambientação. Ler alguns materiais que falem sobre as Diretrizes Gerais da Igreja no Brasil. Pode ser pesquisado pelo site: www.cnbb.org.br ou na própria paróquia; Caderno de Estudos da CNBB 76 - Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil e, também, o número 93 sobre a Evangelização da Juventude.





Anexo I **Trabalho em Redes⁸**

Um dos grandes desafios tem sido a construção, a compreensão, o acompanhamento, enfim, a lógica do Trabalho em Redes com os jovens. Sob pena de não cairmos no modismo de falar e de criar redes, ou de banalizar os verdadeiros sentidos e significados de trabalhar em redes, resgato, algumas noções de Redes de vários autores:

- Complementaridade de ações para a produção de sentidos;
- Respeito às diferenças e reciprocidade (processo de construção, articulação de forças, soma de energias, mobilizações, ações coletivas, formas de aprendizagem);
- Processo de ação e reflexão;
- Construção de novas relações afetivas e de visão de mundo;
- Projeto de transformação social, alternativa à estrutura piramidal (processo de construção de uma prática político-pedagógica que supere hábitos, métodos e aponte perspectivas de práticas inovadoras).

Na sociedade contemporânea, o termo vem sofrendo sucessivas evoluções, desde a compreensão de seu significado enquanto espaço de comunicação, difusão, associação, relações, sucessão e regularidade de fatos, acontecimentos, eventos, trocas e intercâmbio de experiências. Nesse universo de conceituações e de mudanças, surge na década de 1990, a criação das Redes de Jovens no Brasil, que apresentam características e composições bastante diferentes. As afirmações dessa articulação em Rede são orientadas a partir dos propósitos da identidade do ser jovem enquanto sujeito protagonista social, que se insere no protagonismo de amplos setores populares e democráticos e se mobiliza motivado pela perspectiva de transformação da realidade, da sociedade.

Hoje, no Brasil, as redes se multiplicam, se cruzam e se entrelaçam com a emergência de novos espaços e fóruns de participação. No trabalho com os

⁸ Joana Santos Pereira, educadora da Escola de Formação Quilombo dos Palmares. Revista Tempo e Presença, n.º. 321, jan/fev de 2002. p.8-9.

jovens, é visível uma multiplicidade de ações: lutas estudantis, partidárias, pastorais, ou de bairros e de expressões culturais; lutas que tratam da afirmação de identidades-jovens negros, mulheres, indígenas, homossexuais e outros; iniciativas de cursos de profissionalização para jovens por parte de governos, universidades, prefeituras e organizações não-governamentais; iniciativas de campanhas de mobilização de massa com a juventude por meio de gincanas, acampamentos, festivais, etc. Existem também iniciativas pontuais de realização de campanhas ou programações pontuais de arte e cultura com os jovens.

Talvez o papel de construir redes seja exatamente este de reforçar a multiplicidade de ações, respeitando as diferenças e a pluridimensionalidade dos fatos, dos temas, dos problemas, das relações, interculturalidade e produção de sentidos, possibilitando assim a construção de uma nova cultura política. Transmitir por esta diversidade de projetos, estilos e lógicas, novos modelos organizativos.

Trabalhar em redes possibilita maior envolvimento de jovens no exercício de sua cidadania, mas ao mesmo tempo, pode gerar conflitos e contradições decorrentes de superposição das diferentes lógicas de intervenção. Entretanto, a possibilidade de construir o novo, de juntar os jeitos de trabalhos, de composição... é o grande desafio desse trabalho.

Existem várias iniciativas de trabalho em redes com jovens. Rede do tipo que enfatiza a questão da comunicação entre os jovens, entre os movimentos. Por exemplo, existe a Rede de Jovens, uma iniciativa via Internet que tem como objetivo estimular os jovens a se comunicar, estreitar e construir informações, apresentar idéias, propostas...enfim, ser o instrumento de comunicação entre os jovens de todos os cantos do País.

Há iniciativas de redes de jovens que se mobilizam a partir de objetivos e ações em comum. Daí, a idéia de rede constitui-se em um espaço de interlocução e articulação de suas práticas. Estas redes, além de dialogar e construir análises de suas práticas, elaboram ou buscam subsídios que colaboram em suas reflexões; criam instrumentos de comunicação entre os seus participantes a exemplo de boletins online, boletins impressos; realizam atividades de formação ou de mobilização que reúnem jovens; possibilitam espaços de trocas e intercâmbio de experiências, motivando-os a se reunirem cada vez mais. Com a intenção de socializar um pouco a experiência, aqui vão algumas informações que ilustram essas dimensões e desafios do trabalho em redes com os jovens a partir de uma experiência concreta.

Redes de Jovens do Nordeste

A Rede de Jovens do Nordeste⁹ surgiu em 1998, a partir da articulação de entidades, ONGs, e movimentos juvenis nos estados de PE, PB, RN. Com a participação dos/das jovens em eventos formativos promovidos pela EQUIP - Escola de Formação Quilombo dos Palmares e da Escuela Latino-Americana de Liderazgo, no México.

Surgiu, também, da necessidade das organizações das juventudes num espaço de troca de experiências, debates e proposições de políticas públicas para este segmento, na construção e animação do fazer formativo que superasse as dimensões de casa, bairro, cidade, estado... entendendo este como espaço de fortalecimento, ampliação, mobilização e qualificação da intervenção dos diversos segmentos e movimentos juvenis, buscando a identidade juvenil nordestina. Foi no ano de 2000, que a juventude protagonizou o processo da estruturação dos núcleos nos nove estados do Nordeste, realizando diversas iniciativas como: seminários, festivais, encontros, acampamentos, intercâmbios, internúcleos e representando a rede em espaços, em nível nacional e internacional, debatendo com outros atores sociais.

A partir do nosso amadurecimento e de nossas ações formativas, definimos estratégias de intervenção que garantiram e garantem a participação da juventude nordestina em importantes espaços de discussão: PPA - Plano Pluri Anual, conselhos municipais e estaduais, conferências, seminários, fóruns e outros. Hoje a RJNE é um espaço de articulação e protagonismo juvenil, na construção de um campo democrático popular e tem como eixos norteadores das ações: Articulação, Mobilização, Organização, Formação e Intervenção, reunindo os mais variados tipos de grupos juvenis oriundos de diferentes organizações sociais. Os jovens que tecem esta rede encontram-se, em sua maioria, entre 15 e 29 anos e militam nas diferentes organizações sociais. Acreditando no potencial das juventudes em trilhar novos caminhos, a Rede de Jovens do Nordeste vem, através desta carta, animar e potencializar as nossas ações.

*“Em uma sociedade muito contraditória,
encontramos a esperança de quem luta por vitória;
É a força da juventude querendo mudar a história.”*

⁹ Rede de Juventude do Nordeste, site: <http://www.ajepi.com.br>



Anexo 2

Música: “O Profeta”

(Antes que te formasses - Jeremias I)

Antes que te formasses,
Dentro do seio de tua mãe,
Antes que tu nascecesses,
Te conhecia e te consagrei.
Para ser meu profeta
Entre as nações eu te escolhi,
Irás para onde enviar-te,
E o que eu mando proclamarás!

Tenho que gritar, tenho que arriscar,
Ai de mim se não o faço!
Como escapar de ti? Como calar,
Se tua voz arde em meu peito?
Tenho que andar, tenho que lutar,
Ai de mim se não o faço!
Como escapar de ti? Como calar,
Se tua voz arde em meu peito?

Não temas arriscar-te,
Porque contigo eu estarei,
Não temas anunciar-me,
Em tua boca eu falarei.
Entrego-te meu povo,
Vai arrancar e derrubar.
Para edificar destruirás e plantarás.

Deixa os teus irmãos,
Deixa teu pai e tua mãe.
Deixa a tua casa,
Porque a terra gritando está.
Nada tragas contigo,
Pois ao teu lado eu estarei.
É hora de lutar, porque meu povo
Sofrendo está.



2º PONTO



A Igreja que queremos ser

OBJETIVO

ampliar a participação da juventude nos espaços eclesiais, buscando a construção de uma Igreja participativa, a partir da comunidade de Jesus.

MATERIAL

Bíblia, colcha de retalhos, tinta guache de várias cores, pratos, três folhas grandes de papel, pincéis atômicos.

AMBIENTAÇÃO

cadeiras em círculo. No centro colocar a Bíblia e a colcha de retalhos feita no primeiro encontro.

1. Acolhida

a coordenação acolhe a todos e todas com o versículo “Se vocês tiverem amor uns para com os outros, todos reconhecerão que vocês são meus discípulos” (Jo 13, 35). Logo após canta o Salmo 133 (anexo 2).

Após o Salmo acolher os/as jovens que estão participando pela primeira vez e falar do objetivo e tema do encontro.

2. Relembrando o ponto anterior

trazer para o grupo os aspectos mais fortes do ponto anterior e que postura e atitudes o grupo assumiu diante do tema apresentado, partilhando o compromisso assumido pelo grupo.

3. Olhando a nossa realidade



Técnica/exercício

Semáforo (sinal de trânsito, sinaleira).

a) organizar três grupos em círculos, nas cores do semáforo (verde, amarelo e vermelho), observando que cada grupo ficará com uma questão específica da sua cor;

b) distribuir as folhas grandes e pincéis atômicos pedindo para o grupo fazer um círculo pequeno na folha com a cor do seu grupo (usar tinta guache);

c) a coordenação motiva os grupos para trazer quais os elementos da Igreja que somos e que queremos ser considerando as seguintes orientações para as cores:

Vermelho - posturas que dificultam a construção de uma Igreja comunitária, democrática e solidária que busca a transformação da sociedade;

Amarelo - situações, posturas da Igreja que merece cuidado;

Verde - características de uma Igreja participativa que nos ajudam na construção dessa Igreja que queremos ser.

d) partilhar na plenária as impressões de cada grupo. Recordar que a Igreja somos todos/as nós. Deixar claro quando estivermos falando de uma parte da Igreja.



4. Iluminando com a Palavra

leitura do texto, estudo da CNBB 76, Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil: “A Igreja como sinal e instrumento deste amor concreto e trinitário de Deus”. A coordenação orienta para continuar os mesmos grupos e, juntos, ampliar a discussão do tema: “A Igreja que queremos ser” a partir da leitura do texto. Após a leitura, cada grupo partilha:

a) os/as jovens são Igreja? Como e por quê? (Obs.: cada grupo anote as impressões para serem partilhadas na plenária).

b) plenária: cada grupo apresenta as descobertas feitas.

c) finalizar este momento.

Preces espontâneas...

Oração

Apóstolos, discípulas e discípulos do Senhor: (ODC¹⁰ p. 623.2005)

Irmãos e irmãs, lembrando-nos da herança que nos veio por meio dos apóstolos, evangelistas, discípulas do Senhor, façamos a nossa prece em favor de uma Igreja fraterna, solidária e em profunda comunhão com a juventude empobrecida.

Escuta-nos, Senhor da Glória.

Pai-Nosso

Motivar uma reflexão a partir do texto, considerando os elementos trazidos a partir da dinâmica do semáforo.

5. Compromisso de vida

na perspectiva de assumirmos outros espaços dentro da Igreja, de forma participativa, o que esta reflexão nos move a fazer? Dos vários serviços em nossa Igreja (comunidade, paróquia e diocese) como aproximar-nos destes espaços? Onde podemos buscar formas de qualificar essa participação? O grupo também pode fazer visitas a outras igrejas visando conhecer outras expressões religiosas, cuidando do diálogo e respeito às diferenças e diversidades de crenças. Fazer uma conversa com um/a participante de outras igrejas, percebendo como é organizado o serviço de evangelização da juventude nas mesmas e partilha na próxima reunião com o grupo.

¹⁰Ofício Divino das Comunidades

6. Celebrando a vida

criar um ambiente tranquilo com uma música de fundo. Num clima de oração, dois jovens estendem a colcha construída no encontro das redes no meio da roda; em seguida o grupo é convidado a assumir o compromisso de construir a Igreja que queremos a partir do gesto de colocar a “marca” de sua mão na colcha, com o auxílio da tinta guache. Depois, convidar o grupo para que, em dupla, após o gesto de colocar a sua marca na colcha, segure as mãos um/a do/a outro/a, contemplando os/as parceiros/as, observando suas mãos e encerrar com um dos seguintes refrãos:

“tatuei você na palma da minha mão, tatuei você na palma da minha mão, você é meu, você é minha, tatuei você na palma da minha mão...”

“eu quero ver, eu quero ver... acontecer... um sonho bom, um sonho de muitos, acontecer...”

7. Avaliação

ao fazer uma reflexão de como construir uma Igreja participativa:

- a) Que desafios o grupo percebeu para estar a serviço de uma Igreja fraterna e em comunhão?
- b) Que atitudes e posturas nos impulsionam a assumir e redirecionar a vivência da Palavra de Deus?
- c) O caminho desenvolvido pela coordenação (acolhida, oração desenvolvimento do tema) colaborou no entendimento e ampliação do tema?

8. Preparação do próximo ponto

conhecer os grupos e entidades que existem em sua cidade, observando como são organizados e contribuem nos espaços de participação da sociedade (associações comunitárias, conselhos da criança e adolescente, de saúde, educação, assistência social, etc.). Sugestão: Realizar uma pesquisa na Internet nas páginas que contêm informações que podem ajudar: www.polis.com.br, www.fpabramo.org.br, www.fase.org.br, www.cidadania.org.br, www.transparenciabrasil.org.br.

Pesquisar os subsídios do Dia Nacional da Juventude que discutam Políticas Públicas.



Anexo I **Ser Igreja¹¹**

A partir do Concílio Vaticano II¹² (1962-1965), ao repensar a sua missão e a sua relação com o mundo, a Igreja gerou uma nova autoconsciência de si e uma eclesiologia de amplas perspectivas para o trabalho pastoral. Lembramos algumas características, conforme as DGAE 29 (*Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja*)¹³, a concepção de Igreja - comunidade, inserida no mundo, a serviço do Reino; o reencontro da consciência de uma Igreja toda e sempre missionária; a consciência de Igreja-Povo de Deus, ressaltando o papel dos leigos e a co-responsabilidade de todos os pastores e fiéis na missão evangelizadora; a redescoberta da Igreja particular ou local; a valorização do mundo e das realidades terrestres; a abertura ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso.

Todas estas características foram iluminadas e adaptadas pela Igreja na América Latina através das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano em Medellín (1968) e Puebla (1979), revelando o rosto de uma Igreja verdadeiramente profética que assumia a opção preferencial e evangélica pelos pobres.

A Igreja como sinal e instrumento deste amor concreto e trinitário de Deus¹⁴

A Igreja é sacramento quando age nas situações do dia-a-dia, quando ela é sinal concreto da bondade, do carinho e da audácia de Deus: “eu tive fome e me deste de comer...” (Mt 25,31-46).

Para realizar isto, a Igreja se alimenta da Palavra, que é luz no caminho e aquece o coração (Lc 24, 32); da celebração e Eucaristia, que é força no caminho e abre os olhos para a realidade do povo e dos jovens (Lc 24,31) e que remete para a Missão (Lc 24,33); por fim, a Igreja se fortalece com o testemunho concreto de tantos

¹¹ Fragmento tirado do Marco Referencial da PJB, Estudos da CNBB 76, p. 102-103.

¹² O Concílio Ecumênico Vaticano II foi convocado no dia 11 de outubro de 1962, pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8 de dezembro de 1965, pelo Papa Paulo VI.

¹³ Documento Oficial da CNBB norteador da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil.

¹⁴ Texto do Marco Referencial da PJB, Estudos da CNBB 76, p. 130-131.

mártires, conhecidos ou anônimos, vivos ou mortos, que atestam com sua vida o carinho especial que Deus tem pelos pobres e pelos jovens.

Ao se despedir de seus jovens discípulos, a Igreja nascente, Jesus diz: “Ide pelo mundo e anunciai a boa notícia a todos os povos - aos jovens” (Mt 28, 18-20). Jesus sintetiza sua missão com uma frase do profeta Isaías: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a boa notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor”; e Jesus conclui: “Hoje se realiza a escritura que acabais de ouvir” (Lc 4,16 -21).

A missão de Jesus é a missão da Igreja. É uma missão desafiadora para a Igreja e que tem seu preço, pois confirma o amor especial de Deus pelos pobres e pequenos: “Bem-aventurados os que são perseguidos por causa de Justiça” (...) “bem-aventurados quando forem insultados e perseguidos e disserem todo tipo de calúnia contra vós, por causa de mim”(Mt 5, 10-11).

Missão que se realiza nos pequenos gestos do dia-a-dia e em ocasiões mais especiais, sendo a “pequena porção de fermento...sal...luz...grão de mostarda” (Mt 13). A Igreja é desafiada a “ouvir o clamor... descer e libertar”, na figura do texto de Êxodo 3,5-8. Para realizar a missão é preciso também morrer, pois “se o grão de trigo não morrer, ele não vai produzir frutos”.

Uma Igreja que, para ser espaço de comunhão e participação, profética e libertadora, inculturada no mundo juvenil, ministerial e transparente, solidária e missionária, tem que ser despojada: “Não leveis nada pelo caminho, nem bolsa, nem sacola, nem sandálias” (Lc 10,4); simples e audaz: “sede simples como as pombas e espertos como as serpentes” (Mt 10,16).

Os jovens sonham com uma Igreja que celebre a vida, uma Igreja povo de Deus e de irmãos, comunhão e participação, pobre e que opte pelos pobres, profética e libertadora, solidária e evangelizadora; uma Igreja que ame os jovens, que confie neles e os impulse para o compromisso e missão.



Anexo 2

Música: “Salmo 133”

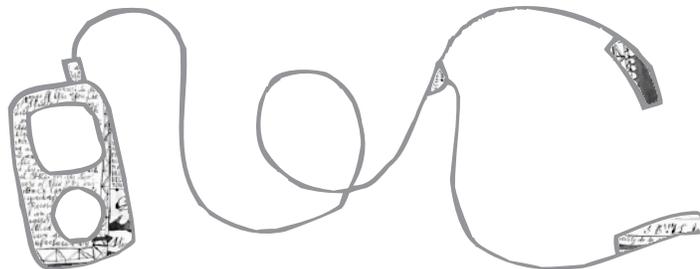
Oi que prazer, que alegria
O nosso encontro de irmãos/ãs (bis)

É óleo que nos consagra,
Que ungiu teu servo Aarão.
É como um banho perfumado,
Gostosa é nossa união!

Orvalho de alta montanha
Que desce sobre Sião.
Serenos da madrugada
Gostosa é nossa união!

Senhor, tu nos abençoa,
E a vida vem de porção.
É vida que dura sempre,
Gostosa é nossa união!

Ao Deus de todas as crenças
A glória e a louvação.
No amor da Santa Trindade,
Gostosa é nossa união!



3º PONTO

Juventude na participação e controle das Políticas Públicas

OBJETIVO

despertar os/as jovens para uma prática construtiva de participação nos espaços de discussões sobre Políticas Públicas.

MATERIAL

CD e cópia da música “Zé Ninguém” - Biquíni Cavado (anexo 2), uma vela grande.

AMBIENTAÇÃO

no espaço do encontro ter os símbolos usados nos pontos anteriores: cartazes, fotos, a colcha de retalhos, a Bíblia.

1. Acolhida

acolher com a música: “Zé Ninguém” - Biquíni Cavado. Após a chegada dos/as participantes, a coordenação acolhe a todos e todas e fala sobre o tema da reunião e o seu objetivo. Para iniciar a discussão sobre o tema do encontro a coordenação distribui a letra da música “Zé Ninguém” e faz uma breve leitura e, em duplas, por proximidade, partilhar que realidade social e qual o modelo de relações esta música revela? Fazer uma partilha e finalizar dizendo os sentimentos que expressamos a partir desta música.

2. Relembrando o ponto anterior

a coordenação motiva uma partilha e leitura da avaliação do encontro anterior. Verifica os compromissos assumidos e apresenta as pessoas que estão vindo pela primeira vez no grupo.

3. Olhando a nossa realidade

nesse encontro, a proposta é despertar a juventude para o exercício da democracia a partir de uma prática diária, desenvolvendo o senso de participação e envolvimento nos espaços de definição e discussão de Políticas Públicas, como: Conselhos de Direitos, Conselhos Tutelares, Redes de Juventude.



Técnica/exercício **Olhar para si**

A coordenação distribui uma folha branca para cada participante e, individualmente, no centro da folha, desenhar um olho e no espaço restante escrever:

- a. Como é minha participação nos espaços: família, escola, grêmio estudantil, trabalho, grupo: de jovens, futebol, teatro, etc.?
- b. Como acontecem as tomadas de decisão, as relações, os diálogos?
- c. Como percebo esta dimensão nos espaços sociais e políticos da sociedade (relembrar os espaços que apresentamos na nossa colcha de retalhos)?
- d. Como me avalio: estou aberto/a ao diálogo ou sou “cabeça-dura”, escuto o que as pessoas falam? Esta escuta modifica minha opinião? No grupo, quem desejar, fazer uma partilha da escrita.

Obs.: a coordenação escreve no quadro ou num papelógrafo as seguintes questões:

A coordenação organiza grupos de 05 pessoas e orienta para a leitura do texto: “Pensando mecanismos de participação e controle das Políticas Públicas” (anexo I), na perspectiva de ampliar a discussão sobre a participação da juventude nos espaços de decisões sobre Políticas Públicas.





A partir do texto refletir sobre:

- A importância para a vida pessoal/grupo/comunidade/juventude participar destes espaços;
- Eles podem modificar alguma realidade?
- Olhando para os espaços existentes (que apontamos em nossa colcha de retalhos), que ações podemos desenvolver? oportunidades, tecnologias, ecologia...

4. Iluminando com a Palavra

Leitura bíblica: Êxodo 18, 13-27.

A partir do olhar de Jetro, Moisés é chamado a descentralizar o poder e organizar o povo, formando novas lideranças que assumissem uma relação social fundada na liberdade, na dignidade. Ao fazermos este olhar para as posturas de Moisés, a que posturas devemos ficar atentos/as para uma participação efetiva nos espaços de discussões de Políticas Públicas?

5. Compromisso de vida

construir um mapa dos espaços de participação popular que conhecemos em nosso bairro, município e Estado, como: associações comunitárias, conselhos de direito (criança e adolescente, assistência social, saúde, educação, habitação, conselhos tutelares, orçamento participativo e outros); e dos serviços e Políticas Públicas oferecidos.

6. Celebrando a vida

um/a jovem, com uma vela acesa na mão, convida a todos/as a formarem uma grande roda e juntos/as segurarem a colcha de retalhos que acompanhou as três reuniões do grupo.

Preces espontâneas...

Pai-Nosso

7. Avaliação

na perspectiva de interagir nos espaços sociais e eclesiais estamos finalizando o último ponto da trilha. Nestes diversos caminhos apresentados para o grupo, como vocês se sentiram nesta experiência de fé? Qual a relevância pessoal e grupal de refletir sobre a participação popular e na discussão sobre Políticas Públicas? Que descobertas foram feitas e quais os desafios que ainda travam o nosso compromisso na comunidade eclesial e na sociedade? Que portas foram abertas para o crescimento do grupo? O que aprendemos com este processo?

8. Preparação do próximo ponto

organizar um momento celebrativo com a comunidade, apresentando o caminho percorrido pelo grupo.



Anexo I

Pensando mecanismos de participação e controle das Políticas Públicas¹⁵

Na formulação e execução das Políticas Públicas em países como o Brasil, qual tem sido o papel de organismos internacionais como BID, Banco Mundial e FMI e tantos outros? Até que ponto o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social representa a massa da população das periferias e dos extratos menos favorecidos?

As perguntas acima formuladas indicam nossa preocupação com o envolvimento popular, isto é, da sociedade como um todo, na construção e apropriação do que deseja para si. “Todo o poder emana do povo”. É um belo enunciado. Mas como carecemos extremamente de alfabetização política, passamos cheque em branco aos nossos representantes, que raramente vemos depois de eleitos/as, e nunca mais cobramos pelo que fizeram ou deixaram de fazer. Deixamos que eles se auto-regulem. É a consequência da democracia formal-representativa.

Na atual organização do Estado ainda é possível algum controle social sobre o Executivo, o Legislativo e o Judiciário? Ele não emana do povo? Mas o que se vê é um poder todo-poderoso e intocável.

A democracia, fundada nestes três poderes, precisa ser reconstruída ou melhor dizendo: ainda estamos construindo a democracia e tem muito a ser feito. Mas é uma pena a existência de mão-de-obra de braços cruzados e não é por falta de trabalho.

A Política Pública, na sociedade democrática, podemos imaginá-la como vagões de um trem. Na via férrea, um trilho é aquele do poder público e o outro da sociedade civil ou dos cidadãos, ligados pelos dormentes da interação política, do diálogo e até da correlação de forças. Se os dois trilhos não estiverem bem construídos ou falseados os dormentes, os vagões descarrilam e quem sofre são os passageiros. Mais do que nunca, é tempo de construção desta ferrovia e todos/as somos ferroviários/as. A ferramenta primordial é a consciência política e social, sob a égide da sociedade civil.

Em geral, as Políticas Públicas são concebidas nos gabinetes ao sabor do governante e de suas prioridades político-ideológicas, independente da real participação cidadã e das verdadeiras demandas públicas. São centralizadas no detentor do poder, enquanto mandatário político. Isto sem falar de formulações e execuções endereçadas a interesses nada claros ou claros demais para grupos de privilegiados ou fortemente corporativos e oportunistas. Mas é o fruto da democracia formal! Sua execução, lá na ponta, esbarra ainda com um incontável processo burocrático e legal. Como conciliar isto? Como interferir?

¹⁵Pe. Antonio Lauri de Souza, texto extraído em parte da Revista Pj a Caminho nº 94 agosto a outubro de 2003.

É preciso reafirmar que o poder está no cidadão politicamente organizado. A Constituição de 88 abriu, por exemplo, para descentralização dos Sistemas de Políticas Públicas, cabendo papel fundamental aos municípios. Foi o processo da Municipalização, diferente de prefeiturização. Com isso se tem uma maior possibilidade de intervenção, uma vez que o município está mais próximo do cidadão. Mas esta proximidade não significa necessariamente capacidade de interação e apropriação de poder para formular políticas. É necessário conquistá-lo. Um caminho é aquele dos Conselhos, por exemplo, da Assistência Social, da Educação, da Criança e do Adolescente, dos Idosos, do Negro, da Juventude.. Nestes importantes mecanismos que a sociedade civil tem para intervir é necessário estar sempre munidos de autocritica para não repetir corporativismos, cooptação, interesses pontuais e outros vícios. A força deles se mede quando deles emanam realmente as políticas próprias do seu âmbito e quando, responsavelmente, fazem as necessárias cobranças na execução.

Outro elemento fundamental a que os/as cidadãos/ãs e a sociedade civil organizada, de modo particular, devem ter muita atenção é aquele da temática dos direitos, apropriando-se das possibilidades que as leis facultam aos indivíduos e às organizações de interferirem na elaboração e gestão das Políticas Públicas. Exemplos bem concretos são os instrumentos denominados de Plano Plurianual e Lei de Diretrizes Orçamentárias. Conhecendo seus mecanismos se pode e se deve interferir, conferindo se estão orçados os recursos para a efetivação das políticas desejadas ou até anunciadas pelo governante. Se não foram contidas no orçamento, não passarão de boas intenções ou de palavreado para enganar.

Em Porto Alegre, a experiência do Orçamento Participativo parece um incontestável processo de abertura à real participação cidadã. Isto não se mede somente pelo pragmatismo das ações e de resultados. Já seria bastante, mas insuficiente. Quem participa do processo vai crescendo politicamente. Percebe que a construção da cidade, da cidadania e da inclusão social não é obra só do desejo do governante. Ele, cidadão, torna-se autor, político e administrador. O ato de votar as prioridades é a última coisa. Antes é preciso discutir muito, estabelecer correlação de forças... Os embates são duros, diretos e até rústicos, mas se respira atmosfera de festa democrática. Não está dito que deva ser eternamente assim... Devem sofrer os necessários ajustes para que cada vez mais expressem sua face democrática e ajudem a reconstruir o Estado. Quer dizer, só democracia representativa é pouco. Em Políticas Públicas e na política em geral, a democracia participativa tem maior efetividade porque as pessoas se convertem em cidadãos e ampliam seus espaços de luta pelos próprios direitos.

É claro que isto não é pacífico, pois mexe com o poder e com os seus detentores oficiais. E não é da índole geral do homem ab-rogar das suas benesses para que os outros possam viver melhor.



Anexo 2

Música: “Zé Ninguém”

Biquíni Cavadão

Quem foi que disse que amar é sofrer?
 Quem foi que disse que Deus é brasileiro,
 Que existe ordem e progresso,
 Enquanto a zona continua no Congresso?
 Quem foi que disse que a justiça tarda mas não falha?
 Que se eu não for um bom menino, Deus vai castigar!



Os dias passam lentos
 Aos meses seguem os aumentos

Cada dia eu levo um tiro
 Que sai pela culatra
 Eu não sou ministro, eu não sou magnata
 Eu sou do povo, eu sou um Zé Ninguém
 Aqui embaixo, as leis são diferentes
 Eu sou do povo, eu sou um Zé Ninguém
 Aqui embaixo, as leis são diferentes



Quem foi que disse que os homens nascem iguais?
 Quem foi que disse que dinheiro não traz felicidade
 Se tudo aqui acaba em samba?
 No país da corda bamba, querem me derrubar!
 Quem foi que disse que os homens não podem chorar?
 Quem foi que disse que a vida começa aos quarenta?
 A minha acabou faz tempo, agora entendo por que

Cada dia eu levo um tiro
 Que sai pela culatra
 Eu não sou ministro, eu não sou magnata
 Eu sou do povo, eu sou um Zé Ninguém
 Aqui embaixo, as leis são diferentes (4X)

Os dias passam lentos
 Os dias passam lentos

Cada dia eu levo um tiro
 Cada dia eu levo um tiro
 Eu não sou ministro, eu não sou magnata
 Eu sou do povo, eu sou um Zé Ninguém
 Aqui embaixo, as leis são diferentes...



TRILHA 04

planejamento

Nesta trilha encontramos com os discípulos/as de Emaús que, depois da experiência com o Cristo ressuscitado, voltam para anunciar a vida nova. Eles/as se reúnem com as testemunhas iniciais do Ressuscitado e organizam modos de dizer sobre a possibilidade de mudança. Anunciam que diante da morte não podemos nos paralisar ou ficar impotentes, atuando e planejando sua missão.

Nós, no grupo de jovens, temos que organizar nossos sonhos e utopias, planejando cada atividade que desenvolveremos junto aos/às jovens, seja na organização de novos grupos, seja no fortalecimento e articulação dos já existentes. Também devemos provocar mudanças na estrutura da sociedade para dizer que Jesus assumiu o lugar do/a pobre e do/a pequeno/a para transformar as situações de opressão em libertação e em vida para todos e todas.

Nossa tarefa é fortalecer uma ação planejada que garanta processos. O segredo de uma ação transformadora, a exemplo de Jesus e seus/suas discípulos/as, é um plano que altere as estruturas de morte, começando da vida do/a jovem até a sociedade onde este/a está inserido/a.



1º PONTO

Nossos sonhos e utopias

OBJETIVO

refletir sobre os nossos sonhos, tendo em vista o desenvolvimento de uma ação transformadora no meio em que vivemos.

MATERIAL

cópia da música: "Dias Melhores" - Jota Quest, som com CD, Bíblia, duas cores de folhas de papel cortadas ao meio, uma para cada participante e outra para trabalho em grupo, canetas, cola, barbante.

AMBIENTAÇÃO

espalhar cartazes com imagens variadas que despertem nos/nas jovens seus sonhos de futuro (trabalho, casa, família, escola, etc.), fazer um pequeno varal com cordão.

1. Acolhida

a coordenação dá boas-vindas a todos e todas e acolhe os/as jovens que estão participando pela primeira vez. A coordenação fala do tema e objetivo do encontro.

- a) Distribuir uma folha para cada participante e orientar para escrever qual é o seu sonho pessoal;
- b) Cantar a música: “Utopia” - Quando o dia da paz renascer, Zé Vicente (anexo I).
- c) Fazer uma breve partilha.

2. Relembrando o ponto anterior

fazer memória dos passos dados, das decisões assumidas. Recordar o ponto anterior e, também, observar com o grupo como foram assumidos os compromissos.

3. Olhando a nossa realidade



Técnica/exercício quebra-cabeça

- a) Desenvolvimento: recortar a letra da música “Dias Melhores” - Jota Quest (anexo2), em pequenas tiras. Organizar o grupo em subgrupos e distribuir as tiras orientando cada grupo a montar a música.
- b) No grupo fazer a leitura da música e refletir: em nossa vida somos totalmente completos, como podemos construir juntos os sonhos do grupo?
- c) Distribuir uma folha para cada grupo e escrever: quais são os nossos sonhos enquanto grupo?
- d) Abrir para um momento de discussão em plenária partilhando os sentimentos ao desenvolver a técnica e partilhar os sonhos para o grupo.
- e) Tocar a música: “Dias Melhores”.

Obs.: Quando distribuir as tiras, deixar uma tira do trecho em grupos diferentes.



4. Iluminando com a Palavra

Leitura bíblica: Lucas 24, 13-35.

Jesus caminha com o seu povo: os/as discípulos/as caminham pela estrada deserta, conversam sobre a vida e os últimos acontecimentos em Jerusalém. Jesus se aproxima, caminha com eles/elas, conversa, explica as Escrituras, fica com eles/elas,

senta-se à mesa e partilha o pão da vida. Somente na partilha os/as discípulos/as reconheceram a Jesus e imediatamente levantam e vão anunciar aos/às outros/as.

Partilhar por proximidade:

- a) Qual o caminho feito pelos/as discípulos/as?
- b) O que conversavam (seus sonhos)?
- c) Que atitudes eles/elas tomaram ao partir o pão?
- d) No caminho de Emaús muita ação acontece. Hoje, que caminhos estamos percorrendo em busca de nossos sonhos?
- e) Fazer uma breve partilha.

5. Compromisso de vida

o grupo conversar com outros/as jovens (irmãos/ãs, amigos/as, primos/as) sobre o que almejam para o futuro: os sonhos, desejos e valores.

6. Celebrando a vida

colar os sonhos pessoais e coletivos num varal e numa grande roda o grupo trazer presentes, em forma de prece, os sonhos. Após cada prece, cantar ou ler juntos o refrão:

“Ouve o grito que sai do chão, da juventude em oração”.

Pai-Nosso.

Cantar:

*Caminhamos pela Luz de Deus,
Caminhamos pela Luz de Deus.
Caminhamos, sempre, caminhamos, ôô
Caminhamos pela Luz de Deus.*

Obs.: a coordenação, após a oração, recolhe o varal dos sonhos para próxima reunião.

7. Avaliação

olhando para o tema do nosso encontro “Nossos sonhos e utopias” que considerações fazemos e quais orientações que ficam para o nosso planejamento?

8. Preparação do próximo ponto

a coordenação procure reunir informações sobre o que aconteceu no lugar (comunidade local e comunidade eclesial) nos últimos três meses. Se possível consultar jornais, informativos. Escolher um acontecimento que seja conhecido por todos/as para ser encenado (em 5 minutos) para a próximo encontro.



ANEXOS



Anexo I

Música: “Utopia”¹⁶

Zé Vicente

Quando o dia da paz renascer,
Quando o sol da esperança brilhar,
Eu vou cantar!
Quando o povo nas ruas sorrir,
E a roseira de novo florir,
Eu vou cantar!
Quando as cercas caírem no chão,
Quando as mesas se encherem de pão,
Eu vou cantar!
Quando os muros, que cercam os jardins,
Destruídos, então os jasmins,
Vão perfumar!

Vai ser tão bonito se ouvir a canção,
Cantada de novo.
No olhar da gente a certeza do irmão.
Reinado do povo!

Quando as armas da destruição,
Destruídas em cada nação,
Eu vou sonhar!
E o decreto que encerra a opressão,
Assinado só no coração,
Vai trinunfar!
Quando a voz da verdade se ouvir,
E a mentira não mais existir,
Será enfim!
Tempo novo de eterna justiça,
Sem mais ódio,
Sem sangue ou cobiça.
Vai ser assim!

¹⁶Ofício Divino da Juventude, p.74, 2006.



Anexo 2

Música: “Dias Melhores”

Jota Quest

Composição: Rogério Flausino

Vivemos esperando
Dias melhores
Dias de paz, dias a mais
Dias que não deixaremos para trás

Vivemos esperando
O dia em que seremos melhores
Melhores no amor, melhores na dor

Melhores em tudo

Vivemos esperando
O dia em que seremos para sempre
Vivemos esperando
Dias melhores para sempre

Vivemos esperando
Dias melhores
Dias de paz, dias a mais
Dias que não deixaremos para trás

Vivemos esperando
O dia em que seremos melhores
Melhores no amor, melhores na dor

Melhores em tudo

Vivemos esperando
O dia em que seremos para sempre
Vivemos esperando
Dias melhores para sempre

2º PONTO

Nossa vida, nosso chão

OBJETIVO

conhecer a nossa realidade e, juntos/as, construirmos elementos para nosso planejamento.

MATERIAL

música "Admirável Gado Novo", Zé Ramalho (anexo I), uma folha de papelógrafo para cada grupo, pincel atômico.

AMBIENTAÇÃO

colocar na sala elementos da realidade local: recortes de jornal, revistas, imagens de pessoas e lugares, instrumentos musicais, de trabalho... Estender o varal dos sonhos montado no encontro anterior.

1. Acolhida

a coordenação acolhe a todos/as, apresenta o tema e o objetivo do ponto.



Técnica/exercício

Sentido do olhar

Desenvolvimento: a coordenação convida o grupo a se levantar e caminhar pela sala enquanto toca a música “Admirável Gado Novo”. E orienta para caminhar de olhos fechados. A seguir caminham de olhos abertos, sem nenhuma indicação especial e, num terceiro momento, caminham prestando atenção no que existe dentro da sala. Terminada a música todos/as retornam aos seus lugares e a coordenação convida o grupo a falar sobre a experiência e os sentimentos vividos.



2. Relembrando o ponto anterior

a coordenação convida as pessoas a se levantarem e observar o “varal dos sonhos do grupo” montado no ponto anterior. Ampliar com o grupo qual foi o caminho feito no encontro e convidar a todos/as para cantar o Salmo 23 (anexo 2).

3. Olhando a nossa realidade

fazer a apresentação de um fato acontecido na cidade ou no bairro (deve ser previamente preparado pelo grupo).

A coordenação questiona o grupo:

- a) O que observamos no caminho de nossa casa até aqui? Pessoas, paisagens, situações. É um caminho que percorremos muitas vezes... O que vemos sempre? Algo nos chamou a atenção em especial hoje?
- b) O que vemos em nossa realidade? Para que realidade abrimos ou fechamos nossos olhos?

Obs.: solicitar a um/a jovem que registre todas essas observações para, depois, devolver ao grupo.

4. Iluminando com a Palavra

Leitura bíblica: Marcos 6, 30-37a.

Jesus projeta uma nova sociedade onde é preciso dar e repartir, mas é preciso organizar o povo. “Vocês é que têm de lhes dar de comer.”

Por grupos de proximidade, partilhar:

A Palavra se relaciona com a nossa realidade? Como? A que Jesus nos convoca diante da realidade em que nosso grupo está inserido? Quais as idéias (convicções) que foram reforçadas ou despertadas a partir da leitura bíblica?

O grupo vê alguma ligação entre a passagem bíblica e a conversa sobre o que viram no caminho?

A coordenação distribui um papelógrafo para cada dupla ou trio. Escrever que tipo de sociedade queremos construir.

Fazer a partilha da reflexão do grupo e o que foi escrito sobre o tipo de sociedade que queremos construir.

5. Compromisso de vida

o grupo, frente à realidade que vive, construir coletivamente uma ação que será realizada para uma intervenção junto à juventude empobrecida numa situação local ou do município.

6. Celebrando a vida

em círculo, cantar o refrão

*Ó luz do Senhor, que vem sobre a terra;
Inunda teu povo com teu esplendor.*

Oração:¹⁷ Ó Deus Supremo, obrigado/a pelas manifestações da Tua presença no universo e na nossa vida. Revela, hoje, o Teu carinho sobre nós, abrindo o nosso coração à Tua Palavra Divina, o Evangelho de Jesus Cristo, nosso Senhor. Manda, hoje, a Tua luz sobre nós, nossos entes queridos/as, nossa terra e nosso povo. Te pedimos por Cristo, agora e sempre!

7. Avaliação

a partir do tema “conhecendo a realidade local”, que aspecto chamou atenção e o que ainda é um desafio para o grupo?

Obs.: a coordenação anota os desafios para serem usados como instrumento de apoio para o planejamento do grupo.

8. Preparação do próximo ponto

organizar um grupo para acolhida, ambientação, fazer uma leitura do planejamento do grupo feito durante o ano, observando o que foi feito e o porquê de não ter sido realizado.

¹⁷ Ofício Divino da Juventude, p. 143,2006.

ANEXOS

Anexo 1

Música: “Admirável Gado Novo”
Zé Ramalho

Vocês que fazem parte dessa massa que
passa nos projetos do futuro
É duro tanto ter que caminhar e dar muito
mais do que receber
E ter que demonstrar sua coragem à
margem do que possa parecer
E ver que toda essa engrenagem já sente a
ferrugem lhe comer

Ê, ô ô, vida de gado, povo marcado, ê,
povo feliz

Lá fora faz um tempo confortável, a
vigilância cuida do normal
Os automóveis ouvem a notícia, os
homens a publicam no jornal
E correm através da madrugada a única
velhice que chegou
Demoram-se na beira da estrada e passam
a contar o que sobrou

Ê, ô ô, vida de gado, povo marcado, ê,
povo feliz

O povo foge da ignorância apesar de viver
tão perto dela
E sonham com melhores tempos idos,
contemplam essa vida numa cela
Esperam nova possibilidade de verem esse
mundo se acabar
A arca de noé, o dirigível, não voam nem
se pode flutuar
Ê, ô ô, vida de gado, povo marcado, ê,
povo feliz

Anexo 2

Música: “Salmo 23”

O Senhor é meu Pastor,
Nada me pode faltar,
Onde houver muita fartura,
Onde houver muita fartura,
Ele aí vai me levar!

1. Para as fontes de água fria
ele vai me conduzir;
eu repouso e ganho força,
eu repouso e ganho força,
e vontade de sorrir.

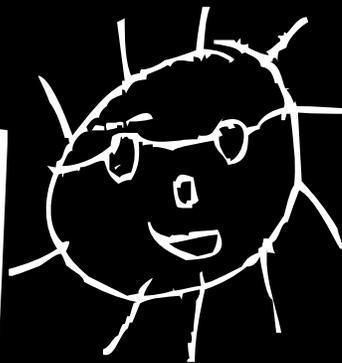
2. Por caminhos bem traçados,
Ele me faz caminhar
Nas passagens perigosas,
Nas passagens perigosas,
Ele vem me acompanhar.

3. Me prepara mesa farta,
Do inimigo invejar.
Vem, me abraça e põe perfume,
Vem, me abraça e põe perfume,
Faz minha taça transbordar!

4. Me acompanha noite e dia
Tua força e teu amor,
Vou morar na tua casa,
Vou morar na tua casa,
Toda vida, meu Senhor!

5. Glória ao Pai, Glória ao seu Filho,
Glória ao Espírito Divino.
Ao pastor de nossas vidas,
Ao pastor de nossas vidas,
Ofertamos este hino.

3º PONTO



Memória do caminho



OBJETIVO

perceber o processo vivido, avaliando o caminho feito pelo grupo durante o ano.

MATERIAL

cópias do planejamento do grupo feito durante o ano por escrito, Bíblia, folha de papel, tiras de papel para todos/as, canetas, som, música: "Enquanto houver sol" - Titãs (anexo I).

AMBIENTAÇÃO

as cadeiras em círculo e todo material produzido pelo grupo nos pontos anteriores.

1. Acolhida

momento de partilha de vida. A coordenação acolhe os/as participantes com uma música ou poesia. Falar sobre o objetivo e tema do encontro.

- a) Sentados, em círculo, pedir ao grupo para refletir qual o caminho que já traçamos na perspectiva de nossos sonhos pessoais e coletivos. Escrever numa folha os fatos importantes que marcaram este tempo.
- b) Por duplas e/ou trio, fazer a partilha dos fatos e trazer para a plenária o que foi forte.
- c) Cantar ou tocar a música: “Enquanto houver sol” - Titãs (anexo I).

Escolher uma pessoa para fazer os registros das plenárias e anotações das falas dos/das participantes em todos os momentos, pois serão de grande valia para o planejamento do grupo.

2. Relembrando o ponto anterior

a coordenação convida dois ou mais jovens a partilharem o caminho feito no encontro anterior, recorda os compromissos assumidos e canta uma parte da música: “Dias Melhores” - Jota Quest.

3. Olhando a nossa realidade

a avaliação exige um movimento co-responsável de todos e todas as pessoas participantes na construção de novos saberes e de posturas solidárias do amor gratuito. É um dos instrumentais que qualifica, reforça o potencial e o conhecimento popular, mas precisa ser pensado passo a passo, tendo em vista um caminho com ponto de partida, que gere uma emancipação e um processo de transformação individual e/ou coletivo e ter um ponto de chegada com clareza de objetivos, que reafirme uma organização para unir esforços onde a pessoa é o agente direto que possa assumir-se como sujeito do seu destino coletivo. Para avaliar se faz necessário observar o contexto social e político onde se dá o processo educativo, seja ele coletivo ou individual, com pessoas situadas nas relações históricas, culturais, interpessoais, religiosas, sociais e políticas na perspectiva do planejamento da ação na caminhada.

1º passo: Em pequenos grupos conversarem sobre as seguintes questões:

- a) Retomar o plano de ação feito pelo grupo durante o ano;
- b) Relacionar as atividades executadas, pontuando o objetivo geral, o público-alvo destas atividades e as metas/fins que almejaram chegar (quantitativas e qualitativas);

- c) Verificar se os objetivos foram cumpridos e o que comprova as respostas;
- d) Pontuar os efeitos (impactos) que o plano de ação/projeto tem provocado na realidade onde estão os/as jovens e em suas vidas;
- e) Quais são os avanços que o grupo tem conseguido? Quais são os desafios presentes?
- f) Partilha da avaliação das ações (a que conclusões o grupo chega após a partilha).

Obs.: Considere-se aqui, também, outras atividades e ações que o grupo desenvolveu e não estava na programação. Qual foi o motivo de elas terem sido feitas?

2º passo: Avaliando a nossa Equipe

- a) A coordenação faz um momento de reflexão pessoal, sobre como está sendo a relação com o outro/a, e como ela tem interferido na vida pessoal e na missão/ação enquanto equipe (usar uma música ou poesia para iniciar as reflexões).
- b) Como está sendo nosso envolvimento nos momentos de convivências, estudos e planejamentos das atividades do grupo?
- c) Como tem sido a atuação da Equipe nos trabalhos com juventude (na Igreja e em outros espaços)?
- d) O que falta ou qual a sugestão que se dá para melhorar a ação e encaminhamentos enquanto equipe?
- e) Partilha da avaliação.

4. Iluminando com a Palavra

Leitura bíblica: Isaías 65, | 7-25.

Isaías apresenta a realização do projeto de Deus, um mundo de paz, harmonia e alegria onde todos e todas podem usufruir plenamente do fruto de seu trabalho. Hoje, como podemos empenhá-los na realização deste projeto?

Motivados/as pela leitura bíblica e pela avaliação, individualmente escrever numa tira de papel pequenas frases ou palavras que constituem a nossa esperança de construir um novo Brasil, através de uma organização evangelizadora.

5. Compromisso de vida

a partir da avaliação pessoal e coletiva o grupo organiza um momento de convivência onde possam compartilhar os seus projetos de vida.

6. Celebrando a vida

abraçados/as em círculo, fazer o pedido de Bênção. “Bom Deus, parceiro deste sonho que ilumina a juventude brasileira, na vontade de ver seu país construtor de direitos e promotor da justiça e da paz. Ajude a cada um/a de nós a não perder de vista a utopia que nos move. Amém”.

7. Avaliação

a coordenação distribui papel e canetas e orienta o grupo a responder em duplas:

- a) O que sentimos ao realizar a avaliação?
- b) O que mais marcou neste encontro?
- c) Quais as sugestões para o próximo encontro?
- d) Olhando para o que foi avaliado pelo grupo, quais as considerações e reflexões que fazemos?
- e) Quais as orientações para o grupo em nosso planejamento?

8. Preparação do próximo ponto

um/a jovem fazer uns pezinhos de papel para a próxima reunião.





Anexo I

Música: “Enquanto houver sol”

Titãs

Composição: Sérgio Britto

Quando não houver saída
Quando não houver mais solução
Ainda há de haver saída
Nenhuma idéia vale uma vida

Quando não houver esperança
Quando não restar nem ilusão
Ainda há de haver esperança
Em cada um de nós, algo de uma criança

Enquanto houver sol, enquanto houver sol
Ainda haverá
Enquanto houver sol, enquanto houver sol

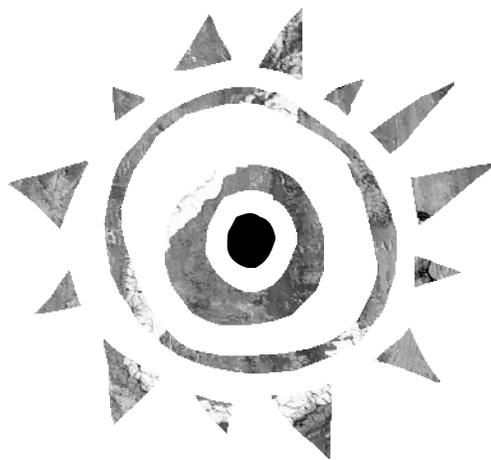
Quando não houver caminho
Mesmo sem amor, sem direção
A sós ninguém está sozinho
É caminhando que se faz o caminho

Quando não houver desejo
Quando não restar nem mesmo dor
Ainda há de haver desejo
Em cada um de nós, aonde Deus colocou

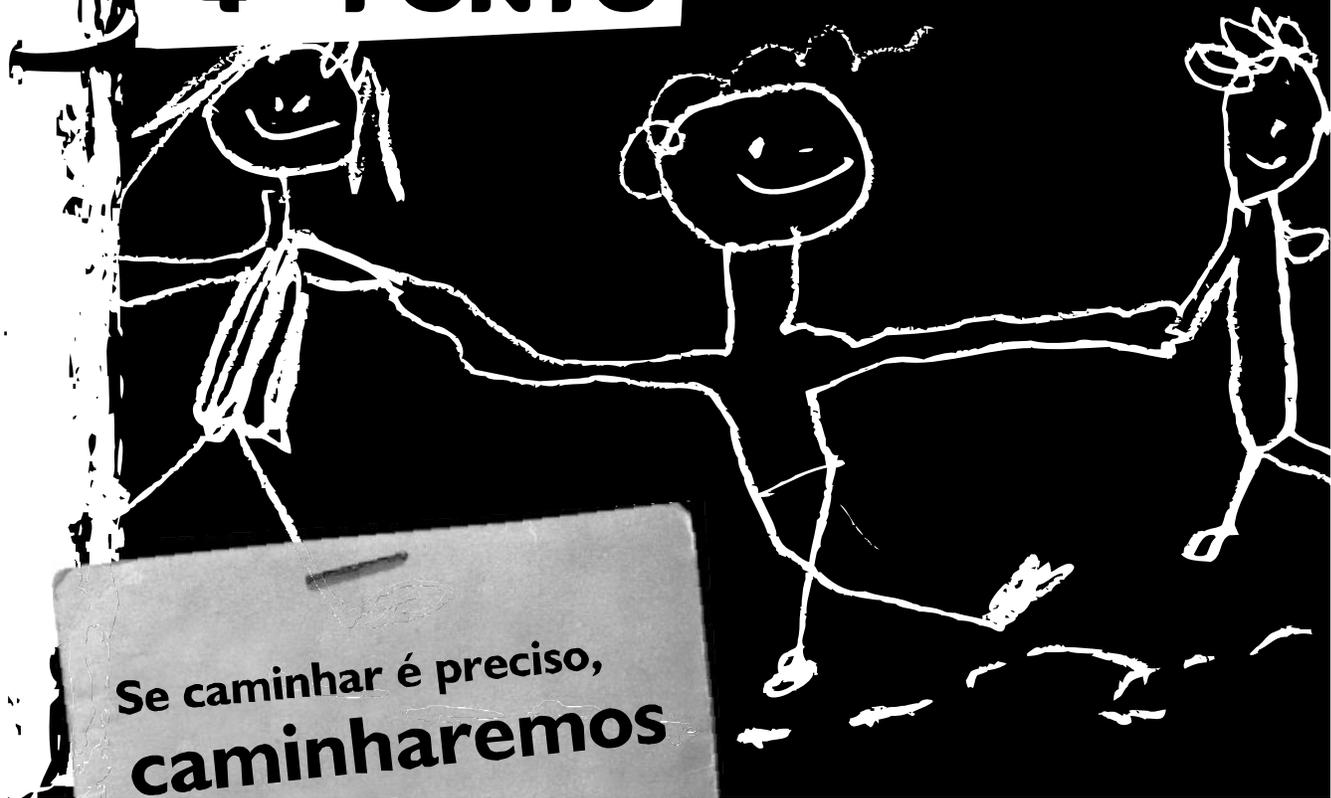
Enquanto houver sol, enquanto houver sol
Ainda haverá
Enquanto houver sol, enquanto houver sol

Enquanto houver sol, enquanto houver sol
Ainda haverá
Enquanto houver sol, enquanto houver sol

Enquanto houver sol, enquanto houver sol
Ainda haverá
Enquanto houver sol, enquanto houver sol



4º PONTO



Se caminhar é preciso,
caminharemos
unidos/as

OBJETIVO

construir o caminho do grupo para um planejamento participativo.

MATERIAL

o material produzido nos encontros anteriores, Bíblia, cópias dos textos, pezinhos de papel, cartaz ou papelógrafo, CD com música mais agitada.

AMBIENTAÇÃO

cadeiras em círculos de forma a possibilitar a participação e a comunicação entre os/as participantes do grupo; fazer um caminho de pezinhos de papel (estrada, rua) de forma que comece desde a entrada do salão e termine no centro do círculo de cadeiras; no centro colocar os objetos usados nos encontros anteriores; material de planejamento; um cartaz ou papelógrafo com a frase “Se caminhar é preciso, caminharemos unidos/as” (escrita com letras bem grandes).

1. Acolhida

a coordenação acolhe com um abraço a todos/as que forem chegando, dizendo também a frase “Se caminhar é preciso, caminharemos unidos/as”, tocar a música: “Pra não dizer que não falei das flores” - Geraldo Vandré (anexo I).

2. Lembrando o ponto anterior

Memória orante

- a) Reza-se ou canta-se o Salmo 23.
- b) A coordenação convida a todos e todas a partilharem algo do encontro anterior que ardeu no coração e que durante a semana ressoou forte.
- c) Após cada partilha canta-se o refrão do Salmo 23.
- d) Encerrar com a oração do Glória ao Pai... Onde cada um/a é convidado/a a fazer reverência ao Deus presente na vida do/a outro/a.

3. Olhando a nossa realidade



Técnica/exercício

O lobo, a galinha e o milho.

a) Objetivo: traçar estratégias de ação no grupo.

b) Desenvolvimento: organizar o grupo em subgrupos de cinco participantes: o lobo, a galinha, o milho, o barco e um barqueiro.

Desenha-se um rio. Orientar para que o grupo transporte a galinha, o lobo e o milho para a outra margem do rio. Contudo, no barco só poderá ir o barqueiro e um outro passageiro. Se eu levar o lobo, a galinha come o milho. Se eu levar o milho o lobo come a galinha. Como solucionar esse problema?

Na plenária, o grupo partilha os sentimentos vividos e os elementos importantes para o grupo, neste momento de planejamento.

A coordenação motiva: Começamos nossa caminhada a partir de nossos sonhos pessoais, coletivos, lançamos o nosso olhar sobre o



chão que pisamos (a nossa realidade) e assim avaliamos o nosso plano de ação desenvolvido para uma missão eficaz junto à juventude. Agora é o momento de continuar com esta caminhada, fazendo uma reflexão sobre o que é planejar e assim partimos para um planejamento pé no chão.

É o momento de escolhermos o caminho e começarmos a percorrê-lo.

A coordenação inicia questionando o grupo sobre o que é planejamento? Por que e para que planejar? (cada um escreve pessoalmente o que pensa a respeito destas perguntas).

Partilha o que foi escrito (escrever no quadro).

Leitura pessoal do texto “A Bomba d'água” (anexo 2).

Na plenária: o que aprendeu e o que foi acrescentado à discussão?

A coordenação pode concluir: Lançando o nosso olhar para a realidade que vivemos é chegado o momento de sonharmos um outro mundo possível a partir de nosso chão. Somos chamados/das a gestar a civilização do amor. “Assim, neste caminho, com cada passo estrategicamente planejado, o nosso grupo vai percebendo a realidade atual e vai buscando novas formas criativas e eficazes para alcançar objetivos transformadores e concretos dos nossos sonhos e desejos”.

4. Iluminando com a Palavra

Leitura bíblica: Lucas 14, 28-35.

A condição para ser discípulo/a de Jesus é estar inserido/a na realidade com uma fé madura. Para isto é necessário que as ações sejam pensadas cuidadosamente com objetivos claros. O que esta leitura traz de cuidados para a vida do grupo? O que cada pessoa do grupo pode fazer, ou oferecer, para ajudar o grupo a percorrer esse caminho? Quais são as pessoas, grupos e instituições que podem nos ajudar?

Plenária: partilha das perguntas

Obs.: o/a secretário/a toma nota de todas as propostas viáveis de caminhos para que o grupo alcance os objetivos.

5. Compromisso de vida

o planejamento exige um tempo maior para a elaboração. A sugestão é que o grupo organize um dia para fazer o planejamento, que garanta a participação de todos e todas.

6. Celebrando a vida

trazer em forma de preces, os passos concretos, ações e atitudes que o grupo vem realizando junto à comunidade.

7. Avaliação

a partir dos símbolos e figuras que estarão expostos no local do encontro, cada jovem escolherá um destes, e a partir dos mesmos, dirá qual sentimento que fica e o que leva na bagagem da experiência vivida.

8. Preparação do próximo ponto

a coordenação do grupo se reúne com antecedência e sistematiza toda caminhada feita do primeiro ao quarto ponto, e organize o material para o próximo encontro e assim pode efetivar o planejamento das ações do grupo, iniciando com os elementos que tem em mãos:

O sonho do grupo, as utopias, objetivos;
Visão da sua realidade;
Avaliação-memória do caminho;

Sugestões de leituras para elaborar um planejamento:

1. Planejar é. Caderno de estudos da Pastoral da Juventude Nacional n.º. 6 - IPJ Porto Alegre;
2. Técnicas de planejamento pastoral. Gianfranco Orfano, Vozes, 2004

Observação: convidar um assessor/a com experiência em planejamento para orientar o grupo a elaborar um plano de ação para o próximo ano.





ANEXOS

Anexo I

Música: **“Pra não dizer que não falei das flores”**

Geraldo Vandré

Caminhando e cantando e seguindo a canção,
Somos todos iguais braços dados ou não,
Nas escolas, nas ruas, campos, construções,
Caminhando e cantando e seguindo a canção.

Vem, vamos embora que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Pelos campos a fome em grandes plantações,
Pelas ruas marchando indecisos cordões,
Ainda fazem da flor seu mais forte refrão,
E acreditam nas flores vencendo o canhão.

Vem, vamos embora que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Há soldados armados, amados ou não,
Quase todos perdidos de armas na mão,
Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição:
De morrer pela pátria e viver sem razão.

Vem, vamos embora que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Nas escolas, nas ruas, campos, construções,
Somos todos soldados, armados ou não,
Caminhando e cantando e seguindo a canção,
Somos todos iguais, braços dados ou não,
Os amores na mente, as flores no chão,
A certeza na frente, a história na mão,
Caminhando e cantando e seguindo a canção,
Aprendendo e ensinando uma nova lição.

Vem, vamos embora que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.





Anexo 2

Parábola: “A bomba d'água”

“Um jovem estava perdido no deserto, prestes a morrer de sede. Eis que ele chegou a uma cabana velha, desmoronando, sem janela, sem teto. Andou por ali e encontrou uma pequena sombra onde se acomodou, fugindo do calor do sol desértico.

Olhando ao redor, viu uma velha bomba d'água, bem enferrujada. Ele se arrastou até a bomba, agarrou a manivela e começou a bombear, a bombear, a bombear sem parar.

Nada aconteceu. Desapontado, caiu prostrado para trás. E notou que a seu lado havia uma velha garrafa. Olhou-a, limpou-a, removendo a sujeira e o pó, e leu um recado que dizia: “meu amigo, você precisa preparar a bomba derramando sobre ela toda a água desta garrafa. Depois, faça o favor de encher a garrafa outra vez antes de partir, para o próximo viajante”. O jovem arrancou a rolha da garrafa e, de fato, lá estava a água. A garrafa estava quase cheia de água!

De repente, ele se viu num dilema: se bebesse aquela água poderia sobreviver; mas, se despejasse toda aquela água na velha bomba enferrujada, e ela não funcionasse, morreria de sede.

O que fazer: despejaria a água na velha bomba e esperaria vir água fresca, fria; ou beberia a água da velha garrafa desprezando a mensagem? Com relutância, despejou toda a água na bomba.

Depois, agarrou a manivela e começou a bombear. E a bomba pôs-se a ranger e chiar sem fim. E nada aconteceu! E a bomba foi rangendo e chiando.

Então, surgiu um fiozinho de água, depois, um pequeno fluxo e, finalmente, a água jorrou em abundância! Para alívio do jovem, a velha bomba fez jorrar água fresca e cristalina. Ele encheu a garrafa e bebeu ansiosamente. Encheu-a outra vez e tornou a beber seu conteúdo refrescante.

Em seguida, voltou a encher a garrafa para o próximo viajante. Encheu-a até o gargalo, colocou a rolha e acrescentou a pequena nota: “Cria-me, funciona. Você precisa dar a água toda antes de obtê-la de volta”.

Às vezes se pode pensar que planejar é perder o tempo que se tem “agora” por uma possibilidade de vê-lo multiplicado depois. Na verdade, um bom planejamento sempre multiplica o tempo ao poupar recursos e trabalhos, aumentando a eficácia e a alegria dos resultados alcançados.

Ele também traz a vantagem de indicar caminhos seguros àqueles que virão depois, tornando, assim, possível a construção de um trabalho que contribua para a implantação do Reino de Deus entre nós. Planejar é ter coragem de aceitar desafios!

Um planejamento é bom quando contém em si a força do que o faz entrar em execução. Ele deve ser tal que seja mais fácil executá-lo do que o deixar na gaveta.

Três questões essenciais devem orientar o planejamento do grupo num processo de reflexão-ação-reflexão:

1. O que se quer alcançar?
2. A que distância se está daquilo que se quer alcançar?
3. O que fazer concretamente (em tal prazo) para diminuir essa distância?

Mas o que é planejar?

Planejar é organizar a ação de um grupo de jovens. É implantar um processo de intervenção na realidade, dando clareza e precisão à ação do nosso grupo. É prever. É projetar o futuro. É pensar antes qual o melhor caminho para chegar depois. Quando não se planeja, se improvisa, prejudicando o resultado que se quer alcançar, desperdiçando energias e recursos.

Assim, planejamento é um processo de tomada de decisões que permite pensar antes qual o melhor caminho para alcançar o resultado almejado.

Por que planejar?

Na medida em que se quer realizar alguma ação é necessário esclarecer qual o motivo, ou quais os motivos que levam a realizar tal ação. Uma ação é considerada eficiente quando é bem feita. Quando, além de eficiente, ela for também transformadora, será considerada eficaz.

As ações apenas eficientes não contribuirão em nada para as transformações das estruturas injustas que nos rodeiam.

Os motivos que levam ao planejamento são:

1. A necessidade de realizar ações eficazes, transformadoras. Nisso se tem um compromisso a partir da fé. Não se pode conviver com as injustiças gritantes que estão por aí. Os crescentes desafios que aparecem exigem um trabalho pastoral planejado pelo grupo de jovens.
2. A escassez de recursos. Quanto menos recursos se tem, mais a ação precisa ser planejada.
3. A complexidade da ação e a complexidade dos problemas. Quanto mais complexos forem os problemas, mais será preciso planejar, pois, do contrário, a complexidade dos problemas irá absorver todas as forças e, necessariamente, se cairá no ativismo, esquecendo-se do necessário para mergulhar no urgente. Aliás, esta é uma tática do sistema dominante: tratar com superficialidade as coisas profundas e com profundidade as coisas superficiais.

Para que planejar?

Não basta ter claros os motivos que levam a realizar um planejamento. É profundamente importante ter claro, também, qual a finalidade das ações que vão se planejar, visando a eficácia.

Tendo presente que a estrutura atual da sociedade se apresenta como uma estrutura de injustiça e de morte, é sumamente importante que, através de um planejamento, assumido por todos/as os participantes do grupo, se possa interferir nessa estrutura buscando transformá-la em estrutura de graça, de justiça, de vida e concretização da civilização do amor.

Por isso se faz necessário ter uma ação planejada para intervir na estrutura, comprometer-se com a transformação e estar junto com o povo na construção da nova sociedade.

Como planejar?

De forma participativa, num processo que envolva o maior número de pessoas do grupo, onde todos são convidados a opinarem e decidirem. Ninguém pode ficar excluído da solução dos problemas. É preciso valorizar o novo que surge no grupo. Numa decisão partilhada que se faz o exercício do poder-serviço. Nesse sentido, todos são responsáveis pela missão da Igreja, seja na decisão, seja na execução e nos resultados do que foi planejado.

O planejamento participativo não é uma solução mágica para os problemas que o grupo enfrenta, mas ajuda na organização da caminhada do grupo. Ele não é apenas um processo técnico, mas um serviço à missão evangelizadora do grupo.

5º PONTO

Planejar a vida do grupo

OBJETIVO

elaborar o planejamento do grupo para alcançar objetivos transformadores na realização de nossos sonhos e desejos.

MATERIAL

quadro para anotação, papeletas de três cores diferentes, pincéis atômicos.

AMBIENTAÇÃO

as cadeiras em roda, frases escritas em papelógrafo: ação concreta, a pessoa é importante, objetivos concretos, é preciso sonhar, o que está aí precisa ser mudado? O que vamos propor? Que mundo queremos construir? De onde partimos? Onde queremos chegar? É importante planejar? “Quem pensa sobre o que faz, faz melhor”, “Quem não sabe para onde vai, não chega. Quem não sabe onde está, não acha caminho”.

1. Acolhida

a coordenação acolhe a todos/as e pede para que os/as participantes do encontro andem pelo salão e observem os elementos do ambiente. Música de fundo (instrumental). Motivar para que algum/a jovem faça a leitura das frases dos cartazes e logo após fazer a leitura de Lc 14, 28-30. Terminar levantando quais as expectativas para este encontro.

2. Relembrando o ponto anterior

a coordenação traz as anotações das partilhas do grupo da reunião passada e abre as falas para caso alguém desejar trazer alguma questão que não foi dita.

3. Olhando a nossa realidade

convidar os/as jovens a olharem para a juventude do seu ambiente ou local de moradia e perceber como eles/as se vestem, do que eles e elas gostam de se enfeitar, como gostam de falar, o que gostam de ouvir. Primeiro em silêncio e, depois, se algumas pessoas puderem, contar.



Técnica/exercício

Exercício das Horas

Objetivo: desenvolver um caminho para o crescimento pessoal.

a) A coordenação organiza para que, individualmente, cada um/a responda às perguntas através do Exercício das Horas:

Quantas horas você dedica: ao trabalho, descanso, alimentação, higiene pessoal, lazer, estudo, oração, sono, grupo de jovens, à família, namoro, amizades e a não fazer nada. Tente perceber que tempo você gasta no dia, na semana e no mês.

Aponte cinco conclusões sobre as suas atividades.

b) Fazer a leitura e partilha dos sentimentos e descobertas do grupo.

c) A coordenação conclui com pontos necessários para um bom planejamento e a importância de considerar tempo, espaço e outros elementos quando se pensa em planejamento pessoal ou da vida do grupo.

d) Encerrar com a Oração da Paz (anexo I).



4. Elaboração de um planejamento

- a) A coordenação motiva, por proximidade, o levantamento dos problemas para trabalhar com a juventude, fazendo um olhar dentro e fora da Igreja. Para cada problema a dupla escreve numa papeleta e coloca no quadro para todos e todas visualizarem;
- b) Após o levantamento dos problemas a coordenação orienta para que o grupo escolha três dos problemas levantados para serem trabalhados durante o próximo ano;
- c) Escolhidos os problemas, a coordenação organiza três grupos e um problema para cada um;
- d) Distribuir papeletas de 02 cores diferentes para cada grupo e assim, a partir do problema levantado, trazer: Tema, Ação-atividades que poderá ser realizado pelo grupo e outras que podem ser feitas pela Diocese/ Regional ou outra organização no decorrer do próximo ano;
- e) Escolhido o problema/necessidade, tema e ação, a coordenação distribui o instrumento: “Passos para a operacionalização de um planejamento” (anexo 3), onde cada grupo fará uma leitura.
- f) Após a leitura, organizar as ações/atividades conforme os passos do texto.
- g) Cada subgrupo fará o seguinte passo:
Situação inicial - diagnóstico da realidade (breve relato)
Situação final - objetivos possíveis e realizáveis a curto médio e longo prazo
- h) Apresentação na plenária - leitura dos planejamentos feitos nas oficinas.

Obs.: A coordenação escolhe e prepara previamente os/as monitores/as para acompanhar a operacionalização do planejamento nos pequenos grupos.

5. Compromisso de vida

organizar uma equipe para sistematização do caminho percorrido pelo grupo na elaboração do planejamento.

6. Celebrando a vida

em círculo cantar o hino: “Coração Civil”, Milton Nascimento (anexo 2).

Preces: espontâneas...

Pai-Nosso.

7. Avaliação

a coordenação ajuda o grupo a perceber o que foi comum, as facilidades e as dificuldades para elaborar o planejamento. A que conclusões chegam após a elaboração? Indicar três coisas que ficaram fortes neste processo de planejamento.

8. Preparação do próximo ponto

organizar uma celebração em ação de graças pelas atividades realizadas e pela coragem e dinamismo do grupo em realizar um planejamento participativo.

ANEXOS



Anexo I

Oração: “Oração da Paz”

Senhor! Fazei de mim um instrumento da
vossa paz.
Onde houver ódio, que eu leve o amor.
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.
Onde houver discórdia, que eu leve a união.
Onde houver dúvidas, que eu leve a fé.
Onde houver erro, que eu leve a verdade.
Onde houver desespero, que eu leve a
esperança.
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria.
Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, fazei que eu procure mais,
consolar, que ser consolado,
compreender, que ser compreendido,
amar, que ser amado.
Pois é dando que se recebe,
É perdoando que se é perdoado.
E é morrendo que se vive
para a vida eterna.
Amém.



Anexo 2

Música: “Coração Civil”

Milton Nascimento

Composição: Milton Nascimento e Fernando Brant

Quero a utopia, quero tudo e mais.
Quero a felicidade nos olhos de um pai.
Quero a alegria muita gente feliz,
Quero que a justiça reine em meu país.
Quero a liberdade, quero o vinho e o pão,
Quero ser amizade, quero amor, prazer,
Quero nossa cidade sempre ensolarada,
Os meninos e o povo no poder, eu quero ver.
São José da Costa Rica, coração civil,
Me inspire no meu sonho de amor, Brasil.
Se o poeta é o que sonha o que vai ser real,
Bom sonhar coisas boas que o homem faz
E esperar pelos frutos no quintal.
Sem polícia, nem a milícia, nem feitiço,
cadê o poder?

Viva a preguiça, viva a malícia que só a
gente é que sabe ter.
Assim vivendo a minha utopia,
eu vou levando a vida.
Eu viverei bem melhor,
Doido pra ver o meu sonho teimoso,
um dia se realizar.



Anexo 3

Texto

Passos para operacionalização de um planejamento

1. O que faremos?

Para resolver um problema geralmente são necessárias várias ações, atitudes, gestos, reuniões, estudos, etc. O importante é buscar uma solução criativa.

Feitas essas observações, o grupo responde à pergunta e partilha com os/as monitores/as. Estes/as deverão ajudar o grupo a optar pelas melhores e mais completas respostas.

2. Como fazer?

Não basta apontar o que fazer. É necessário levantar, também, como se realiza as sugestões apresentadas. Por exemplo, será através de palestras? Com debates, leituras?

Feitas essas observações o grupo responde à pergunta e partilha com os/as monitores/as. Estes deverão ajudar o grupo a optar pelas melhores e, mais completas respostas.

3. Quando?

(Motivar os/as participantes do grupo a responderem juntos/as)

Já apontamos respostas para solucionar o problema. Trata-se, agora, de ver a melhor época para realizar a atividade. Um estudo, por exemplo, pode durar um dia todo, uma tarde, podendo também acontecer durante uma ou mais reuniões.

Depois do cochicho do grupo os/as monitores/as ajudam a definir/apontar o melhor tempo indicado.

4. Com quem?

(Cochichar novamente e responder)

É momento de pensar quem será envolvido/a: os participantes que vão receber a proposta, quem serão os responsáveis de executar, com quem fazer parceria e a divisão de tarefas.

Os monitores/as ajudam a anotar e definir as melhores idéias que forem surgindo.

5. Onde será feito?

(Em seguida define com os participantes)

É hora de prever. Isso ajuda a não acumular atividades para o mesmo local. Ajuda, ainda, a diversificar e descobrir novos espaços.

6. Para quê?

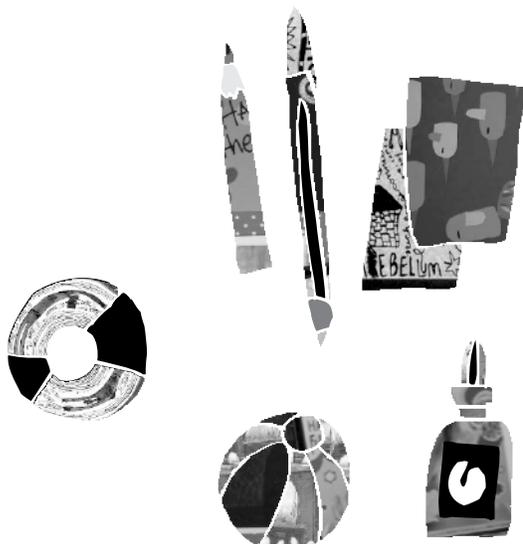
(Ainda no plenário levar o grupo a perceber o porquê será feito)

Colocar no papel o resultado que esperamos ajuda a olhar para o problema e dizer o que queremos solucionar/resolver.

7. Recursos necessários

(O último passo será perceber o que é preciso).

Possibilita perceber o que é necessário para realizar com sucesso o que foi proposto: verba, material, equipamentos...



TRILHA 05

projeto de vida

Esta trilha dedica-se ao projeto de vida. Poder projetar a vida é um direito que todos/as têm de organizar sua vida. Projetar na perspectiva de Jesus ressuscitado, abre novas portas para uma vida nova, destinada à felicidade.

Queremos oferecer elementos para que cada participante do grupo planeje sua história, vinculado com a história dos/as companheiros/as do grupo, da comunidade eclesial, da sua escola, da sua cidade, do seu país e do mundo.

Abrir uma perspectiva de participar da nova história da humanidade, redimida por Jesus, por seu amor, sua doação que convida a todos/as a participarmos do seu projeto de vida, marcado pela CAUSA da vida, de modo especial pelos pequenos, pobres, desprovidos de direitos.





1º PONTO

Pra quem não sabe
aonde quer ir
qualquer
lugar serve



OBJETIVO

trazer presentes o protagonismo juvenil e a importância de sabermos para onde o grupo de jovens quer chegar.

MATERIAL

Bíblia, folhas de papel, pincéis atômicos, alguns tijolos, folhas secas, giz, cópia da música: "Carpinteiro do Universo", Raul Seixas (anexo I) para todos/as, som com CD, violão...

AMBIENTAÇÃO

cadeiras em círculo, símbolos da caminhada do grupo...

1. Acolhida

a coordenação acolhe os/as jovens com alegria, fala do objetivo e tema do encontro e convida a todos e todas para iniciar reunião com o canto: “A viagem” (Eu vim de longe pra encontrar o meu caminho...) ou “Há um barco esquecido na praia”... Após a música, partilhar, espontaneamente, algum sentimento, dificuldade, motivação ou acontecimento especial presente no seu 'caminhar' até este momento do encontro.

2. Relembrando o ponto anterior

Memória é história. Memória é o que registramos em nosso corpo. Ela é, por excelência, seletiva. Guardamos aquilo que, por um motivo ou por outro, tem - ou teve - algum significado em nossas vidas. Vamos colocar em comum essa(s) marca(s) que o encontro anterior nos deixou.

Refrão: (Sl 139 - Ofício Divino da Juventude, p. 113): Tu és a luz, Senhor, do meu andar, Senhor, do meu lutar, Senhor. Força no meu viver. Em tuas mãos, Senhor, quero viver (bis).

3. Olhando a nossa realidade

“A pessoa se realiza projetando-se, isto é, realizando suas possibilidades. Estas são limitadas pelo seu ser, mas seu ser atual se prolonga, projetando-se no futuro. O ser humano é um 'projeto infinito' (L. Boff)”. Alguns afirmam que “o ser humano é uma eterna busca” seja de si mesmo, do outro, da felicidade, da sabedoria... Enfim, não é um ser estático, mas tem um sentido na vida, um caminho. Se imaginarmos o caminhar do grupo como uma longa viagem, prevemos a necessidade de parada em postos de serviços para viajantes (gasolina, borracheiro...) e percebermos o que necessitamos para chegar ao destino almejado: abastecer-se, consertar o que está com problemas para seguir com segurança! Propomos, agora, uma parada para tomar uma água, lavar o rosto, olhar no espelho e rever o mapa da nossa vida e do nosso grupo!



Técnica/exercício

Imaginemos o nosso grupo como um ônibus cheio de pessoas que viajam para algum lugar. Vamos construir uma estrada no chão - com papel, giz, tijolos ou outro. Identificar e adicionar à estrada elementos que compõem esse itinerário - postos de gasolina, placas, buracos. Todo grupo deve ser envolvido nessa construção.

Ao terminar a construção, a coordenação deverá criar situações fazendo com que o grupo se sinta nesta estrada e responda às situações criadas. Seguem sugestões básicas para o exercício que a





coordenação, ao adaptar à realidade do seu grupo, poderá adicionar outras situações.

Dimensão do serviço

- Que serviços serão necessários (motorista, cantores, navegador).
- Na estrada temos vários postos de serviços. O que nosso grupo necessita para chegar ao destino?

Dimensão da espiritualidade

- De que combustíveis necessitaremos?
- Quais outras paradas teremos?

Dimensão do planejamento

- Para que lugar nosso grupo está indo?
- Quem escolhe esse itinerário?

Dimensão sociopolítica

- A estrada está cheia de buracos. Como devemos andar?
- Um prego furou o pneu impedindo que continuemos a viagem. Qual o prego ou os pregos que impedem o grupo a seguir viagem?

Acabamos de construir nosso caminho de grupo de jovens. É caminhando que se faz o caminho! Em comunidade vamos nos percebendo e aprendendo um jeito novo de ser e de viver. Somos carpinteiros/as do nosso mundo, somos carpinteiros/as de nós mesmos. A coordenação distribui a cópia da música “Carpinteiro do Universo” de Raul Seixas (anexo I). Fazer a leitura individualmente e depois, por proximidade, partilhar como a música traz o desejo de construir, consertar o mundo e cuidar das pessoas Como temos, em nosso dia-a-dia, cuidado um dos outros e das outras? Estamos nos construindo a cada dia?

4. Iluminando com a Palavra

Leitura bíblica: Romanos 12,3-8.

Todas as pessoas têm um modo de ser, assim como Deus nos concedeu, mas para a vida comunitária cristã há uma tomada de postura que exige da pessoa abandonar a pretensão de ser o maior e o mais importante para colocar-se, com simplicidade, a serviço dos outros/as.

Em duplas, por proximidade, partilhar;

- Olhando para a comunidade de Roma, Paulo apresenta o projeto de Deus que se realizou em Jesus Cristo. Ressalta que formamos um só corpo em Cristo. Diante da realidade atual o que nos revela esta leitura, considerando a imposição de uma sociedade de consumo que faz com que as pessoas pensem mais no “ter” do que no “ser”, colocando-se cada vez menos a serviço dos/as mais empobrecidos/as?

5. Compromisso de vida

para que novas atitudes pessoais ou grupais esse nosso encontro ou reflexão nos motivou? O que podemos assumir?

6. Celebrando a vida

dar as mãos é se oferecer como força amiga e abertura para recebimento. São os laços de um grupo que se firmam e renovam. É reconhecimento de igualdade tanto no direito quanto no dever. Que, ao dar as mãos, nos reconheçamos irmãos e irmãs, filhos e filhas do mesmo Pai!

Preces espontâneas...

Pai-Nosso

Bênção da despedida: “Que a terra abra caminhos sempre à frente dos teus passos. E que o vento sopra suave sobre os teus ombros. Que o sol brilhe sempre cálido e fraterno no teu rosto. Que a chuva caia suave em teus campos. E até que nos tornemos a encontrar, Deus te guarde, Deus nos guarde em seu abraço”.

7. Avaliação

tendo presente o objetivo deste ponto, perguntar ao grupo, se foi alcançado. Como? O que contribui para isto? Na estrada da vida é preciso marcar os nossos passos, colocar balizas nos lugares por onde já andamos para que assim não voltemos a cometer os mesmos erros. Tomar consciência das coisas que foram boas e das que poderiam ser melhores é passo positivo, que leva para frente!

Como foi nosso encontro hoje? Que descobertas tivemos? Que valores percebemos?

8. Preparação do próximo ponto

no próximo encontro continuaremos a nossa viagem, aprendizado e convivência. Sugerimos que os integrantes do grupo levem lanche para partilhar.





Anexo I

Música: **“Carpinteiro do Universo”**

Raul Seixas

Composição: Raul Seixas e Marcelo Nova

Carpinteiro do universo inteiro eu sou (2x)
Não sei por que nasci
pra querer ajudar a querer consertar
O que não pode ser

Não sei pois nasci para isso e aquilo
E o inguiço de tanto querer
Carpinteiro do universo inteiro eu sou (2x)

humm estou sempre
pensando em aparar o cabelo de alguém
E sempre tentando mudar a direção do trem
À noite a luz do meu quarto eu não quero apagar
Pra que você não tropeçe na escada quando chegar

Carpinteiro do universo inteiro eu sou (2x)
Carpinteiro do universo inteiro eu sou (2x)

O meu egoísmo é tão egoísta
que o auge do meu egoísmo é querer ajudar
Mas não sei por que nasci
pra querer ajudar a querer consertar
O que não pode ser

Não sei pois nasci para isso e aquilo
E o inguiço de tanto querer
Carpinteiro do universo inteiro eu sou (2x)
Carpinteiro do universo inteiro eu sou, assim
No final
Carpinteiro de mim

2º PONTO



Igreja e Comunidade: lugares de participação e compromisso

OBJETIVO

reconhecer a Igreja e a Comunidade como lugares de conquistas e de vivência do nosso Projeto de Vida.

MATERIAL

Bíblia, folhas de papel, canetas, cinco cartolinas.

AMBIENTAÇÃO

cadeiras em círculo, tecido colorido no centro, fotos ou cartazes das atividades do grupo na comunidade, espaço para colocar a Bíblia.

I. Acolhida

para o encontro de hoje, dar uma atenção especial ao fato de que somos membros de uma Igreja que caminha e de uma sociedade que busca cada vez mais a união e que Jesus não quer nosso sofrimento com os acontecimentos da vida que nos desanimam. É interessante que o grupo se sinta membro afetivo e efetivo de uma Igreja que caminha em busca de uma sociedade justa, fraterna e solidária e que a nossa vivência na comunidade deve ser espelhada na vivência dos primeiros cristãos nas primeiras comunidades.

Lugar inspirador: Emaús (24, 13-35).

Sugestão: Pode-se começar com algum canto atual que evoque nossa pertença à Igreja e à Comunidade.

Fazer uma leitura do texto de Emaús e destacar a importância de sentir o nosso coração “arder” na busca de nossa vivência dentro da Igreja e em nossa Comunidade. Recordar que os/as discípulos/as estavam cansados/as da viagem, estavam desanimados/as, mas depois de serem alimentados/as com a palavra de Cristo e com o pão, se animaram e voltaram para a estrada, rumo a Jerusalém, para anunciar a boa notícia: Jesus vive e está entre nós.

2. Relembrando o ponto anterior

no encontro anterior, o tema tratado foi sobre a pessoa, o grupo e o coordenador. Iniciamos uma viagem. É bom lembrar os aspectos mais fortes que ficaram do encontro anterior. É bom rever o conceito de pessoa humana, dentro de um grupo, como participante e atuante, indo desembocar no serviço à Igreja e à Comunidade. Nesse momento o/a coordenador/a recorda o objetivo do tema a ser estudado e convida o grupo a dar prosseguimento a essa viagem.

3. Olhando a nossa realidade

todos somos chamados/as a fazer parte de um grupo. Iniciamos a nossa vida fazendo parte de um grupo chamado família. Depois, com o batismo, começamos a fazer parte da Igreja, da família de Deus; dentro da Igreja participamos de grupos de catequese, de jovens, etc. Não podemos estar presentes nestes grupos apenas como meros espectadores. Precisamos participar. Quando fazemos parte da Igreja de Deus, assumimos um compromisso não somente com a Igreja, mas com todo o Povo de Deus, ou seja, com a comunidade. Como cristãos/ãs engajados/as podemos desempenhar nossa missão em todos os lugares onde estivermos presentes, ou seja, na minha família, no meu ambiente de trabalho, na escola, na faculdade etc. Na Igreja recuperamos nossas forças para darmos continuidade a nossa missão na comunidade. É nela que nos nutrimos com o Pão da Vida. É bom lembrar que não existe somente a Igreja Católica, mas que existem outras Igrejas cristãs que, mesmo nas diversidades de ritos, acreditam no mesmo Deus.

Da mesma forma que os discípulos de Emaús saíram recuperados e animados depois de reconhecerem Jesus ao partir o pão, assim somos convidados/as a nos nutrirmos com esse Pão na celebração da Eucaristia. Porém, existem outras formas de nutrirmos nosso ânimo e nossa missão dentro da comunidade. Que outros instrumentos nos garantem forças para a nossa missão dentro da Igreja e da Comunidade? Que outros “alimentos” nos nutrem para darmos continuidade à nossa viagem?



Técnica/exercício

para que possamos dar continuidade a essa viagem, é necessário, em primeiro lugar, saber qual o conceito que o grupo tem de Igreja e Comunidade. Como sugestão a coordenação poderá usar a técnica *Brainstorm* (Tempestade de idéias);

- A coordenação do grupo poderá ter uma visão geral da realidade do grupo a partir das respostas obtidas. É interessante que a coordenação provoque a participação de todos/as participantes. Quanto mais idéias tiverem, melhor será a proposta de trabalho posteriormente.
- Prosseguindo a dinâmica, a coordenação continua a história do encontro anterior. Estamos no meio da viagem. É hora de uma parada para nos alimentar, descansar, conviver. Estamos na Comunidade (citar o nome da comunidade ao qual o grupo pertence). É aqui que vamos parar para refazermos nossas forças. Além do Pão da Vida, que outro tipo de alimentos essa comunidade nos oferece para podermos prosseguir nossa viagem?
- A coordenação organize pequenos grupos. Sugerimos subgrupos de até cinco participantes. Cada subgrupo recebe uma folha com a seguinte pergunta: Que alimentos a nossa Comunidade nos oferece para termos forças na continuação de nossa caminhada? Os subgrupos discutem entre si os possíveis valores que ajudam o/a cristão/ã a prosseguir firme na missão e no compromisso na Igreja e na Comunidade. Os subgrupos são motivados a escolher de 3 a 5 valores e escrever em uma cartolina para serem posteriormente apresentados para todo o grupo.
- Depois desse tempo de trabalho nos subgrupos, todos/as retornam ao grande grupo e aos poucos cada grupo apresenta os valores encontrados. Após a apresentação, o cartaz é colocado no centro da sala ou colado na parede. Dessa forma, sucessivamente, cada subgrupo apresenta ao grupo grande os seus valores. Ao término da partilha a coordenação aprofunda o resultado da técnica.



Aprofundando o resultado da técnica/exercício: neste momento a coordenação poderá fazer uma análise da realidade do grupo, explicitar de forma sucinta alguns conceitos de Igreja e de Comunidade. Mostrar a Igreja como Comunidade de todos/as, Igreja como vocação, seguimento à santidade: todos/as nós somos chamados/as a ser santos/as (Vaticano II). A vida cristã, como toda a vida humana, é projeto, tensão para um futuro ainda não existente, que desde já se deseja e se busca. O cristianismo é uma proposta de vida, inspirada no “projeto de Jesus”!¹⁸

A coordenação poderá fazer algumas perguntas para alguns membros do grupo, para saber qual o sentimento de pertença que os participantes têm da Igreja e da Comunidade. É essencial ouvir dos/as participantes a visão deles/as com relação à Comunidade: a Comunidade abre espaço para os/as jovens? Existem na Comunidade elementos convidativos que façam os/as jovens sentirem-se bem na Comunidade? Os/as jovens se sentem acolhidos/as na Comunidade? De que forma? É muito interessante retomar os valores e questionar os/as participantes de que forma eles estão vivenciando tais valores e de que forma eles/elas estão contribuindo na construção dessa Igreja e Comunidade sonhadas.

4. Iluminando com a Palavra

os textos sugeridos para fazer o momento de confronto com a Palavra de Deus e com a vida de Jesus Cristo é a forma de fazer o grupo tomar consciência da importância de participar na Igreja e na Comunidade. Fazer o grupo perceber que é o próprio Jesus Cristo quem funda a Igreja e dá à pessoa o poder de dirigi-la. Ao mesmo tempo refletir sobre a vivência dos/as primeiros/as cristãos/ãs nas comunidades primitivas. Como sugestão pode-se usar algum canto para a proclamação da Palavra. Pode-se fazer uma entronização da Bíblia e colocá-la no centro da sala ou em algum lugar de destaque.

a) Fundação da Igreja: Mt 16, 18. “E eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela; e eu te darei as chaves do reino dos Céus: e tudo o que atares na terra, será atado nos céus, e tudo o que desatares sobre a terra, será desatado também nos céus”.

b) As primeiras comunidades cristãs: At 2,42-47 e At 4,32-37. Conforme os textos, pode-se trabalhar com os jovens alguns aspectos relevantes das primeiras comunidades:

- Perseverantes no ensinamento dos apóstolos - cf. At 2,42 e At 4,33
- Perseverantes na comunhão fraterna - cf. At 2,44-45, At 4,32 e At 4,34-35
- Perseverantes na fração do pão - cf. At 2,46
- Perseverante na oração - cf. At 2,46a e At 2,47a
- Atrair outras pessoas - cf. At 2,47b e At 4,36-37

¹⁸Luís Gonzáles Quevedo: Projeto de vida: amar e ser amado. Ed. Loyola, São Paulo, 2001, p. 18

5. Compromisso de vida

diante do tema trabalhado, propor aos participantes do grupo um momento de parada e reflexão individual. Oferecer aos participantes algumas questões para serem respondidas pessoalmente. Pode-se seguir como sugestão o roteiro a seguir (não é necessário usar todas as perguntas):

Vendo o exemplo das primeiras comunidades é oportuno nos interrogar:

- a) Diante da realidade vista neste encontro, como poderemos assumir, pessoal e comunitariamente, nossa adesão à Igreja de Jesus Cristo? Como podemos aproveitar os “alimentos” que a nossa comunidade nos oferece para sermos jovens atuantes na Igreja e na Comunidade?
- b) Os/as participantes são convidados/as a escrever as propostas assumidas.

6. Celebrando a vida

o momento de celebrarmos as nossas descobertas e nossas decisões. A coordenação poderá usar o método da oração participativa, contando com o relato de cada participante de como se sente agora, depois de ter refletido sobre a Igreja e sobre as primeiras comunidades. A coordenação anima o grupo a fazer preces espontâneas, levando em consideração as suas vivências anteriores e os propósitos de mudanças. Cantar um refrão cada vez que três ou quatro participantes fizeram as suas preces.

7. Avaliação

perceber como o grupo trabalhou, se o objetivo proposto no início do encontro foi alcançado, retomar com o grupo as ações assumidas e aquelas que foram difíceis de assumir. Tentar encontrar modos diversos de um ajudar o outro na vivência dos compromissos assumidos. É bom avaliar o encontro como um todo, analisando a participação do grupo e o desempenho da coordenação e dos/as participantes que assumiram alguma tarefa durante o encontro.

8. Preparação do próximo ponto

preparar caixas de papelão, pincel, tintas, cores do trânsito: verde, amarelo e vermelho, Bíblia. Inserir no roteiro a Carta da Terra e a Carta de Seattle. Convidar o grupo a participar da celebração eucarística e buscar se empenhar mais nos serviços da Igreja e da Comunidade, como aspectos a serem vivenciados no seu projeto de vida. Pode-se encerrar o encontro com uma festa, um lanche comunitário, como expressão de partilha e preparação para prosseguir a viagem, que culminará no último encontro.

Sugestão de documentos para pesquisas: Doc. 44 da CNBB: Igreja, Comunhão e Missão; Doc. 66 da CNBB: Ser Igreja no novo milênio; AD GENTES: n° 5 (Igreja enviada por Cristo) e n° 15 (Formação da comunidade cristã).

3º PONTO

Projeto de Vida: nossa casa comum

OBJETIVO

trabalhar a dimensão do cuidado da vida na sociedade e no planeta como nossa casa comum para pensar o futuro sonhando com o que não é, para que possa vir a ser.

MATERIAL

Bíblia, três placas de papelão nas cores: vermelha, verde e amarela.

AMBIENTAÇÃO

cadeira em círculos, imagens do planeta terra, pessoas e costumes do nosso país e de outros países.

1. Acolhida

a coordenação acolhe e convida os/as jovens para perceber-se na casa comum: o planeta. Olhar para o planeta percebendo as diversas organizações humanas em sociedade com costumes variados (língua, comida, adereços, roupa, maquiagem...). A coordenação recorda que as diferenças são nossas riquezas. Pensar o projeto de vida pessoal e comunitário inclui uma nova sociedade e um cuidado com o planeta.

2. Relembrando o ponto anterior

o encontro anterior falou de nossa casa como comunidade, como Igreja que se reúne no mundo todo. Recorda que há várias Igrejas cristãs e muitas outras religiões. Retomar o compromisso do último ponto e verificar como o grupo assumiu as dificuldades e alegrias...

3. Olhando a nossa realidade

no primeiro momento a coordenação organiza pequenos grupos para a leitura da “Carta da Terra” ou “Carta do cacique de Seattle” (anexos 1 e 2), depois amplia a discussão com uma conversa breve: qual é o projeto de vida para o mundo? Qual o projeto de vida para a sociedade? Que sinais/posturas percebemos que aproximam e distanciam na construção de novas relações com o meio ambiente? Depois da conversa, organizar as idéias em frases e palavras.



Técnica/exercício

Imaginemos o nosso grupo como um ônibus cheio de pessoas que viajam para algum lugar. Construir uma estrada com sinais ao longo do caminho indicando para o perigo (vermelho); de cuidado (amarelo); para os valores (verde). Sugestão: as placas podem ser construídas de papelão. Depois de feita a estrada sinalizada, o grupo pára e partilha sentimentos e o que aprendeu sobre o projeto da casa comum: o planeta.



4. Iluminando com a Palavra

Leitura bíblica: Romanos 8, 22-25.

- a) Identificar quais são as dores que sofre e geme a sociedade em que vivemos?
O planeta que habitamos...

b) Compromisso Vida Nova:

c) Somos convocados/as por Deus para construir uma sociedade nova e o planeta, com os sinais de ressurreição de Jesus. Qual é a novidade da ressurreição que devemos assumir?

d) Como assumir gestos em nossa casa, nossa escola, nossa rua, nosso bairro?

5. Compromisso de vida

- Apoiar organizações em defesa de todas as bandeiras de lutas sobre a ecologia;
- Assumir a “Carta da Terra” como referência central para a formação pessoal e coletiva para pensar e construir o futuro da sociedade onde se habita.
- Promoções de gestões junto às Câmaras Municipais buscando adequar o código de postura dos municípios aos termos da “Carta da Terra” no tocante à legislação ambiental;
- Promoção de passeios ecológicos, caminhadas, mutirões para plantio de árvores, limpeza de sítios, fontes, rios, lagos e trilhas visando à preservação e a renovação do meio ambiente.
- Divulgar e socializar a leitura da “Carta da Terra” na escola, no trabalho, na comunidade.

6. Celebrando a vida

reconhecer a grandeza de Deus que cria o mundo e as pessoas em sociedade com muitas diferenças para que possamos louvar a grandeza de nosso Deus. Depois de cantar ou ler o Salmo 150, repetir as palavras e frases.

7. Avaliação

que descobertas? Que valores foram percebidos? O que dificultou? O que facilitou?

8. Preparação do próximo ponto

a partir da experiência de vivenciar as trilhas, o grupo pode elaborar seus próximos roteiros e seus pontos, cuidando para que os temas estejam ligados à realidade da juventude e seu projeto de vida.



Anexo I **A Carta da Terra¹⁹**

PREÂMBULO

Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro. À medida que o mundo se torna cada vez mais interdependente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns/umas para com os/as outros/as, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações.

Terra, nosso lar

A humanidade é parte de um vasto universo em evolução. A Terra, nosso lar, está viva com uma comunidade de vida única. As forças da natureza fazem da existência uma aventura exigente e incerta, mas a Terra providenciou as condições essenciais para a evolução da vida. A capacidade de recuperação da comunidade da vida e o bem-estar da humanidade dependem da preservação de uma biosfera saudável com todos seus sistemas ecológicos, uma rica variedade de plantas e animais, solos férteis, águas puras e ar limpo. O meio ambiente global com seus recursos finitos é uma preocupação comum de todas as pessoas. A proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado.

A situação global

Os padrões dominantes de produção e consumo estão causando devastação ambiental, redução dos recursos e uma massiva extinção de espécies. Comunidades estão sendo arruinadas. Os benefícios do desenvolvimento não estão sendo divididos equitativamente e o fosso entre ricos e pobres está aumentando. A injustiça, a pobreza, a ignorância e os conflitos violentos têm aumentado e são causa de grande sofrimento. O crescimento sem precedentes da população humana tem sobrecarregado os sistemas ecológico e social. As bases da segurança global estão ameaçadas. Essas tendências são perigosas, mas não inevitáveis.

¹⁹ No dia 14 de março de 2000 na Unesco, em Paris, foi aprovada depois de 8 anos de discussões em todos os continentes, envolvendo 46 países e mais de cem mil pessoas, desde escolas primárias, esquimós, indígenas da Austrália, do Canadá e do Brasil, entidades da sociedade civil, até grandes centros de pesquisa, universidades e empresas e religiões a Carta da Terra

Desafios para o futuro

A escolha é nossa: formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns/umas dos/as outros/as, ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida. São necessárias mudanças fundamentais dos nossos valores, instituições e modos de vida. Devemos entender que, quando as necessidades básicas forem atingidas, o desenvolvimento humano será primariamente voltado a ser mais, não a ter mais. Temos o conhecimento e a tecnologia necessários para abastecer a todos/as e reduzir nossos impactos ao meio ambiente. O surgimento de uma sociedade civil global está criando novas oportunidades para construir um mundo democrático e humano.

Nossos desafios ambientais, econômicos, políticos, sociais e espirituais estão interligados, e juntos/as podemos forjar soluções includentes.

Responsabilidade universal

Para realizar estas aspirações, devemos decidir viver com um sentido de responsabilidade universal, identificando-nos com toda a comunidade terrestre bem como com nossa comunidade local. Somos, ao mesmo tempo, cidadãos/ãs de nações diferentes e de um mundo no qual a dimensão local e global estão ligadas. Cada um compartilha da responsabilidade pelo presente e pelo futuro, pelo bem-estar da família humana e de todo o mundo dos seres vivos. O espírito de solidariedade humana e de parentesco com toda a vida é fortalecido quando vivemos com reverência o mistério da existência, com gratidão pelo dom da vida, e com humildade, considerando em relação ao lugar que ocupa o ser humano na natureza.

Necessitamos com urgência de uma visão compartilhada de valores básicos para proporcionar um fundamento ético à comunidade mundial emergente. Portanto, juntos/as na esperança, afirmamos os seguintes princípios, todos/as interdependentes, visando um modo de vida sustentável como critério comum, através dos quais a conduta de todos/as os/as indivíduos/as, organizações, empresas, governos, e instituições transnacionais será guiada e avaliada.

PRINCÍPIOS

I. RESPEITAR E CUIDAR DA COMUNIDADE DA VIDA

I. Respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade.

- a. Reconhecer que todos os seres são interligados e que cada forma de vida tem valor, independentemente de sua utilidade para os seres humanos.

b. Afirmar a fé na dignidade inerente de todos os seres humanos e no potencial intelectual, artístico, ético e espiritual da humanidade.

2. Cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor.

- a. Aceitar que, com o direito de possuir, administrar e usar os recursos naturais, vem o dever de impedir o dano causado ao meio ambiente e de proteger os direitos das pessoas.
- b. Assumir que o aumento da liberdade, dos conhecimentos e do poder implica responsabilidade na promoção do bem comum.

3. Construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas.

- a. Assegurar que as comunidades em todos níveis garantam os direitos humanos e as liberdades fundamentais e proporcionem a cada um a oportunidade de realizar seu pleno potencial.
- b. Promover a justiça econômica e social, propiciando a todos/as a consecução de uma subsistência significativa e segura, que seja ecologicamente responsável.

4. Garantir as dádivas e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações.

- a. Reconhecer que a liberdade de ação de cada geração é condicionada pelas necessidades das gerações futuras.
- b. Transmitir às futuras gerações valores, tradições e instituições que apóiem, em longo prazo, a prosperidade das comunidades humanas e ecológicas da Terra.

Para poder cumprir estes quatro grandes compromissos, é necessário:

II. INTEGRIDADE ECOLÓGICA

5. Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que sustentam a vida.

- a. Adotar planos e regulamentações de desenvolvimento sustentável em todos os níveis que façam com que a conservação ambiental e a reabilitação sejam parte integral de todas as iniciativas de desenvolvimento.
- b. Estabelecer e proteger as reservas com uma natureza viável e da biosfera, incluindo terras selvagens e áreas marinhas, para proteger os sistemas de sustento à vida da Terra, manter a biodiversidade e preservar nossa herança natural.

- c. Promover a recuperação de espécies e ecossistemas ameaçados.
- d. Controlar e erradicar organismos não-nativos ou modificados geneticamente que causem dano às espécies nativas, ao meio ambiente, e prevenir a introdução desses organismos daninhos.
- e. Manejar o uso de recursos renováveis como água, solo, produtos florestais e vida marinha de forma que não excedam as taxas de regeneração e que protejam a sanidade dos ecossistemas.
- f. Manejar a extração e o uso de recursos não-renováveis, como minerais e combustíveis fósseis de forma que diminuam a exaustão e não causem dano ambiental grave.

6. Prevenir o dano ao ambiente como o melhor método de proteção ambiental e, quando o conhecimento for limitado, assumir uma postura de precaução.

- a. Orientar ações para evitar a possibilidade de sérios ou irreversíveis danos ambientais mesmo quando a informação científica for incompleta ou não conclusiva.
- b. Impor o ônus da prova àqueles/as que afirmarem que a atividade proposta não causará dano significativo e fazer com que os grupos sejam responsabilizados pelo dano ambiental.
- c. Garantir que a decisão a ser tomada se oriente pelas conseqüências humanas globais, cumulativas, de longo prazo, indiretas e de longo alcance.
- d. Impedir a poluição de qualquer parte do meio ambiente e não permitir o aumento de substâncias radioativas, tóxicas ou outras substâncias perigosas.
- e. Evitar que atividades militares causem dano ao meio ambiente.

7. Adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário.

- a. Reduzir, reutilizar e reciclar materiais usados nos sistemas de produção e consumo e garantir que os resíduos possam ser assimilados pelos sistemas ecológicos.
- b. Atuar com restrição e eficiência no uso de energia e recorrer cada vez mais aos recursos energéticos renováveis, como a energia solar e do vento.
- c. Promover o desenvolvimento, a adoção e a transferência equitativa de tecnologias ambientais saudáveis.
- d. Incluir totalmente os custos ambientais e sociais de bens e serviços no preço de venda e habilitar os/as consumidores/as a identificar produtos que satisfaçam as mais altas normas sociais e ambientais.

- e. **Garantir acesso universal** à assistência de saúde que fomente a saúde reprodutiva e a reprodução responsável.
- f. Adotar estilos de vida que acentuem a qualidade de vida e subsistência material num mundo finito.

8. Avançar o estudo da sustentabilidade ecológica e promover a troca aberta e a ampla aplicação do conhecimento adquirido.

- a. Apoiar a cooperação científica e técnica internacional relacionada a sustentabilidade, com especial atenção às necessidades das nações em desenvolvimento.
- b. Reconhecer e preservar os conhecimentos tradicionais e a sabedoria espiritual em todas as culturas que contribuam para a proteção ambiental e o bem-estar humano.
- c. Garantir que informações de vital importância para a saúde humana e para a proteção ambiental, incluindo informação genética, estejam disponíveis ao domínio público.

III. JUSTIÇA SOCIAL E ECONÔMICA

9. Erradicar a pobreza como um imperativo ético, social e ambiental.

- a. Garantir o direito à água potável, ao ar puro, à segurança alimentar, aos solos não-contaminados, ao abrigo e saneamento seguro, distribuindo os recursos nacionais e internacionais requeridos.
- b. Prover cada ser humano de educação e recursos para assegurar uma subsistência sustentável, e proporcionar seguro social e segurança coletiva a todos/as aqueles/as que não são capazes de manter-se por conta própria.
- c. Reconhecer os/as ignorados/as, proteger os/as vulneráveis, servir àqueles/as que sofrem, e permitir-lhes desenvolver suas capacidades e alcançar suas aspirações.

10. Garantir que as atividades e instituições econômicas em todos os níveis promovam o desenvolvimento humano de forma eqüitativa e sustentável.

- a. Promover a distribuição eqüitativa da riqueza dentro das e entre as nações.
- b. Incrementar os recursos intelectuais, financeiros, técnicos e sociais das nações em desenvolvimento e isentá-las de dívidas internacionais onerosas.
- c. Garantir que todas as transações comerciais apóiem o uso de recursos sustentáveis, a proteção ambiental e normas trabalhistas progressistas.
- d. Exigir que corporações multinacionais e organizações financeiras internacionais atuem com transparência em benefício do bem comum e responsabilizá-las pelas conseqüências de suas atividades.

11. Afirmar a igualdade e a eqüidade de gênero como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, assistência de saúde e às oportunidades econômicas.

- a. Assegurar os direitos humanos das mulheres e das meninas e acabar com toda violência contra elas.
- b. Promover a participação ativa das mulheres em todos os aspectos da vida econômica, política, civil, social e cultural como parceiras plenas e paritárias, tomadoras de decisão, líderes e beneficiárias.
- c. Fortalecer as famílias e garantir a segurança e a educação amorosa de todas as pessoas da família.

12. Defender, sem discriminação, os direitos de todas as pessoas a um ambiente natural e social, capaz de assegurar a dignidade humana, a saúde corporal e o bem-estar espiritual, concedendo especial atenção aos direitos dos povos indígenas e minorias.

- a. Eliminar a discriminação em todas suas formas, como as baseadas em raça, cor, gênero, orientação sexual, religião, idioma e origem nacional, étnica ou social.
- b. Afirmar o direito dos povos indígenas à sua espiritualidade, conhecimentos, terras e recursos, assim como às suas práticas relacionadas a formas sustentáveis de vida.
- c. Honrar e apoiar os/as jovens das nossas comunidades, habilitando-os/as a cumprir seu papel essencial na criação de sociedades sustentáveis.
- d. Proteger e restaurar lugares notáveis pelo significado cultural e espiritual.

IV. DEMOCRACIA, NÃO-VIOLÊNCIA E PAZ

13. Fortalecer as instituições democráticas em todos os níveis e proporcionar-lhes transparência e prestação de contas no exercício do governo, participação inclusiva na tomada de decisões, e acesso à justiça.

- a. Defender o direito de todas as pessoas no sentido de receber informação clara e oportuna sobre assuntos ambientais e todos os planos de desenvolvimento e atividades que poderiam afetá-las ou nos quais tenham interesse.
- b. Apoiar sociedades civis locais, regionais e globais e promover a participação significativa de todos/as os/as indivíduos/as e organizações na tomada de decisões.
- c. Proteger os direitos à liberdade de opinião, de expressão, de assembléia pacífica, de associação e de oposição.
- d. Instituir o acesso efetivo e eficiente a procedimentos administrativos e judiciais independentes, incluindo retificação e compensação por danos ambientais e pela ameaça de tais danos.

- e. Eliminar a corrupção em todas as instituições públicas e privadas.
- f. Fortalecer as comunidades locais, habilitando-as a cuidar dos seus próprios ambientes, e atribuir responsabilidades ambientais aos níveis governamentais onde possam ser cumpridas mais efetivamente.

14. Integrar, na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável.

- a. Oferecer a todos/as, especialmente a crianças e jovens, oportunidades educativas que lhes permitam contribuir ativamente para o desenvolvimento sustentável.
- b. Promover a contribuição das artes e humanidades, assim como das ciências, na educação para sustentabilidade.
- c. Intensificar o papel dos meios de comunicação de massa no sentido de aumentar a sensibilização para os desafios ecológicos e sociais.
- d. Reconhecer a importância da educação moral e espiritual para uma subsistência sustentável.

15. Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração.

- a. Impedir crueldades aos animais mantidos em sociedades humanas e protegê-los de sofrimentos.
- b. Proteger animais selvagens de métodos de caça, armadilhas e pesca que causem sofrimento extremo, prolongado ou evitável.
- c. Evitar ou eliminar ao máximo possível a captura ou destruição de espécies não visadas.

16. Promover uma cultura de tolerância, não-violência e paz.

- a. Estimular e apoiar o entendimento mútuo, a solidariedade e a cooperação entre todas as pessoas, dentro das e entre as nações.
- b. Implementar estratégias amplas para prevenir conflitos violentos e usar a colaboração na resolução de problemas para manejar e resolver conflitos ambientais e outras disputas.
- c. Desmilitarizar os sistemas de segurança nacional até chegar ao nível de uma postura não-provocativa da defesa e converter os recursos militares em propósitos pacíficos, incluindo restauração ecológica.
- d. Eliminar armas nucleares, biológicas e tóxicas e outras armas de destruição em massa.
- e. Assegurar que o uso do espaço orbital e cósmico mantenha a proteção ambiental e a paz.

f. Reconhecer que a paz é a plenitude criada por relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, outras culturas, outras vidas, com a Terra e com a totalidade maior da qual somos parte.

O CAMINHO ADIANTE

Como nunca antes na história, o destino comum nos conclama a buscar um novo começo. Tal renovação é a promessa dos princípios da Carta da Terra. Para cumprir esta promessa, temos que nos comprometer a adotar e promover os valores e objetivos da Carta.

Isto requer uma mudança na mente e no coração. Requer um novo sentido de interdependência global e de responsabilidade universal. Devemos desenvolver e aplicar com imaginação a visão de um modo de vida sustentável aos níveis local, nacional, regional e global. Nossa diversidade cultural é uma herança preciosa, e diferentes culturas encontrarão suas próprias e distintas formas de realizar esta visão. Devemos aprofundar e expandir o diálogo global gerado pela Carta da Terra, porque temos muito que aprender a partir da busca iminente e conjunta por verdade e sabedoria.

A vida muitas vezes envolve tensões entre valores importantes. Isto pode significar escolhas difíceis. Porém, necessitamos encontrar caminhos para harmonizar a diversidade com a unidade, o exercício da liberdade com o bem comum, objetivos de curto prazo com metas de longo prazo. Todo/a indivíduo/a, família, organização e comunidade têm um papel vital a desempenhar. As artes, as ciências, as religiões, as instituições educativas, os meios de comunicação, as empresas, as organizações não-governamentais e os governos são todos/as chamados/as a oferecer uma liderança criativa. A parceria entre governo, sociedade civil e empresas é essencial para uma governabilidade efetiva.

Para construir uma comunidade global sustentável, as nações do mundo devem renovar seu compromisso com as Nações Unidas, cumprir com suas obrigações respeitando os acordos internacionais existentes e apoiar a implementação dos princípios da Carta da Terra como um instrumento internacional legalmente unificador quanto ao ambiente e ao desenvolvimento.

Que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência face à vida, pelo compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, a intensificação da luta pela justiça e pela paz, e a alegre celebração da vida.



Anexo 2

A Carta do Cacique Seattle, em 1855

Em 1855, o cacique Seattle, da tribo Suquamish, do Estado de Washington, enviou esta carta ao presidente dos Estados Unidos (Francis Pierce), depois de o Governo haver dado a entender que pretendia comprar o território ocupado por aqueles índios. Faz já mais de cento e cinquenta anos. Mas o desabafo do cacique tem uma incrível atualidade.

"Como podeis comprar ou vender o céu, a tepidez do chão? A idéia não tem sentido para nós.

Se não possuímos o frescor do ar ou o brilho da água, como podeis querer comprá-los? Qualquer parte desta terra é sagrada para meu povo. Qualquer folha de pinheiro, qualquer praia, a neblina dos bosques sombrios, o brilhante e zumbidor inseto, tudo é sagrado na memória e na experiência de meu povo. A seiva que percorre o interior das árvores leva em si as memórias do homem vermelho.

Os mortos do homem branco esquecem a terra de seu nascimento, quando vão pervagar entre as estrelas. Nossos mortos jamais esquecem esta terra maravilhosa, pois ela é a mãe do homem vermelho. Somos parte da terra e ela é parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs, os gamos, os cavalos a majestosa águia, todos nossos irmãos. Os picos rochosos, a fragrância dos bosques, a energia vital do pônei e do homem, tudo pertence a uma só família.

Assim, quando o grande chefe em Washington manda dizer que deseja comprar nossas terras, ele está pedindo muito de nós. O grande chefe manda dizer que nos reservará um sítio onde possamos viver confortavelmente por nós mesmos. Ele será nosso pai e nós seremos seus filhos. Se é assim, vamos considerar a sua proposta sobre a compra de nossa terra. Mas tal compra não será fácil, já que esta terra é sagrada para nós.

A límpida água que percorre os regatos e rios não é apenas água, mas o sangue de nossos ancestrais. Se vos vendermos a terra, tereis de lembrar a nossos filhos que ela é sagrada, e que qualquer reflexo espectral sobre a superfície dos lagos evoca eventos e fases da vida do meu povo. O marulhar das águas é a voz dos nossos ancestrais.

Os rios são nossos irmãos, eles nos saciam a sede. Levam as nossas canoas e alimentam nossas crianças. Se vendermos nossa terra a vós, deveis vos lembrar e ensinar a nossas crianças que os rios são nossos irmãos, vossos irmãos também, e deveis a partir de então dispensar aos rios a mesma espécie de afeição que dispensais a um irmão.

Nós mesmos sabemos que o homem branco não entende nosso modo de ser. Para ele um pedaço de terra não se distingue de outro qualquer, pois é um estranho que vem de noite e rouba da terra tudo de que precisa. A terra não é sua irmã, mas sua inimiga, depois que a submete a si, que a conquista, ele vai embora, à procura de outro lugar. Deixa atrás de si a sepultura de seus pais e não se importa. A cova de seus pais é a herança de seus filhos, ele os esquece. Trata a sua mãe, a terra, e seus irmãos, o céu, como coisas a serem compradas ou roubadas, como se fossem peles de carneiro ou brilhantes contas sem valor. Seu apetite vai exaurir a terra, deixando atrás de si só desertos. Isso eu não compreendo. Nosso modo de ser é completamente diferente do vosso. A visão de vossas cidades faz doer aos olhos do homem vermelho.

Talvez seja porque o homem vermelho é um selvagem e como tal, nada possa compreender.

Nas cidades do homem branco não há um só lugar onde haja silêncio, paz. Um só lugar onde ouvir o farfalhar das folhas na primavera, o zunir das asas de um inseto. Talvez seja porque sou um selvagem e não possa compreender.

O barulho serve apenas para insultar os ouvidos. E que vida é essa onde o homem não pode ouvir o pio solitário da coruja ou o coaxar das rãs à margem dos charcos à noite? O índio prefere o suave sussurrar do vento esfrolando a superfície das águas do lago, ou a fragrância da brisa, purificada pela chuva do meio-dia ou aromatizada pelo perfume dos pinhos.

O ar é precioso para o homem vermelho, pois dele todos se alimentam. Os animais, as árvores, o homem, todos respiram o mesmo ar. O homem branco parece não se importar com o ar que respira. Como um cadáver em decomposição, ele é insensível ao mau cheiro. Mas se vos vendermos nossa terra, deveis vos lembrar que o ar é precioso para nós, que o ar insufla seu espírito em todas as coisas que dele vivem. O ar que vossos avós inspiraram ao primeiro vagido foi o mesmo que lhes recebeu o último suspiro.

Se vendermos nossa terra a vós, deveis conservá-la à parte, como sagrada, como um lugar onde mesmo um homem branco possa ir sorver a brisa aromatizada pelas flores dos bosques.

Assim consideraremos vossa proposta de comprar nossa terra. Se nos decidirmos a aceitá-la, farei uma condição: O homem branco terá que tratar os animais desta terra como se fossem seus irmãos.

Sou um selvagem e não compreendo de outro modo. Tenho visto milhares de búfalos a apodrecerem nas pradarias, deixados pelo homem branco que neles atira de um trem em movimento.

Sou um selvagem e não compreendo como o fumegante cavalo de ferro possa ser mais importante que o búfalo, que nós caçamos apenas para nos mantermos vivos.

Que será dos homens sem os animais? Se todos os animais desaparecem, o homem morreria de solidão espiritual. Porque tudo isso pode cada vez mais afetar os homens. Tudo está encaminhado.

Deveis ensinar a vossos filhos que o chão onde pisam simboliza as cinzas de nossos ancestrais. Para que eles respeitem a terra, ensinai a eles que ela é rica pela vida dos seres de todas as espécies. Ensinai a eles o que ensinamos aos nossos: Que a terra é a nossa mãe. Quando o homem cospe sobre a terra, está cuspidando sobre si mesmo. De uma coisa nós temos certeza: A terra não pertence ao homem branco; o homem branco é que pertence à terra. Disso nós temos certeza. Todas as coisas estão relacionadas como o sangue que une uma família. Tudo está associado. O que fere a terra fere também aos filhos da terra.

O homem não tece a teia da vida: É antes um dos seus fios. O que quer que faça a essa teia, faz a si próprio.

Mesmo o homem branco, a quem Deus acompanha e com quem conversa como um amigo, não pode fugir a esse destino comum. Talvez, apesar de tudo, sejamos todos/as irmãos/ãs.

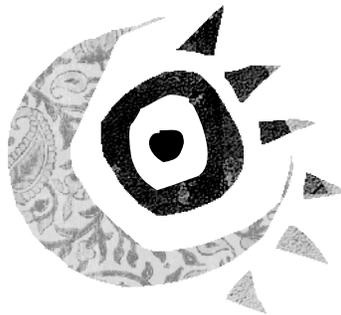
Nós o veremos. De uma coisa sabemos, é que talvez o homem branco venha a descobrir um dia: Nosso Deus é o mesmo Deus.

Podeis pensar hoje que somente vós o possuís, como desejais possuir a terra, mas não podeis. Ele é o Deus do homem e sua compaixão é igual tanto para o homem branco, quanto para o homem vermelho.

Esta terra é querida dele, e ofender a terra é insultar o seu criador. Os brancos também passarão talvez mais cedo do que todas as outras tribos. Contaminai a vossa cama, e vos sufocareis numa noite no meio de vossos próprios excrementos.

Mas no nosso parecer, brilhareis alto, iluminado pela força do Deus que vos trouxe a esta terra e por algum favor especial vos outorgou domínio sobre ela e sobre o homem vermelho. Este destino é um mistério para nós, pois não compreendemos como será no dia em que o último búfalo for dizimado, os cavalos selvagens domesticados, os secretos recantos das florestas invadidos pelo odor do suor de muitos homens e a visão das brilhantes colinas bloqueada por fios falantes.

Onde está o matagal? Desapareceu. Onde está a água? Desapareceu. O fim do viver e o início do sobreviver."





Coleção

Na trilha do grupo de jovens

Essa é uma coleção de “pontos” para serem refletidos nos grupos de jovens. Não há uma seqüência numérica, mas sim o propósito de oferecer uma ferramenta para contribuir com os planejamentos dos grupos. A escolha se dá no aspecto que se percebe uma maior necessidade de apoio no caminho feito com os/as jovens. Os “pontos de reflexão” estão organizados dentro de trilhas que podem ser usadas da mesma forma.

Esse é um conjunto de encontros para apoiar o processo de educação da fé dos grupos a partir do caminho que estão fazendo na sua realidade concreta. Um grupo que faz processo é um grupo que planeja seu caminho dentro de uma perspectiva integral. Nesta coleção, o conjunto de jovens é convidado a viver a mística cristã a partir do local por onde viveu ou passou Jesus. Nesse exercício, todos/as devem buscar símbolos que unam o grupo no mesmo sentido.

Como iniciar o grupo de jovens?

Este é o roteiro atualizado e ampliado com o lugar místico, Belém. Traz pontos norteadores para iniciar um grupo de jovens, seguindo um caminho que parte da pessoa do/a jovem até o planejamento da vida em grupo. É um dos materiais mais utilizados nos dias atuais. Seu objetivo é construir grupos em todos os espaços onde vivem os/as jovens como sinal de Belém, uma periferia do mundo que acolheu o Salvador. Assim, os grupos também podem ser uma Boa Notícia para a juventude.

Como dinamizar um grupo de jovens?

Esse caderno traz vários pontos sobre o processo de capacitação técnica, trabalhando desde a pessoa do/a jovem, projeto de vida e comunidade eclesial, até o planejamento mais amplo. Esses temas são propostos a partir da mística de Emaús, caminhando com o ressuscitado e celebrando em comunidade em direção da vida.

Como desenvolver a integração do grupo de jovens?

Os temas tratados neste caderno estão centrados no processo de integração do

grupo, nas relações com a pessoa, com a comunidade, com a cultura, com o cuidado e com o planeta. O Lugar Místico é Betânia, que nos convida a visitar a casa dos amigos e amigas, assim como Jesus, para jantar, gastar tempo, contar histórias e viver a experiência do amor.

Como cuidar da pessoa no grupo de jovens?

O processo de personalização é o eixo por onde os pontos de reflexão vão ajudar o/a jovem a responder perguntas sobre quem participa do grupo. O lugar místico é Nazaré. O convite busca vivenciar o cotidiano da vida de Jesus para, com ele, perceber valores, posturas e escolhas que foram feitas ao longo de sua trajetória em uma vida oculta. Assim, nossa vida também pode ser marcada por escolhas e valores da construção do Reino.

Como vivenciar a fé e a mística no grupo de jovens?

Assumir uma mística que dê sentido à vida é uma das exigências do ser humano hoje. Os pontos de reflexão provocam o grupo de jovens a refletirem sobre os referenciais da fé e da mística cristã no seguimento a Jesus e no compromisso a partir da Samaria. Esse lugar é o encontro com as diversas culturas buscando contemplar Deus que cria o diverso e o diferente, reconhecendo este mesmo Deus nas pessoas e nas culturas, cultivando uma postura de respeito e encantamento.

Como desenvolver a participação social no grupo de jovens?

Uma das dimensões mais desafiadoras para o trabalho com jovens, hoje, é a política. Ela nos convida a participar, a sair dos nossos mundos particulares e ir à direção do outro/a e dos interesses sociais, ou seja, políticos. O lugar místico é Jerusalém. No caminho com Jesus, devemos assumir a dureza das escolhas de tal modo que haja um câmbio nas estruturas. Isso exige firmeza, compromisso, coragem, entrega e oração para que a vida vença a morte.

Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude

AJU - Casa da Juventude Pe. Burnier
11ª Avenida, 953, Setor Universitário.
CEP: 74605-060 - Goiânia/GO.
Fone: (62) 4009-0339 - Fax: (62) 4009-0315
caju@casadajuventude.org.br
www.casadajuventude.org.br

CCJ - Centro de Capacitação da Juventude
Rua Bispo Eugênio Demazenod, 463-A - V. Alpina
CEP: 03206-040 - São Paulo/SP
Fone/fax: (11) 2917-1425
ccj-sp@uol.com.br
www.ccj.org.br

Centro de Pastoral de Juventude Anchietaum
Rua Apinagés, 2033 - Sumarezinho
CEP: 01258-001 - São Paulo/SP
Fone: (11) 3862-0342
secretaria@anchietanum.com.br
www.anchietanum.com.br

Centro Pastoral Santa Fé
Via Anhanguera, s/nº - Km 25,5 - Cx. Postal: 46827 - Perus
CEP: 05276-000 - São Paulo/SP
Fones: (11) 3916-6200/3911-0191
pastoral@zaz.com.br
www.pastoralsantafe.com.br

Instituto de Formação Juvenil do Maranhão
Praça Gonçalves Dias, 288, Centro
CEP: 65060-240 - São Luís/MA
Fone: (98) 3221-1841
ifjuvenil_ma@yahoo.com.br

Instituto de Pastoral de Juventude Leste 2
Rua São Paulo, 818, 12º andar - sala 1203
CEP: 30170-131 - Belo Horizonte/MG
Fone: (31) 2515-5756 - Fax: (31) 2515-5453
ipjlestei@yahoo.com.br
www.ipjleste2.org.br

Instituto de Pastoral de Juventude
Rua Alegrete, 400 - Bairro Niterói
CEP: 92120-170 - Canoas/RS
Fone: (51) 3428-4993
ipj@ipjrs.org.br
www.ipjrs.org.br

Instituto Paulista da Juventude
Av. Celso Garcia, nº 3770, sala 24 Tatuapé
CEP: 03064-000 - São Paulo/SP
Fones: (11) 3571-8580/ 9826-8213/ 8176-5707
institutopaulistadejuventude@yahoo.com.br
www.ipejota.org.br

Centro Marista de Juventude

Rua Aymoré, 2480, 2º andar - Bairro de Lourdes
CEP: 30140-072 - Belo Horizonte/MG
Fone: (31) 2129-9000
cmpbh@marista.edu.br
www.cmpbh.com.br

Centro Marista de Juventude
Avenida Champagnat, 225
CEP: 29707-100 - Colatina/ES
Fone: (27) 3722-4674
cpastoralcola@marista.edu.br

Centro Marista de Juventude
Rua Pe. Champagnat, 81 - Roxo verde
CEP: 39400-367 - Montes Claros/MG
Fone: (38) 3223-6621
cmpmoc@marista.edu.br

Centro Marista de Juventude
504 Sul, Alameda 9, Lote 9
CEP: 77130-400 - Palmas/TO
Fone: (63) 3214-5878
cmppalmas@marista.edu.br

Centro Marista de Juventude
Rua São Vicente Ferrer, 610
CEP: 37370-000 - São Vicente de Minas/MG
Fone: (35) 3323-1405
cmpsvicente@marista.edu.br

Centro Marista de Juventude
Rua José de Alencar, 809, Cidade Alta
CEP: 59025-140 - Natal/RN
Fones: (84) 3221-2298/4009-5035/8882-2250
cmp.natal@marista.edu.br
www.cmpnatal.com.br

Trilha Cidadã
Rua Rio Paraguaçu, 220, Arroio da Manteiga
CEP: 93145-580 - São Leopoldo/RS
Fone/fax: (51) 3568-7451
trilhacitada@trilhacitada.org.br
www.trilhacitada.org.br

SUMÁRIO

Apresentação.....	03
Introdução.....	05
TRILHA 01 - SER JOVEM	
1º Ponto - Abrindo nossos olhos: Ser jovem, hoje e ontem.....	10
2º Ponto - Abrindo nossos olhos: Igualdade e diversidade.....	17
3º Ponto - Abrindo nossos olhos.....	21
TRILHA 02 - A VIDA NO GRUPO	
1º Ponto - Somos todos/as autores/as do nosso grupo.....	26
2º Ponto - Um por todos e todos por um.....	34
3º Ponto - Ninguém está só no mundo: a importância da comunicação interpessoal.....	40
TRILHA 03 - INTERAGINDO NOS ESPAÇOS SOCIAIS E ECLESIAIS	
1º Ponto - Tecendo redes nos trabalhos com a Juventude.....	46
2º Ponto - A Igreja que queremos ser.....	54
3º Ponto - Juventude na participação e controle das Políticas Públicas.....	61
TRILHA 04 - PLANEJAMENTO	
1º Ponto - Nossos sonhos e utopias.....	68
2º Ponto - Nossa vida, nosso chão.....	72
3º Ponto - Memória do caminho.....	76
4º Ponto - Se caminhar é preciso, caminharemos unidos/as.....	81
5º Ponto - Planejar a vida no grupo.....	89
TRILHA 05 - PROJETO DE VIDA	
1º Ponto - Pra quem não sabe aonde ir qualquer lugar serve.....	96
2º Ponto - Igreja e Comunidade: lugares de participação e compromisso.....	101
3º Ponto - Projeto de Vida: nossa casa comum.....	106
Coleção: Na trilha do grupo de jovens.....	121
Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude.....	123